

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**JOSÉ OITICICA:
ITINERÁRIOS DE UM MILITANTE ANARQUISTA (1912-1919)**

ADEN ASSUNÇÃO LAMOUNIER

LONDRINA

2011

ADEN ASSUNÇÃO LAMOUNIER

**JOSÉ OITICICA:
ITINERÁRIOS DE UM MILITANTE ANARQUISTA (1912-1919)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração Territórios do Político.

Orientador(a): Prof^a. Dr.^a ISABEL APARECIDA BILHÃO

LONDRINA

2011

Aden Assunção Lamounier

**JOSÉ OITICICA:
ITINERÁRIOS DE UM MILITANTE ANARQUISTA (1912-1919)**

Banca examinadora

Prof^a. Dr.^a Isabel Aparecida Bilhão
Orientador(a)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt
Examinador externo

Prof. Dr. Andre Luis Joanilho
Examinador interno

Londrina, 15 de agosto de 2011

AGRADECIMENTOS

À prof^a. Dr.^a Isabel Aparecida Bilhão pela orientação e paciência durante todo o período do Mestrado. Pela disponibilização de recursos, conselhos e conversas que se estendiam além das orientações e da vida acadêmica, que acabavam por tornar mais fácil a continuação de meus estudos, me incentivando quando o cansaço prevalecia.

Ao prof. Dr. Benito Shmidt, com o qual muito aprendi sobre produção biográfica por meio da leitura de suas obras. Agradeço ainda por ter aceito o convite para participar da banca examinadora desta dissertação.

Ao prof. Dr. André Luis Joanilho, pelo conhecimento transmitido desde a época de minha graduação em História e também por compor a banca de avaliação deste trabalho.

Dedico esta dissertação ao meu pai, Oswaldo Lamounier dos Passos, que a tempos já se foi, mas que me deixou como herança os valores que levo comigo, necessários para manter minha retidão. E à minha mãe, Maria de Fátima Assunção, pela educação, sacrifício, paciência, e tempo destinado à minha formação. Sem estes, seria impossível seguir minha caminhada.

Dedico de forma igual, aos meus irmãos Alex e Alan, pelo companheirismo, compreensão, amizade, auxílio em minhas pesquisas e contribuição aos meus pensares. Amigos no sentido mais bonito desta palavra, sem os quais não saberia dar um passo a frente.

Ao meu avô, João “Pereira,” que assim como meus pais é responsável direto pela minha formação, me ensinando a vencer as barreiras impostas sem desviar de meus ideais.

Ao grande amigo Reinaldo Félix, às minhas tias Gislaine, Vanda e Marilza, meus padrinhos Orlando e Vilma, aos meus primos, às minhas cunhadas, Mariana e Maiara. Cada um tem sua parcela de responsabilidade na conclusão deste mestrado. E ao meu tio Maxuel e à minha avó Ilda, que também já se foram, mas me ensinaram a ter força nas triagens destes meus caminhos.

À Priscila Trevisan, a qual com sua companhia me trouxe a calma fundamental para a conclusão deste estudo.

À Vanessa Silveira pelo tempo dedicado e auxílio em meus estudos, e pela paciência com meus devaneios acadêmicos durante o período de convivência. À sua

família, Dejair, Dora, Flávio e Ricardo, que por muitas vezes me acolheram em São Paulo possibilitando que efetuasse minhas pesquisas.

Dedico ainda ao prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida, que me auxiliou em meu primeiro trabalho sobre o tema *anarquismo*, à prof^a. Dr^a. Enezila de Lima que me orientou em meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, e ao prof. Dr. Paulo Alves, que me apresentou o tema desta dissertação e me ajudou a elaborar o projeto de pesquisa para que conseguisse ingressar no mestrado.

Agradeço ao Cláudio e a todo pessoal da Secretaria de Pós-Graduação do Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL, e também aos meus amigos, Roberto Viana, Odilon Caldeira, Wagner José, Andrea Maioli, Carlos Henrique Pimenel, Paulo Florindo, Jorge Florindo, Luis Miotto, Eduardo Pessoa, Armando Augusto, Fabiano dos Santos, Renato Bellucci, Welington Almeida, Herbert, Diego, Mateus e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Enfim, é da convivência, da relação com cada um destes aqui citados, que fui construindo as bases que me possibilitaram a conclusão de mais esta etapa da minha vida acadêmica, e por isso mesmo encontrei grande dificuldade ao tentar transmitir em palavras toda a gratidão que tenho por eles.

Sem mais, ficam meus eternos agradecimentos por tudo que me ofereceram.

LAMOUNIER. Aden Assunção. **JOSÉ OITICICA: ITINERÁRIOS DE UM MILITANTE ANARQUISTA (1912-1919)**. 2011. 145 Follhas. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

Este trabalho trata da militância de José Oiticica, analisando seus estudos, artigos, livros, atuações e seus jornais. O enfoque situa o contexto do movimento sindical brasileiro, com ênfase à ‘vida anarquista’ de José Oiticica. O doutrinário, o dirigente, o líder e o militante ácrata, que tem na historiografia brasileira um lugar especial, como veremos ao longo desta análise. O recorte temporal está delimitado cronologicamente entre 1912 e 1919. A opção por este período se deve ao fato de, em 1912, Oiticica ter declarado, no semanário anticlerical *A Laterna*, ser anarquista. A pesquisa termina em 1919 por ser o ano em que Oiticica retorna ao Rio de Janeiro, após ter sido condenado por “encabeçar” o levante grevista na Capital Federal, em novembro de 1918, tendo como pena, o desterro a Alagoas. Portanto, pretendo analisar o perfil deste militante na história do anarquismo carioca me deixando guiar pelas multifacetadas escolhas do indivíduo, observando sua trajetória a partir de seus conflitos, suas realidades, suas decepções, meios de atuação e também o ambiente sociocultural e político em que ele viveu. Busco analisar o indivíduo como alguém inserido em um coletivo e não como um ser autônomo, percebendo simultaneamente suas singularidades e suas múltiplas relações com o meio em que viveu, ou seja, sua história de vida. Assim, acredito que seja possível uma reflexão sobre a construção do anarquismo de Oiticica e também de parte das características do movimento operário daquele Estado.

Palavras chave: José Oiticica, anarquismo, movimento operário.

LAMOUNIER. Aden Assunção. **JOSE OITICICA: WAYS OF AN ANARCHIST MILITANT (1912-1919)**. 2011. 145 Follhas. Dissertation (Master's degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

This work is about the militancy of Jose Oiticica, analyzing his studies, articles, books, activities and his newspapers. The approach places the Brazilian trade union movement emphasizing the "anarchist life" of Jose Oiticica. The teacher, director, leader and the anarchist militant who has a special place in the Brazilian historiography, as we'll see along this analysis. The timeframe is delimited between 1912 and 1919. The choice for this period is due to the fact that, in 1912, Oiticica declared himself an anarchist, in the anticlerical weekly A Lanterna. The research finishes in 1919, when he came back to the city of Rio de Janeiro, after he was condemned for being the strike leader in the capital of the country, in November 1918, punished with banishment in the state of Alagoas. Therefore, I intend to analyze the profile of this militant in the story of anarchism in the state of Rio de Janeiro guiding myself by his many-sided choices, observing his course based on his conflicts, context, deceptions, means of action and also the sociocultural and political context. I intend to analyze the person as somebody who was inserted in a collective and not as an autonomous human being, realizing, at the same time, his particularities and his connections with the place and time he lived, that is to say, his story of life. So, I believe that's possible to reflect about the building of the Oiticica's anarchism and also reflect about some characteristics of the worker movement in that state.

KEY WORDS: Jose Oiticica, anarchism, worker movement.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FORJ - Federação Operária do Rio de Janeiro

CBT - Confederação Brasileira do Trabalho

FORB - Federação Operária Regional Brasileira

COB - Confederação Operária Brasileira

CGT - Confédération Générale Du Travail

PCB - Partido Comunista Brasileiro

UOFT - Operários em Fábricas de Tecidos

UGT - União Geral dos Trabalhadores

UCC - União da Construção Civil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - Entre o patriotismo e o anarquismo: as escolhas possíveis?...	25
1.2- José Oiticica: Um novo inimigo do Estado.....	34
CAPÍTULO II – O fazer-se anarquista de José Oiticica.....	57
2.1- A construção da Idéia e suas possíveis influências.....	58
2.2 – Inimigos da Teoria Anarquista.....	74
2.3 -A construção de uma liderança.....	88
CAPÍTULO III – O movimento operário carioca em ebulição: Oiticica e seus camaradas se levantam contra o capitalismo.....	97
3.1 O Fervor Operário entre os anos 1917 e 1918 no Rio de Janeiro: Oiticica e outros militantes em plena ação.....	100
3.2 – Um pai de família anarquista: possíveis análises sobre educação dos filhos, espaço de militância e espaço familiar.....	121
3.3- Oiticica segue para Alagoas: análises de um desterro e seus efeitos sobre as “Idéias subversivas”.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135

INTRODUÇÃO

Desde o início do ano de 1917, a *Federação Operária do Rio de Janeiro*, FORJ, promoveu uma intensa campanha contra o aumento dos aluguéis, dos alimentos e pelo fim da carestia em geral, cujos efeitos, como sempre, tornavam mais amarga a vida dos operários. A FORJ realizou comícios em praça pública nos diversos bairros da então Capital Federal, aos sábados e domingos à tarde¹. Participando da organização e realização destes eventos estava o anarquista José Oiticica, que havia se declarado militante da causa em 1912, defendendo-a até a data de sua morte, em 1957.

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a multifacetada “trajetória anarquista” de José Rodrigues Leite Oiticica. Para uma análise mais completa de personagens faz-se necessário, como afirma Gilberto Velho, observar “os conflitos, alianças e a interação em geral” que são, também, responsáveis pela construção da própria vida social, a qual está relacionada à “interação entre indivíduos e suas redes de relações”, isto porque o papel social de um indivíduo não está situado em um único plano, pelo contrário, a própria existência individual “está condicionada a essas múltiplas realidades”². Sendo assim, acredito que, ao abordarmos tal trajetória, conseguiremos, ao menos em parte, conhecer o personagem, seus conflitos, suas realidades, suas decepções, meios de atuação e suas experiências sociais e também o ambiente sociocultural e político em que ele viveu.

O recorte temporal deste trabalho será delimitado cronologicamente entre 1912 e 1919. A opção por este período se deve ao fato de, em 1912, Oiticica ter declarado, no semanário anticlerical *A Lanterna*, ser anarquista. Escolhi encerrar o trabalho em 1919 por ser este o ano em que o personagem retornou à Capital Federal, após ter sido deportado juntamente com sua família para o Estado de Alagoas devido a sua participação na greve de caráter insurrecional ocorrida no Rio de Janeiro em 1918³. Assim, a pesquisa se dá, temporalmente, entre sua entrada no anarquismo e o retorno de seu desterro.

¹ ROMERO, José, “José Oiticica: recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário”, **Ação Direta**. Ano 11, nº120, ago-set. 1957.

² VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 21.

³ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2º Ed. 2002. Essa questão será retomada e aprofundada no Terceiro Capítulo.

O trabalho será desenvolvido a partir das premissas da análise biográfica, buscando não apenas contar uma “história miúda”, mas, sobretudo, como argumenta Benito Bisso Schmidt, “permitir uma compreensão matizada e plural”⁴ do biografado. Neste caso, da participação de Oiticica no movimento operário carioca do início do século XX.

Para tanto, a abordagem biográfica realizada neste trabalho não será efetuada de maneira tradicional, ou melhor dizendo, não será construída uma biografia tradicional de José Oiticica. Tais biografias costumam ser elaboradas a partir de narrativas factuais e lineares dos “grandes homens” da história, desde seu nascimento até sua morte, procurando assim apresentar o biografado como um exemplo ou um modelo a ser seguido, enfatizando características exemplares desses “grandes homens”. Segundo Regina Xavier,

Tratava-se de acentuar o homem, sua capacidade criadora e sua força de ação, mas ao fazê-lo, reivindicava-se o direito daqueles que fazem a história em detrimento do comum dos mortais, que deviam, por sua vez, contentar-se com um tratamento mais coletivo.⁵

Segundo Magda Ricci, biografias escritas nesse molde, cujo propósito era, em geral, “ensinar aos presentes os passos de homens e mulheres que, vivendo em um passado menos civilizado [...] conseguiram se sobressair, avultando-se perante os demais”⁶, tiveram seu apogeu entre 1930 e 1945 e estavam ligadas à História Política tradicional. A partir da renovação historiográfica, que fez com que a História Política passasse a pensar a história não apenas sob a ótica das classes dominantes e a dialogar com a História Social, o conceito de Política foi ampliado, alargando também as fontes e documentos a serem estudados.

Tal renovação, conseqüentemente, trouxe mudanças na forma de se escrever biografias. Assim, procuro no presente trabalho seguir as novas questões metodológicas, propostas pelos historiadores biógrafos que serão apresentadas a seguir. Não deixando de analisar os clássicos da historiografia operária, procuro construir um Oiticica, talvez,

⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o Tribuno: Caminhos, encruzilhadas e ponte de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**. Tese de Doutorado em História. UNICAMP, Ano 2002, p.19.

⁵ XAVIER, Regina Célia Lima. “O desafio do trabalho biográfico”. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos, **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed UFRS, 2000, p.162.

⁶ RICCI, Magda. “Como se faz um vulto na história do Brasil”. In: GUAZELLI, op.cit, 2000, p.154.

diferente do que é observado por eles.

Sabina Loriga, em entrevista realizada por Schmidt, afirma que as novas abordagens biográficas “não pensam a sociedade como uma totalidade independente das vontades individuais”. Pelo contrário, a biografia deveria ser um conjunto no qual se reuniria o todo social com as vidas individuais. O indivíduo ganha espaço nas explicações das estruturas sociais. Para ela, é a partir do estudo do indivíduo que poderemos alcançar uma melhor análise das sociedades⁷. Acredito que assim podemos notar como foi se construindo nosso personagem e suas visões de mundo: a partir de suas relações nos meios sociais.

Com a ampliação da concepção de fontes, os historiadores biógrafos vêm-se obrigados a buscar documentação em lugares antes “estranhos” ao ofício, como arquivos privados, escritos particulares (diários, anotações pessoais), entre outros, pois todo homem torna-se passível de ser biografado, deixando de lado a idéia de se escrever apenas sobre os “heróis e seus grandes feitos”.

Para Schmidt, o retorno da biografia está ligado à chamada “crise da história científica”. Em suas palavras,

[...]Durante muito tempo, sob a tripla influência de Marx, Durkheim e Braudel, o biográfico, e de forma mais geral o acontecimento, foi visto como a superfície da história, o epifenômeno de estruturas socioeconômicas profundas e impessoais, de uma consciência social externa ao indivíduo e de processos de longa duração não redutíveis às existências individuais. Hoje, pelo contrário, com o descrédito das totalizações, dos modelos explicativos genéricos e das idéias de sujeito universal e de sentido da/na história, ressurgiu o interesse pelas trajetórias individuais.⁸

Logicamente, esta “volta” da biografia chega com uma problemática renovada, trazendo novas questões a serem pensadas, novas metodologias de pesquisa e novas proposições teóricas, sempre buscando maior abrangência de conhecimento do personagem/indivíduo/sujeito escolhido para análise.

Podemos notar esse “descrédito das totalizações”, assinalado por Schmidt, em

⁷ SCHMIDT, Benito. “Entrevista com Sabina Loriga: A história biográfica”. *Métis. História & Cultura*, Caxias do Sul, p. 11-23, jun. 2003.

⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. “A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de contexto”. In: GUAZELLI. Idem, 2000, p.123.

vários estudos efetuados no campo da história, que vão se amparar nas discussões que se realizam sobre estudos micro-analíticos, os quais, segundo Paul-André Rosental, baseiam-se “na crença da possibilidade efetiva de reconstituir as cadeias causais, que estão no centro das suas preocupações”⁹. A nova abordagem biográfica tem seguido esta linha da micro-análise¹⁰, pois, conforme Giovanni Levi, a análise micro-histórica “[...] é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.”¹¹

Apoiando-se na micro-história, os historiadores vão começar a mudar seus objetos, buscando, segundo Francisca Azevedo, a partir de um fato ou situação singular, “as racionalidades e as estratégias que regulam as relações sociais”¹². Assim, como observaremos no Primeiro Capítulo, é um fato singular, que talvez pudesse passar em branco se analisado dentro de uma perspectiva macro-estrutural, o que leva José Oiticica a se encontrar com as teorias anarquistas; é em uma conversa com seu primo que possivelmente nosso personagem inicia suas leituras sobre a idéia ácrata.

A partir da redução da escala de estudos busca-se uma melhor compreensão das mudanças e movimentos, analisando-se as quebras e continuidades dos processos históricos. Essa diminuição de escala não compromete a pesquisa, pelo contrário, segundo Jaques Revel, “a micro-história se propõe a enriquecer a análise social, tornando suas variáveis mais complexas e também mais móveis”¹³, pois as observações partirão do estudo dos indivíduos, e não mais somente da estruturas, para assim reconstruir as modalidades de análise da agregação ou desagregação social.

Para tanto, em concordância com Revel, os micro-historiadores não se contentam em registrar apenas a imposição factual, vão transformá-la em princípios

⁹ ROSENTAL, Paul-André. “Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Frederick Barth e a ‘microhistória’”. IN: REVEL, Jacques (org). **Jogos de Escalas: A experiência da microanálise**. Trad: Dora Rocha, Rio de Janeiro, FGV, 1998, p. 172.

¹⁰ LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996, p. 168.

¹¹ LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p.136.

¹² AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. “Biografia e Gênero”. In: GUAZELLI. Idem, p.131.

¹³ REVEL, Jaques. **Jogos e Escalas, a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FUG.1998, p. 23.

epistemológicos,¹⁴ pois é a partir do comportamento dos indivíduos que estes pesquisadores tentarão reconstruir as seqüências e rupturas dos processos históricos. Ao compartilhar dessa idéia, podemos entender que o estudo do indivíduo nos revelará partes deste estrato social, possibilitando dessa maneira uma pesquisa mais aprofundada e sua melhor compreensão. Sendo assim, ao fazer uma abordagem biográfica de um período da vida de José Oiticica, busco observar as variáveis existentes que o levaram a tomar decisões, sem procurar enquadrá-las de uma maneira teleológica ou tomá-las como sempre coerentes e lineares.

Hoje, o estudo sobre os grandes homens já não é a principal preocupação da historiografia. Atualmente é o homem comum o objeto privilegiado dos estudos sobre a cultura popular, nos trabalhos com história oral, história das relações de gênero e movimentos sociais. Essa redescoberta da biografia, escreve Sabina Loriga, “[...] remete principalmente às experiências no campo da história atentas ao ‘cotidiano’, a ‘subjetividades outras’.”¹⁵

Por isso optei por analisar a trajetória anarquista de José Oiticica, elegendo-a como o “fio condutor” desta pesquisa, a qual se desenvolve, também, dentro do movimento operário carioca do início do século XX, até 1919. A trajetória de Oiticica se constrói a partir de “projetos” dentro do “campo de possibilidades”¹⁶. Pois, segundo Velho,

as trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades.¹⁷

Assim, ao estudar trajetória de um personagem, podemos construir, também, partes do contexto em que ele atuava. Portanto, acredito que tendo como fio condutor o Oiticica anarquista, poderemos conhecer, ao menos em parte, o contexto operário da época. Para tanto, tento me deixar guiar pelas multifacetadas escolhas do indivíduo,

¹⁴ REVEL, Jaques. **Jogos e Escalas, a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FUG.1998, p. 32.

¹⁵ LORIGA, Sabina. “A Biografia como problema”. In: Revel, op. cit, p. 246.

¹⁶ Sobre “campo de possibilidades” e “projetos”. Ver: VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹⁷ VELHO, Gilberto, op. cit, p.46.

procurando observar suas experiências, relações sociais, interpretações de mundo, etc.¹⁸

Como já relatamos, esta nova forma de se fazer biografia relaciona-se com a ampliação das fontes de pesquisa, obrigando assim o historiador a procurar em novos “terrenos” documentos para respaldar sua análise. Isto fez com que a pesquisa se tornasse mais interdisciplinar, pois o historiador biógrafo passa a dialogar com outras áreas, como a história social, cultural, micro-história e também como a Ciências Sociais, Literatura, Psicologia, etc.

Mas, longe de resolver todos os problemas metodológicos da pesquisa, a biografia traz para sua análise várias questões metodológicas já existentes nestas áreas. Sendo assim, conforme Schmidt,

O historiador biógrafo não vai se eximir dos problemas metodológicos de sua área e de áreas afins, pelo contrário, ele terá que articular os conceitos e discutir a lógica dos acontecimentos históricos para biografar qualquer pessoa inserida, ou não, em um movimento ou grupo social.¹⁹

Levi assinala que a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humana²⁰. Veremos a seguir alguns problemas metodológicos, em relação à pesquisa biográfica, que selecionei para apresentar aqui.

Um dos problemas enfrentados pelos biógrafos é a relação entre História e Literatura. Isso porque, usando as palavras de Jaques Le Goff, “[...] a biografia deve se fazer, ao menos em certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos eventos individuais ou coletivos.”²¹ A biografia constitui um canal por onde os questionamentos e técnicas da Literatura são levados ao campo da História. As discussões sobre o fazer História ou fazer Literatura pouco a pouco fizeram com que

¹⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. “A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de contexto”. In: GUAZELLI. op. cit, p. 121-128.

¹⁹ SCHMIDT. Benito Bisso, op. cit, loc. cit.

²⁰ LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: FERREIRA, op. cit, p. 246.

²¹ LE GOFF, Jacques “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?” p.49-50. APUD : SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o Tribuno: Caminhos, encruzilhadas e ponte de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**, Tese de Doutorado em História. UNICAMP, Ano 2002, p. 24.

fossem surgindo diferenças nesses campos. Segundo, Azevedo.

Na literatura, a ficção tem livre trânsito, é recurso rotineiro do autor quando não tem documentação suficiente para desenhar o personagem e necessita explicar um fato, ou mesmo tornar sua narrativa mais interessante. [...]. Na história o caminho é outro: sem querer estar ao lado do rigor positivista, a documentação deve imprimir ponto de vista à narrativa, é ela que determina e dirige o caminho a percorrer.²²

Podemos perceber então que, segundo esta óptica, o que divide esses estilos de biografia entre literária e histórica é a utilização da ficção na composição do texto. Sobre o uso da ficção, François Dosse escreve que “o recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida”²³. Sendo assim o “gênero biográfico é uma mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica”²⁴. Para o autor, o biógrafo deve manter o meio termo entre erudição e ficção, pois “ceder a qualquer desses dois elementos mutuamente excludentes só faria com que o biógrafo se perdesse nos dois planos”²⁵.

Assim, em certos momentos deste trabalho, nos quais as fontes não me permitiram supor as intenções do personagem, procurei levantar possibilidades para tais ações, valendo-me da criatividade literária, como forma de ponte entre uma atitude e outra. Optando pela técnica da narração, os historiadores biógrafos devem articulá-la à explicação, ou seja, história narrativa e história problema. Esta última procura elaborar respostas possíveis para uma pergunta que, feita de início, embasa os rumos da pesquisa e apóia o olhar lançado às fontes.

Outro problema metodológico é o risco da representatividade, ou seja: até que ponto os personagens biografados representam sua época e/ou sua classe? Ao se pensar nisso, surgem dois problemas, “escrever uma narrativa vazia de sentimentos sociais mais amplos e, por outro lado, escrever uma narrativa valorizando apenas a parte portadora de sentidos sociais da vida do biografado”²⁶. A saída, sempre complexa, para tal questão, talvez seja percebermos a relação entre o indivíduo, sua singularidade, e a sociedade na

²² AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. “Biografia e Gênero”. In: GUAZELLI. Idem, Porto Alegre: Ed UFRS, 2000, p.132.

²³ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009, p.55.

²⁴ DOSSE, François, op. cit, p.60.

²⁵ DOSSE, François, op. cit, p.63.

²⁶ XAVIER, Regina Célia Lima. “O desafio do trabalho biográfico”. In: GUAZELLI, op. cit, p.165.

qual vive, buscando assim a inter-relação entre o individual e o coletivo.

O historiador biógrafo passa por outro problema: o risco de, ao biografar um personagem, acabar apenas transcrevendo o que pensa ser a história de vida deste, findando por escrever uma biografia na qual o personagem sempre seguiu uma trajetória linear, coerente e sem indecisões. A isso Pierre Bourdieu chama de “ilusão biográfica”, para ele,

o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que ‘se entrega’ a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica, tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada.²⁷

Então, ainda segundo Bourdieu, conformar-se com isso, com essa trajetória coerente, cronológica, numa sequência de acontecimentos enquadrados em uma direção linear, é aceitar “uma ilusão retórica”, porque o real é descontínuo, imperfeito e indeciso.

Devemos notar ainda a diferença entre história de vida e biografia, pois uma biografia preocupa-se com as relações sociais nas quais o biografado está inserido e não é feita apenas da ordenação cronológica dos fatos vividos pelo indivíduo. Haïke Roselane Kleber da Silva, ao falar de seu trabalho biográfico sobre Jacob Aloys Friederichs, afirma que as pesquisas biográficas devem “evitar o binômio vida e obra”, sem prender sua construção apenas à memória do personagem ou “à celebração de seus fatos”. Neste caso, trazer apenas os grandes feitos de Oiticica dentro do movimento operário seria um erro, pois não revelaria a construção do anarquismo no personagem nem as facetas vividas por ele, que permitiram seus projetos dentro de seus campos de possibilidades. O caminho a seguir é a análise da multiplicidade e imprevisibilidade de fatos que interferem e formam a trajetória de um indivíduo.²⁸

No entanto, Azevedo faz uma ressalva, pois,

embora a biografia não se restrinja à história de vida, a construção de uma biografia não pode prescindir das histórias de vida, [...] essa imprescindibilidade decorre do fato da biografia ter como ponto de partida o conhecimento da vida

²⁷ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, op. cit, p. 246.

²⁸ HAIKE, Roselane Kleber da Silva. “Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs?” IN **Métis: história e cultura**. Caxias do Sul, EDUSC, v.2,n.3, jan-jun/2003, p.147.

do biografado. Porque a história situa-se na confluência desta com a do ser social, isto é, aquele que combina uma dupla condição: a do indivíduo e a do cidadão.²⁹

Sendo assim, é importante percebermos que, ao construir uma biografia, devemos analisar o indivíduo como um ser que está inserido em um coletivo e não como um ser autônomo, percebendo simultaneamente suas singularidades e suas múltiplas relações com o meio em que vive, ou seja, sua história de vida.

Ainda sobre a metodologia podemos encontrar mais um problema: o risco de cairmos em anacronismos ao tentarmos legitimar conceitos elaborados em época posterior. Portanto, devemos analisar o personagem sempre de forma contextualizada, buscando identificar, a partir de códigos de linguagem, gestuais, morais, entre outros, diferentes aspectos de sua cultura. Assim, a biografia aparecerá como uma leitura possível do universo abordado.

Ainda sobre a contextualização, ela parece um problema não tão fácil de resolver, e de suma importância para a realização do trabalho biográfico. Schmidt afirma que,

Normalmente se diz que uma boa biografia é aquela que insere o indivíduo no seu contexto. Mesmo que isto não seja a intenção, tal afirmativa supõe que o biografado mantenha uma relação de exterioridade com a época em que viveu, como se o contexto fosse uma tela pronta e acabada, onde se colocariam os personagens. Nesse caso, como salienta Margareth Rago, o principal perigo é o de criar as 'condições do contexto', a 'ilusão do real' da sociedade estudada, para depois situar de fora para dentro os personagens. Estes virariam autômatos, pois o autor os inscreveria em um espaço já formado.³⁰

Então, os estudos biográficos deveriam ser construídos em uma relação entre o individual e o coletivo, entre o singular e o plural, paralelamente. Assim, talvez, consigamos construir tanto o personagem como o contexto, em uma interação que se seguirá sem que um se sobreponha ao outro, sem elaborar uma narração "à moda antiga", a qual se limita à história do personagem, e sem, também, enquadrá-lo em um contexto já pronto.

Diferente da teoria funcionalista, na qual o contexto explica o comportamento social, na biografia ele será pensado para percebermos a gama de variáveis que compõe a vida

²⁹ AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. "Biografia e Gênero". In: GUAZELLI, op. cit, p. 134.

³⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. "A biografia histórica: o 'retorno' do gênero e a noção de contexto". In: GUAZELLI. Idem, p. 123.

do personagem e vice-versa. Aqui, ele vai nos mostrar as falhas do sistema normativo pelas quais o personagem exercita suas liberdades. Pois, para Levi, “a micro-história [...] concentra-se [...] nas contradições dos sistemas normativos e, por isso, na fragmentação e na pluralidade dos pontos de vista que tornam todos os sistemas fluídos e abertos”.³¹

O contexto também pode nos permitir preencher lacunas nas documentações pesquisadas sobre a época em que viveu o personagem. Por meio do contexto podemos construir hipóteses sobre o personagem. É importante ressaltar, conforme afirma Magda Ricci, que, ao utilizarmos essa ferramenta, devemos sempre ressaltar o texto com as palavras “talvez” ou “é possível”³². Guinzburg, ao falar dos personagens biografados por Natalie Davis, afirma que muitas vezes ela usa da ferramenta de análise do contexto para sanar a falta de “provas” e aprofundar suas pesquisas em relação ao objeto, assim escreve: “a biografia dos personagens de Davis se torna, de vez em quando, a biografia de outros ‘homens e mulheres do mesmo tempo e do mesmo lugar’, reconstruída com sagacidade e paciência mediante fontes cartoriais, judiciárias, literárias”³³. Amparado nestas afirmações, utilizei-me de algumas facetas de outros personagens da história para preencher certas lacunas da vida de Oiticica.

Por exemplo: tentando entender qual foi seu pensamento após ter sido reprovado em alguns concursos estaduais, mesmo atingindo as melhores notas, e procurando perceber como isso pode ter influenciado em sua trajetória, me amparei nas reflexões de Benjamin Constant, o qual passou por situação parecida, e teve seus relatos sobre estes fatos transcritos por Renato Lemos em *Benjamin Constant: vida e história*. Portanto, a partir das declarações “indignadas” de Constant sobre o Estado, faço uma aproximação com as experiências de Oiticica, supondo que ele pudesse compartilhar de sentimentos semelhantes após ter sido preterido nestes concursos.

Um último problema teórico-metodológico que gostaria de ressaltar, é a “busca pela origem” que alguns historiadores biógrafos acabam efetuando em seus textos. Segundo Xavier, “ao reconstruir uma biografia é preciso, pois, ter-se o cuidado para não lhe atribuir

³¹ LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 138.

³² RICCI, Magda. “Como se faz um vulto na história do Brasil”. In: GUAZZELLI. Idem, p. 147-159.

³³ GUINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rosa Freire d’Aguilar e Eduardo Brandão, São Paulo, Cia das Letras, 2007, p.316.

significados externos. Da mesma maneira, é preciso manter-se atento para não se perder em uma busca de origens ou na atribuição de causalidades aos acontecimentos”³⁴. A busca pela origem aparece nos textos geralmente antecipada pelas frases “desde quando pequeno já demonstrava...” ou “nesta época já se notava...”, o que traz a impressão de que todas as atitudes tomadas pelo personagem são coerentes e que ele sempre teve em mente o que queria ser ou a meta a atingir. E, como já foi dito anteriormente, o real é indeciso, inconstante, não linear e não teleológico. Por isso devemos tomar cuidado ao biografar alguém para não incorrer em tal equívoco analítico.

Podemos notar que a pesquisa das trajetórias individuais permite várias análises de possibilidades de caminhos a serem percorridos, a interdisciplinaridade, a ampliação das fontes, os novos objetos que passam a ser passíveis de observações. Tudo isso faz com que os historiadores abordem o problema biográfico de maneira bastante diversa e cada vez mais complexa.

Levi apresenta alguns exemplos de formas de se fazer uma biografia³⁵. Temos a *biografia modal*, na qual as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou aparências ligadas às condições sociais; a *biografia que utiliza o contexto*, que conserva sua especificidade, utilizando o contexto tanto para a compreensão do fato como para o preenchimento das lacunas documentais, e a *biografia e os casos extremos*, em que as biografias são usadas especificamente para esclarecer o contexto, como, por exemplo, o caso de Menocchio, personagem do livro *O queijo e os vermes*, de Guinzburg.

Escolhi estudar Oiticica pensando-o em sua trajetória militante por acreditar que, a partir de sua biografia, seja possível efetuar uma análise mais densa das relações que compõem sua vida. Usando como fio condutor da pesquisa a multifacetada trajetória de Oiticica, penso ser possível observar parte das variáveis que compõe suas escolhas, suas experiências e suas relações sociais, que acabam por construir um Oiticica que ainda não foi observado.

Na historiografia operária brasileira a presença dos anarquistas é latente. Assim,

³⁴ XAVIER, Regina Célia Lima. “O desafio do trabalho biográfico”. In: GUAZELLI. Idem, p.166.

³⁵ LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

José Oiticica, ainda que menos estudado, não foi deixado de lado por alguns autores da história do movimento operário brasileiro. Segundo Renato Luiz Lauris Junior , “os primeiros escritos sobre José Oiticica aparecem em textos necrológicos escritos por intelectuais, companheiros de profissão, de vivências distantes que mantinha em sua militância”³⁶. Reconheciam sua capacidade intelectual, mas não exaltavam sua militância. Essa exaltação ficou a cargo de militantes, apreciadores, companheiros da luta operária e anarquista e também colaboradores do último periódico que ele fundou e dirigiu, o *Ação Direta*.

Geralmente as obras escritas por esses últimos demonstram uma profunda admiração pelo professor anarquista, descrevendo suas atividades e grandes feitos como teórico e propagador da teoria ácrata. Como exemplo destes autores podemos citar Roberto das Neves e Edgar Rodrigues, colaboradores do periódico e amigos pessoais de Oiticica. Neves, em obras como *José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil*, ressalta as características de intelectual, militante, vegetariano e místico do velho amigo. Já Rodrigues, ao mencionar Oiticica em várias de suas obras, tendo elaborado uma breve biografia em seu livro *Os libertários*, o qual contém ainda a biografia de outros anarquistas, sempre busca revelar a vida privada e a militância de nosso biografado, objetivando demonstrar como ele foi coerente e correto dentro da luta e divulgação da teoria anarquista.

Outros autores, como Sheldon Leslie Maram, Carlos Augusto Addor, Moniz Bandeira, John W. Foster Dulles, que têm suas obras reconhecidas como de grande importância para a historiografia operária brasileira e que também reservaram algumas linhas a José Oiticica, procuram demonstrar apenas seu feitos em relação ao movimento operário, sem fazer uma análise mais profunda do personagem. Essas obras são, respectivamente: *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*, *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*, *O ano vermelho*, *Anarquistas e comunistas no Brasil*.

Em obras acadêmicas encontramos análises mais densas de nosso personagem, as quais buscam compreender o papel da liderança de Oiticica no movimento operário

³⁶ LAURIS JUNIOR, Renato Luis. **José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista**. Dissertação de Mestrado em História. UNESP-Assis, 2009,p.18.

carioca, sua atuação como professor ou até sobre a formação do Oiticica intelectual e militante. Dentre estas obras destaco: *Nem Barbárie nem Civilização*, de Tereza Ventura; *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista*, de Cristina Aparecida Reis Figueira e *Elucubrações dramáticas do Professor Oiticica*, de Antonio Arnoni Prado.

Outras duas obras acadêmicas, com análises mais próximas das discussões sobre a “nova” forma de se fazer biografia são: *Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos*, de Alexandre Samis, a qual se encontra na coletânea *A formação das tradições 1889-1945*, organizada por Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis, e a dissertação de mestrado intitulada *José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista*, de Renato Luiz Lauris Junior. Tais obras buscam compreender a trajetória de Oiticica, observando algumas das variáveis existentes durante sua vida. Próximo a estas análises encontra-se também meu trabalho; amparado nas discussões sobre a “nova biografia” e longe de efetuar uma análise teleológica, busco perceber alguns dos conflitos existentes no decorrer de sua vida militante, o que também possibilita compreender parte do contexto operário e anarquista em que ele atuou, percebendo alguns conflitos existentes dentro desse movimento que, por ser composto por gente, era espaço de divergências e/ou interações de idéias e posições, não podendo assim ser analisado em blocos a partir de concepções pré- estabelecidas.

Esclareço que os problemas aqui apresentados em relação às análises biográficas não são os únicos a serem resolvidos pelos historiadores, mas são os que elegi como os de maior interesse a essa análise, buscando assim apresentá-los e discuti-los, apoiando-me nas reflexões já efetuadas por outros autores.

Portanto, a biografia é um gênero classificado como narrativa e não como método, podendo ser utilizada enquanto abordagem histórica que deve perseguir as práticas dos agentes sociais, sejam elas lutas ou militâncias, no contexto das relações sócio-políticas³⁷. Então, o estudo biográfico renovado insere-se novamente em um universo de mudanças referentes às maneiras de se analisar o passado, voltando assim a fazer parte do campo da história e dos problemas a serem analisados pelos historiadores. Apoiando-me nestes

³⁷LEVI, Giovanni, “Usos da Biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

pressupostos procurei analisar as trajetórias, individual e coletiva do personagem, buscando conhecer melhor a época e o meio social em que ele viveu. Sabendo dos riscos que essa abordagem nos traz, já discutidos acima, narrarei alguns aspectos da trajetória militante de José Oiticica, tentando perceber os conflitos e tensões existentes nas escolhas que ele realizou durante os anos estudados.

No Primeiro Capítulo, analisarei a trajetória de Oiticica desde seu nascimento, passando pelo ano de 1912, até o ano de 1916. Optei por terminar este capítulo no ano em que antecede a Revolução Russa, pois busco, posteriormente, analisar as influências que o movimento anarquista e também o operário sofreram com esse evento e, conseqüentemente, os discursos de Oiticica sobre ele. Nos capítulos posteriores procuro perceber, a partir de artigos escritos por Oiticica e outros de seus companheiros, a mudança do discurso anarquista, que antes buscava preparar o operário para a revolução e agora acredita ter chegado sua hora de manifestar-se ativamente contra o sistema de governo. Ainda no Primeiro Capítulo, a partir de fontes encontradas na historiografia e, em menor escala, nos jornais da época, procuro identificar os caminhos seguidos por Oiticica e as escolhas que poderia ter tomado, abordando assim as permanentes tensões existentes entre “os constrangimentos sociais e as liberdades individuais”³⁸, sempre tentando levar em consideração que as escolhas de vida do personagem não demonstram ou perseguem uma coerência, procurando fugir assim ao risco da “ilusão biográfica”.

No Segundo Capítulo, a partir da apresentação e análise de alguns artigos encontrados em jornais da época, analiso a trajetória de Oiticica inserido no movimento anarquista, no período de 1912 a 1917, a fim de construir a “trajetória anarquista” de José Oiticica “por ele mesmo”. Busco também perceber qual era o anarquismo defendido pelo personagem em seus escritos e também demonstrar a influência que a Revolução Russa exerceu sobre o movimento operário e anarquista, e conseqüentemente no discurso de Oiticica. Acredito que, com esta discussão, poderemos notar também alguns dos vários conflitos existentes dentro do movimento sindical da Primeira República.

No Terceiro e último Capítulo, a partir de alguns artigos publicados em jornais da

³⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o Tribuno: Caminhos, encruzilhadas e ponte de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**, Tese de Doutorado em História. UNICAMP, 2002, p.26.

época e também utilizando a historiografia sobre este período, tratarei dos anos de 1917 e 1918, período em que ocorreram várias greves no Brasil, e também a frustrada greve, dita pela historiografia, insurrecional, ocorrida no Rio de Janeiro. Essa última contou com a participação efetiva de José Oiticica que, devido a esta atuação, foi preso e julgado como um dos “cabeças” do levante. Aqueles anos foram de intensa atividade do movimento sindical, das correntes ideológicas que coexistiam dentro dele e que foram influenciadas pelo movimento revolucionário que se instaurou na Rússia. Inicialmente, apresento a conjuntura que antecede a tentativa de Insurreição e, posteriormente, a atuação de Oiticica nesta tentativa de levante e suas consequências, finalizando o Capítulo com sua deportação para Alagoas, situação que suscitou as duas últimas análises deste trabalho: a relação mantida por Oiticica com o anarquismo, após ser preso pela primeira vez, e também o fato da família tê-lo acompanhado no desterro, o que me fez observar as interações entre o militante e o arrimo de família. A pesquisa termina com sua volta ao Rio de Janeiro, em 1919.

CAPÍTULO I - Entre o patriotismo e o anarquismo: as escolhas possíveis?

Em maio de 1919, o jornal diário *A Rua* trazia a informação do retorno do anarquista José Oiticica à cidade do Rio de Janeiro:

Está no Rio de Janeiro o Dr. José Oiticica, veio no ‘Itatinga’. Um agente da Polícia Marítima vigiou-o em disfarce [...]. Foi como se tivesse rebentado uma

bomba explosiva na lancha da Polícia Marítima, quando hoje, ao fundear no porto o paquete Itatinga, da Costeira, sentado no convés, conversando com seu filho estava José Oiticica. Retido por algum tempo, foi autorizado seu desembarque, pelo Dr. Aurelino Leal.³⁹

José Oiticica voltava então, juntamente com sua família, à Capital Federal, após ter sido preso e desterrado para o Estado de Alagoas, acusado de ser um dos responsáveis por promover a greve geral do Rio de Janeiro, em novembro de 1918.

Segundo boa parte dos que estudam sua trajetória, como Edgar Rodrigues, Roberto das Neves, Alexandre Samis, Arnoni Prado, entre outros, José Rodrigues Leite e Oiticica foi um intelectual e anarquista doutrinário brasileiro que participou ativamente das lutas operárias ocorridas no país na Primeira República. Seguindo sua ideologia, realizou palestras e cursos de caráter doutrinário e educativo, escreveu artigos para jornais, elaborou peças de teatro e participou da organização da insurreição anarquista do Rio de Janeiro. Seguiu defendendo o anarquismo até sua morte, mesmo depois que este ideal perdeu espaço dentro do movimento operário para a corrente comunista.

É reconhecido também por ser um indivíduo de cultura vastíssima, tendo conhecimento em diversas áreas como d Direito, Medicina, Filologia, Ciências Humanas além de dominar vários idiomas (latim e grego clássicos, francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, russo e esperanto) sendo considerado, por intelectuais como Cândido Jucá Filho⁴⁰, um dos maiores linguistas, fonetistas e filólogos do Brasil. Nas palavras de Alexandre Samis, “apaixonado pelas letras e movido pela sua ideologia, alcançou renome internacional e foi mesmo, para alguns governos, um perigoso subversivo”⁴¹.

Segundo Nicolau Sevcenko, “em geral, no Rio de Janeiro era onde se concentrava a elite letrada [...] do Brasil”⁴². Assim sendo, podemos pensar que toda esta “cultura” adquirida por Oiticica foi certamente influenciada pelas características da intelectualidade

³⁹ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro: VRJ, 1993, p. 37.

⁴⁰ Assim como Oiticica, Cândido Jucá Filho foi professor do Colégio Pedro II, além de lingüista e filólogo, tendo publicado várias obras sobre este tema.

⁴¹ SAMIS, Alexandre. “Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos”. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Arão. **As Formações das Tradições 1889-1945**. Col. História da Esquerdas, vol. 3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 92.

⁴² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ªed. CIA das Letras, São Paulo, 2003, p.98.

a ele contemporânea. No início do século XX, afirma Schmidt, estes intelectuais “eram influenciados por diversas teorias científicas” que buscavam explicar, de uma forma racional, “a lógica do mundo natural, social [...]” e, se desvinculando de explicações abstratas e metafísicas, acreditavam que “a ciência e a técnica poderiam resolver problemas básicos da humanidade”⁴³. Toda esta bagagem científica, juntamente com suas experiências de vida, auxiliaram na construção da sua “vida anarquista”.

Como indica o título deste trabalho, busco analisar a trajetória de Oiticica, atentando-me à sua vida militante, à vida desse “perigoso subversivo”, objetivando perceber as possibilidades e os caminhos com os quais esse homem teve contato durante sua trajetória, procurando fugir de uma biografia teleológica e/ou de uma narração de história de vida, na qual todas as atitudes e decisões do biografado são coerentes, certas e lineares. O texto se desenvolverá, entretanto, quase sempre, seguindo uma ordem cronológica, buscando assim mostrar não uma idéia de predestinação, mas sim, como afirma Schmidt, apresentar a variedade de caminhos que ele (Oiticica) encontrou e a importância das escolhas feitas.⁴⁴

Sobre o período da vida de Oiticica que antecede sua adesão ao anarquismo, encontrei poucas fontes, basicamente foram documentos cartoriais que nos revelam seu local de nascimento, filiação, e também informações presentes na historiografia.

Descendente de família alagoana, José Oiticica nasceu em Oliveira, Minas Gerais, em 22 de julho de 1882, foi o quarto filho, de um total de sete, do casal Francisco de Paula Leite e Oiticica e Ana Leite e Oiticica. Seu pai era advogado, e posteriormente foi Deputado Federal pelo Estado de Alagoas, entre os anos de 1891 e 1893. Foi também Senador pelo mesmo Estado, no período de 1894 a 1900.

Podemos presumir, a partir das atividades exercidas pelo pai, que Oiticica não passou por dificuldades financeiras em sua infância, pelo contrário, veio de uma família abastada e também teve contato, desde cedo, com o mundo da política. Sendo assim, Oiticica iniciou seu aprendizado escolar aos seis anos de idade, indo estudar em um

⁴³ SCHMIDT, Benito. “ O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, n° 41, 2001, p. 113-126.

⁴⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o Tribuno**, op. cit, p.22.

internato do Colégio São Luis Gonzaga, em Petrópolis, e posteriormente no Seminário Arquidiocesano São José, do qual foi expulso, segundo Samis, por se rebelar contra os castigos corporais aplicados pelo padre-mestre. Após sua expulsão, foi matriculado no Colégio Paula Freitas, concluindo os cursos preparatórios para o ensino superior aos 15 anos de idade.⁴⁵

A formação educacional de Oiticica nos mostra traços das características de sua vida familiar, pois logo cedo foi enviado para estudar em colégios religiosos tradicionais e, possivelmente, por influência de seus pais, ingressou no ensino superior no curso de Direito, na Faculdade de Ciências Jurídicas do Recife. Seguindo a carreira do pai, buscou sua formação na mesma instituição em que ele se graduou. Não concluiu o curso de Direito em Recife e sim na Capital Federal, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, se formando em 1902.

As faculdades citadas acima também eram consideradas tradicionais, e ainda pioneiras no ensino superior das Ciências Jurídicas no Brasil, frequentadas pelos filhos de oligarcas e/ou representantes da classe alta republicana. A primeira, em Pernambuco, surgiu em Olinda na época do Império, sendo transferida, por ordem de D. Pedro I, para Recife, em 1827. Juntamente com a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, foram responsáveis pela fundação dos dois primeiros cursos superiores de Direito no país. A segunda, do Rio de Janeiro, foi fundada em 1882, sendo a terceira Faculdade de Direito brasileira.

Oiticica se matriculou ainda na Faculdade de Medicina, mas não concluiu o curso. Sheldon Leslie Maram anota que “Oiticica entrou para a Escola de Direito para completar sua educação formal, mas detestava cobrar seus serviços profissionais e abandonou a carreira jurídica”⁴⁶. É importante notarmos aqui que José Oiticica poderia, como vários jovens “herdeiros da oligarquia” da época, ter dado continuidade à carreira política do pai, o que era comum ao seu tempo, pois, como afirma José Murilo de Carvalho, tanto no Segundo Reinado quanto na Primeira República, o curso de Direito era visto como uma

⁴⁵ SAMIS, Alexandre, op. cit, p. 92.

⁴⁶ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920**. Trad: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.86.

porta de entrada para a carreira política⁴⁷. Mas, mesmo se formando em Direito, decidiu-se pelo Magistério, trabalhando como professor até ser aposentado. A possibilidade de um vasto conhecimento científico proporcionado pelos centros educacionais por onde passou possivelmente ajudaram-no a adquirir um importante manancial que seria usado em sua formação ideológica, sendo também demonstrada na sua louvável capacidade de escrita.

Como já foi visto, a busca pelo conhecimento científico diversificado retrata, segundo Samis, “bem ao estilo de seu tempo” a unificação das ciências, procurando uma síntese da humanidade. Ainda citando o mesmo autor, no início do século XX, os cursos de Direito e Medicina tentavam uma “união simbiótica do conhecimento⁴⁸”. No decorrer de toda a vida discente de Oiticica, na qual ele teve contado com disciplinas humanistas, como Sociologia e Filosofia, vão se formando suas concepções ideológicas sobre a sociedade, inicialmente, com uma coloração patriótica, em defesa do povo brasileiro, “já muito presente em alguns de seus escritos⁴⁹”. Longe de fazer parecer ou provar que nesta época o jovem Oiticica já demonstrava anseios anarquistas por sua indignação com a ordem vigente, procuro mostrar que, possivelmente, ele tenha escolhido o Magistério por acreditar que, a partir dele, seria possível realizar suas aspirações de reforma social, desejo comum no contexto brasileiro do início daquele século, em que grande parte de sua geração intelectual buscava construir um Brasil moderno a partir do conhecimento científico⁵⁰. Ele então deixa a carreira de advogado para trás, mesmo tendo em sua família um histórico na área política.

Talvez motivado por um saudosismo da época em que era aluno, José Oiticica procurou o Colégio Paula Freitas para ministrar as aulas de História, que estavam vagas. Foi nesse Colégio que ele iniciou sua carreira de docente. Por ser um estabelecimento particular, podemos pensar que ele pode ter sido favorecido pelo fato de lá ter estudado e se formado com méritos, ou também que ele pode ter se utilizado de influência familiar.

Em 1905 casou-se com sua prima, Francisca Bulhões, com quem teve seis filhos,

⁴⁷ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem, a elite política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed. 2006.

⁴⁸ SAMIS, Alexandre, op. cit, loc. cit.

⁴⁹ SAMIS, Alexandre, op. cit, p. 93.

⁵⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. CIA das Letras, São Paulo, 2003.

sendo um homem e cinco mulheres, e fundou em 1906, juntamente com sua esposa e com a ajuda financeira de seus pais, o Colégio Latino-Americano. Nele procurou aplicar suas perspectivas filosóficas, que, segundo Samis, ainda traziam alguns rasgos das ideologias republicanas.

Era ainda um Oiticica patriota, mesmo liberal, que defendia a adoção da livre iniciativa e a necessidade de um caráter empreendedor para o povo brasileiro. Afirmava que a incapacidade do cidadão nacional advinha, de resto, do “atraso de nossa educação, infundida nos hábitos pela tradição portuguesa e hoje alimentada pelos sistemas pedagógicos da França”. Elegendo as qualidades da energia, da tenacidade e do “equilíbrio prático e teórico”, apontava o espírito norte-americano como aquele necessário aos “embotados” americanos do sul. Criticando “os males de origem” e aqueles que diziam ser o brasileiro uma “raça perdida”, apontava a disciplina das escolas, inclusive os castigos, como responsáveis pela falta de criatividade dos brasileiros diante das enormes tarefas da produção industrial e da prática comercial⁵¹. Preocupado com a questão social, Oiticica então acreditava que os problemas advinham dos sistemas normativos das instituições educacionais, que acabavam por limitar a capacidade competitiva e a capacitação técnica dos brasileiros (os quais seriam o caminho para emancipação do povo e da nação).

A política educacional brasileira, que no período colonial era determinada quase que exclusivamente pela Igreja Católica, passou a integrar a Constituição Nacional em 1824. No entanto, o número reduzido de escolas públicas criadas no período imperial demonstra a distância existente entre a lei constitucional e a ação efetiva do Estado em relação à educação. Sendo assim, a instrução escolar ainda estava nas mãos das instituições privadas, o que acabava por reproduzir a estrutura das classes sociais brasileiras. A possibilidade de receber o ensino escolar básico estava ligada à condição econômica. Segundo Jorge Nagle, foi na Primeira República que apareceram os primeiros “grupos escolares”, por meio dos quais se pretendeu assegurar o acesso universal e a gratuidade da escola, mas a falta de vagas e a inexistência de escolas para atender toda a demanda para o ensino ainda mantinha a lei constitucional longe da realidade nacional.⁵²

Podemos notar então que a organização do sistema educacional não recebia, por

⁵¹ SAMIS, Alexandre, op. cit, loc. cit.

⁵² NAGLE, Carlos Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**, EPU-MEC, 1976, p.27.

parte do governo, o apoio necessário para a sua realização. O Ministério da Educação, apesar de ter existido durante dois anos no início da República, ressurgiu somente em 1930. Durante o período de sua ausência, os assuntos educacionais eram tratados pelo Ministério da Justiça. Essa falta de apoio ou desinteresse pode também ser notada no âmbito populacional: para o povo, a instrução escolar não era tida como primeira necessidade, sendo comum relacioná-la a uma forma de castigo. Tal relação pode ser percebida no livro *Infância*, de Graciliano Ramos, quando ele lembra do período em que foi obrigado a frequentar a escola após ter quebrado alguns vidros da prateleira da venda de seu pai e ficou se perguntando se o que tinha feito era tão grave para merecer tamanha penalidade.⁵³

O sistema educacional público brasileiro, a partir da elaboração da Constituição de 1891, seguiu os princípios liberais que norteavam os ideais republicanos. Buscou-se justificar a organização e o desenvolvimento da sociedade brasileira. Portanto, segundo Maria Auxiliadora Christofaro, a instrução escolar se ajustaria ao projeto dominante da classe burguesa, que visava propagar a idéia de que “cidadão é aquele que se adapta ao modelo de organização social dominante”⁵⁴.

Oiticica, como dito anteriormente, flertava com ideais liberais. Acreditava, no entanto, que a emancipação do homem poderia vir de sua instrução escolar, impedindo assim que as classes sociais mais baixas vivessem sempre subordinadas aos interesses das classes mandantes. As disciplinas escolares deveriam aguçar a criatividade dos homens para que assim pudessem realizar suas tarefas na sociedade industrial e atividades comerciais de uma forma que possibilitasse sua ascensão nesse meio.

Essa concepção da função educacional, aplicada ao Colégio Latino-Americano⁵⁵, a qual não buscava satisfazer somente as aspirações da burguesia, poderia ter resultado num baixo interesse por parte das famílias que poderiam pagar mensalidades, o que, aliado ao desinteresse da população em geral quanto à necessidade de ensino escolar e

⁵³ Ver, RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo, Livraria Martins, 6º Ed. 1967. P.107.

⁵⁴ CRISTOFARO, Maria Auxiliadora, **A organização do sistema educacional brasileiro e a formação na área de saúde**. Texto de apoio elaborado especialmente para o Curso de Especialização em Desenvolvimento de Recursos Humanos de Saúde – CADRHU, p.189.

⁵⁵ OITICICA, José. **Estatutos do Colégio Latino Americano**. Rio de Janeiro, Thipographia da Gazeta de Notícias, 1905.

ao fornecimento de vagas gratuitas na instituição para crianças carentes, podem ter se constituído nos motivos que determinaram seu fechamento após dois anos, devido às dificuldades financeiras.

Após sua malograda experiência como dono de colégio, Oiticica seguiu para Laguna, em Santa Catarina. Não consegui encontrar fontes que esclarecessem o porquê dele ter se mudado para o Sul do país. Algumas hipóteses aqui podem ser levantadas como um convite de trabalho ou por ter parentes que residiam na região. Morando em Laguna, atuou durante dois anos como diretor do Colégio Municipal daquela cidade.

Em 1909 voltou ao Rio de Janeiro e tentou por diversas vezes ser aprovado em concursos para empregos do Estado, entretanto, “embora, conseguindo sempre ótimos resultados” não obteve nenhum destes cargos⁵⁶. Visto que o caso de Oiticica não é singular na história brasileira, tomemos como outro exemplo o caso de Benjamin Constant⁵⁷, que também prestou concursos almejando um cargo de professor no Estado, conseguindo ser nomeado como professor de matemática do Instituto Comercial apenas na quarta tentativa, mesmo tendo sido classificado em primeiro lugar em todos os concursos anteriores. Sobre esta postura do Estado, Benjamin Constant escreve que “a distribuição das regências [...] atendia mais a critérios políticos do que a critérios de seleção propriamente ditos [...], a interferência política na escolha dos lentes sempre desempenhou papel fundamental e preponderante”⁵⁸. De forma semelhante ao que ocorreu com Benjamin Constant, pode-se pensar que, para Oiticica, a experiência dos concursos certamente foi impactante nas formulações e críticas quanto ao Estado, lhe ensinando que o mérito não era garantia de ascensão social ou profissional.

Possivelmente fundamentado em suas frustrações pessoais em relação a esse Estado Oligárquico, que não empregava pelo mérito e sim pelo clientelismo, nos anos seguintes, segundo Samis, Oiticica ampliou suas críticas ao Estado, deixando de lado suas idéias patrióticas iniciais. Ele usou de “sua cultura geral alicerçada na atuação como

⁵⁶ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p.33.

⁵⁷ Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 1833. Foi militar, político, professor e um dos ideólogos fundadores da República. Sobre Benjamin Constant, ver: LEMOS Renato, **Benjamin Constant: Vida e História**. Ed. Art Line Produções Gráficas Ltda, Rio de Janeiro, 1999, p.44-57.

⁵⁸ LEMOS Renato, op cit, p. 55.

professor de História”⁵⁹ para aumentar suas observações sobre a sociedade para além do território nacional. Outro fator que provavelmente auxiliou na construção de suas críticas foram as transformações políticas ocorridas no ano de 1910, as quais demonstraram, para surpresa de ninguém, a corrupção no processo eleitoral republicano.

O ano de 1910 iniciou com a corrida presidencial. O cargo mais alto da República seria disputado de forma acirrada pelos candidatos Rui Barbosa e Marechal Hermes da Fonseca. O primeiro, que baseava sua campanha numa oposição civil à candidatura militar do Marechal, a qual ficaria conhecida como civilista, acabou derrotado.

Sobre o processo eleitoral na Primeira República, Carvalho explica que não existia eleição limpa, “o voto podia ser fraudado na hora de ser lançado na urna, na hora de ser apurado, ou na hora do reconhecimento do eleito”⁶⁰. Portanto, podemos presumir que o resultado da disputa presidencial de 1910 era fruto de um processo eleitoral viciado e suspeito. Possivelmente, aquela eleição tenha marcado o início da cisão da política conhecida como do “café-com-leite”, pois o Presidente anterior, Afonso Pena, era oriundo da política mineira, e, portanto, o próximo presidente deveria ser um representante da política paulista. Hermes da Fonseca conseguiu o apoio do PRM para sua candidatura à presidência, sendo assim, o PRP passou a apoiar Rui Barbosa. Pela primeira vez estes partidos estiveram em lados opostos na corrida presidencial. Eleito para o cargo de presidente, dentre várias atitudes, Hermes da Fonseca intensificou a atuação do Estado em relação às medidas cooptativas quanto ao operariado, o que resultou, por exemplo, na realização de um Congresso Operário, em 1912, e também na construção da Vila Operária Marechal Hermes, no Rio de Janeiro.

Essas experiências de vida, a busca ávida por estudos diversificados em vários campos das ciências, as leituras humanísticas e também seus estudos no campo da filologia, iniciados logo que terminou o ensino preparatório, provavelmente foram formando e alterando as concepções ideológicas e as percepções sociais de Oiticica. Faço uma ressalva de que estas escolhas não são necessariamente ordenadas de forma coerente ou buscam um fim já traçado, e sim, são tomadas a partir das possibilidades, tensões e

⁵⁹ SAMIS, Alexandre, op. cit, p.94.

⁶⁰ CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 2001, p.42.

vontades presentes no decorrer de sua vida. Suas experiências, emoções, incertezas, frustrações, relações pessoais foram influenciando sua formação como homem erudito. Segundo Samis, foi em uma conversa informal sobre a política nacional, as quais Oiticica mantinha com frequência com seu primo Ildefonso Falcão, jornalista, escritor e professor, que ele, expondo suas idéias, começou a ter contato com leituras anarquistas. Seu primo, ao ouvir o ponto de vista de José Oiticica sobre a sociedade, teria afirmado que aquilo eram teorias anarquistas⁶¹. Devido ao fato de Oiticica ter relutado contra essa idéia, pois pensava que anarquismo era uma espécie de seita que pretendesse reformar o mundo destruindo-o à bomba, Ildefonso, para provar sua afirmação, lhe apresentou alguns jornais anarquistas de outros países, para que Oiticica pudesse entender melhor o que defendia esta ideologia.⁶²

Tal descoberta não passaria incólume à sua ânsia pela busca de conhecimentos e, refletindo sobre as idéias anarquistas, Oiticica entrou em contato com militantes desta doutrina. Os escritores Elói Pontes e Elysio Carvalho teriam sido os primeiros com quem conversou, sendo, em seguida, possível encontrar artigos, cursos e palestras destinados à causa libertária, contendo sua assinatura. As idéias anarquistas passaram a compor suas produções, artigos, poemas, textos teatrais, em tudo se pode notar suas “novas teorias”, ou teorias que traziam agora uma “carga anárquica”. Quanto mais se envolvia com o anarquismo mais tentava propagá-lo. Segundo Rodrigues, “subordinando todos os assuntos abordados aos princípios e métodos anarquistas”⁶³.

Maran escreve que “[...] daí por diante, dedicou à causa suas habilidades de orador público, polemista, poeta, teatrólogo e filólogo”⁶⁴. Até mesmo em suas aulas de Português, ministradas no Colégio Pedro II, José Oiticica buscava ensinar a doutrina

⁶¹ Segundo George Woodcock em seu livro ***História das Idéias e Movimentos Anarquistas***, “o anarquismo é uma doutrina crítica à sociedade vigente; uma visão da sociedade ideal do futuro e dos meios de passar de uma para outra”. Sendo assim, o anarquista “[...] procura romper com tudo, voltar às raízes e basear qualquer tipo de organização que se torne necessária – para usar uma das frases favoritas dos anarquistas – na ‘questão da produção’. A dissolução da autoridade e do Estado, a descentralização da responsabilidade, a substituição dos governos e de outras organizações monolíticas semelhantes por um federalismo que permitirá que a soberania retorne às unidades essenciais básicas da sociedade.” Ver: WOODCOCK, George, ***História das Idéias e Movimentos Anarquistas***. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 29.

⁶² SAMIS, Alexandre, op. cit, p.98.

⁶³ RODRIGUES, Edgar. ***Os Libertários***. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p. 33.

⁶⁴ MARAM, Sheldon Leslie. ***Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920***. Trad: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.87.

anarquista usando biografias de personagens da antiguidade ou analisando a estrutura dramática de comédias enquanto gênero, tentando sempre transformar as análises feitas em momentos de propaganda da ação libertária, assunto que trataremos no próximo tópico, juntamente com sua declaração e participação no movimento anarquista.

1.2- José Oiticica: Um novo inimigo do Estado

José Romero foi um operário anarquista espanhol que se mudou para o Brasil juntamente com seus pais no final do sec. XIX. A partir de seu contato com comícios e com a imprensa libertária, tornou-se anarquista ainda na adolescência. Teve participação na fundação do *Grupo Dramático de Teatro Livre*, em 1903, e também no jornal *Novos Rumos*, fundado em 1905, durante uma reunião em homenagem aos mártires de Chicago na Federação das *Associações de Classe*, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, tornou-se o responsável pelo principal jornal anarquista brasileiro de então, *A Terra Livre*, quando este mudou sua redação de São Paulo para o Rio⁶⁵. No ano de 1912 foi administrador do semanário anticlerical paulista, *A Lanterna*⁶⁶. Escreveu, em 1957, por ocasião da morte de José Oiticica, em 30 de junho do mesmo ano, para o mensário anarquista *Ação Direta*, do qual Oiticica havia sido diretor-fundador, um artigo em que recordava algumas passagens do “grande companheiro” no meio anarquista nacional. Nas palavras de José Romero,

Em 1912 tivemos a satisfação de ler o primeiro artigo de Oiticica de afirmação anárquica. [...]. Nele ressaltava a obra do mártir de Montjuich e previa o triunfo do racionalismo libertário. Esse trabalho foi publicado no número especial de *A Lanterna*, de S. Paulo, do dia 13-10-1912, em recordação do 3º aniversário do fuzilamento de Francisco Ferrer.⁶⁷

Foi nesse artigo, intitulado *Francisco Ferrer e a Humanidade nova*, que José Oiticica declarou, pela primeira vez, ser anarquista.

⁶⁵ LOPES, Milton, **Memória anarquista do Centro Galego do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://marquesdacosta.wordpress.com/textos/memoria-anarquista-do-centro-galego-do-rio-de-janeiro-o-milton-lopes/> acesso em: 24 jul. de 2010.

⁶⁶ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p.35.

⁶⁷ ROMERO, José, “**José Oiticica: recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário**”, *Ação Direta*. Ano 11, nº120, ago-set. 1957.

Importante notarmos que o primeiro artigo de Oiticica publicado em um periódico de cunho militante é voltado à questão educacional. Oiticica demonstrava, portanto, sua preocupação em instruir o trabalhador para que assim ele pudesse lutar por seus direitos e, também, contra o “maléfico sistema capitalista”. Idéia esta que era comum às ideologias que respaldavam a ascensão proletária em detrimento da sociedade capitalista. Deixando “o professor falar mais alto”, Oiticica afirmava que a educação era um dos caminhos determinantes para que as idéias libertárias triunfassem, mas que essa instrução não deveria seguir os moldes do sistema educacional estatal, representante da classe burguesa, mas os preceitos da Escola Moderna⁶⁸, fundada por Francisco Ferrer.⁶⁹

Novamente, devemos perceber os caminhos percorridos por Oiticica. O patriota de antes aqui se declara anarquista. Assim, podemos observar que sua trajetória de vida não é marcada por uma linearidade teleológica, nem necessariamente por uma evolução, progresso ou amadurecimento, como aparecem em várias biografias de militantes, ou mesmo por uma busca por um final já objetivado, mas por experiências e relações que permitem a Oiticica ir formando sua personalidade e ideologia. São suas escolhas de vida, juntamente com suas experiências, que vão compondo sua biografia. Isso pode ser notado ao percebermos que ele “entra no anarquismo” pela “porta” do ensino.

O jornal *A Lanterna* era um órgão de informação e propagação de idéias da *Liga Anticlerical*.⁷⁰ Diferentemente da maioria dos jornais que circulavam no meio operário, ele conseguiu, com algumas interrupções, manter-se até 1953. Jonh W. Foster Dulles observa que esse jornal teve três sequências de produção. A primeira foi do ano de sua criação, 1901, até 1904; a segunda data do retorno de sua circulação, em 1909, sob a direção de Edgard Leuenroth, finalizada em 1916; a terceira entre os anos de 1933 e 1953, período

⁶⁸ Segundo Ramón Safón, “[...]. A escola moderna é mista e aberta a todos os meios (conquanto paga, o preço da pensão varia em função da renda dos pais); ela é laica e bane todo ensino religioso. Enfim, é também racional e científica”. SAFÓN, Ramón. **O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Y Guardia**. Imaginário. São Paulo. 2003, p. 53.

⁶⁹ Idealizador da Escola Moderna, já em 1886, tinha participado de uma manifestação contra a monarquia. Obrigado a deixar o país, mudou-se para Paris e se aproximou dos meios anarquistas. Foi alí que exercitou sua vocação pedagógica, ao dar aulas particulares de espanhol para sustentar sua família. Francisco Ferrer viajou por parte da Europa, tendo assim a possibilidade de conhecimento de vasto material sobre formas de inovações pedagógicas.

⁷⁰ “A palavra anticlerical se originou na França, por volta da década de 1850, sendo incorporado aos agrupamentos de esquerda e centro daquele país. Em pouco tempo o ideário anticlerical espalhou-se pela Europa e chegou à América.” Ver em: VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e Anticlericalismo**. São Paulo, Imaginário, 2000, p.10.

em que Leuenroth lançou quarenta e cinco edições adicionais⁷¹. Esse veículo buscava combater a Igreja e seus componentes, trazendo artigos como “O Nosso Anticlericalismo”⁷², nos quais alertava a sociedade sobre como as contradições de vida dos padres, com sua doutrina, tornavam o sacerdócio uma profissão. Seguindo, incitava o operariado a lutar contra a Igreja, pregando que detendo um poder político e econômico ela funcionava como uma empresa, auxiliando o capitalismo e dividindo o operariado, ainda muito preso às suas ligações espirituais.

A *Liga Anticlerical* e, conseqüentemente, *A Lanterna*, lutavam contra as bases da Igreja, seus mitos e seus dogmas. No trabalho de Eduardo Valadares, observamos que as Ligas Anticlericais acusavam a Igreja de anular completamente a responsabilidade individual, “pela submissão da consciência no interior de um bloco coletivo, onde ela se dissolve.”⁷³ A instituição religiosa, com seu discurso totalizante, acabaria por esconder as diferenças internas existentes nas comunidades, gerando um conformismo e retirando a “razão” dos homens. Embevecidos por esta cultura religiosa, e este sentimento de ser parte integrante de uma comunidade, os homens não enxergariam as diferenças internas existentes dentro do espaço social.

No Brasil, foi no período da Primeira República que o anticlericalismo assumiu ares de militância política e, como afirma Maria Conceição Pinto Goés, era comum a participação dos libertários na *Ligas Anticlericais*⁷⁴. Os anarquistas viam o Estado, a Igreja e o Capital como parte do mesmo processo de dominação e de exploração do homem. Juntamente com as Ligas Anticlericais, acusavam estas instituições de serem responsáveis “pela vida miserável dos trabalhadores”.

Possivelmente, foi nesta época que José Oiticica conheceu Edgard Leuenroth, então diretor d’*A Lanterna*. Leuenroth aderiu ao movimento anarquista no ano de 1904, depois de conhecer o poeta Ricardo Gonçalves. Assim como Oiticica, ele também é considerado um dos grandes militantes da causa anarquista no Brasil, atuando com mais

⁷¹ DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1933**. Trad. César Parreiras, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 25.

⁷² “O nosso Anticlericalismo”. **A Lanterna**, ano XII, N°191, ano XII, mar. 1913.

⁷³ VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e Anticlericalismo**. São Paulo, Imaginário, 2000, p.10.

⁷⁴ GÓES, Maria Conceição Pinto. **A Formação da Classe Trabalhadora: Movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888-1911**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 74.

frequência na capital paulista. Mas isso não quer dizer que sua militância se restringiu a São Paulo.

Segundo Silvia Regina Ferraz Petersen, existem vários indícios de que o movimento operário, literalmente, cruzava fronteiras estaduais⁷⁵. Os congressos, os movimentos de solidariedade, as denúncias quanto à exploração existentes em cada estado tornavam-se reivindicações comuns quando estes militantes se encontravam em eventos promovidos em prol da causa operária. A circulação de jornais pelos estados e, também, dos militantes motivados por perseguições ou não, foram, igualmente, fatores que possibilitaram o cruzamento de idéias entre os personagens da história operária nacional. No ano de 1912, Oiticica aderiu à *Liga Anticlerical* do Rio de Janeiro da qual participaria, provavelmente, até o ano de 1937.

A aproximação de José Oiticica primeiramente à *Liga Anticlerical* pode ser entendida pela conjuntura operária da época. Nos anos anteriores a 1912, o movimento operário sofreu com o enfraquecimento de sua atuação, entre outras causas, devido à intensificação das medidas cooptativas adotadas pelo Estado. Como um importante exemplo dessa cooptação em relação ao operariado, tem-se a realização do Congresso Operário de 1912. Sua organização ficou a cargo dos Tenentes Palmiro Serra Pulquério e Mário Hermes da Fonseca, este último era Deputado Federal e filho do então Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca. O governo forneceu transportes e também cedeu o Palácio Monroe para a realização do congresso, que almejava a fundação de um partido político, medida que foi aprovada com a maioria dos votos. Mário Hermes da Fonseca foi nomeado como presidente da CBT (Confederação Brasileira do Trabalho), nome do mais novo partido operário. Oficialmente, este encontro foi denominado de Quarto Congresso Operário Brasileiro. Dulles afirma que tal denominação irritou os anarquistas e as correntes que não compactuavam com a idéia de aproximação entre luta operária e Estado: para eles só havia existido um congresso operário, o de 1906.⁷⁶

No mesmo período, o movimento anarquista e anticlerical intensificou sua propaganda. Segundo Rodrigues, “O ano de 1912 nasce com o despontar de novos

⁷⁵ PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. “Cruzando Fronteiras: As Pesquisas Regionais e a História Operária Brasileira”. Porto Alegre, **Anos 90**, N.3, junho 1995 p. 135.

⁷⁶ DULLES, John W. Foster, op.cit, p. 32.

baluartes da propaganda operária, veículos de divulgação de suas idéias e de doutrinas ácratas”⁷⁷. O movimento, agora revigorado e com grande disseminação das teorias anarquistas, tinha como veículo divulgador de idéias um mensário anticlerical. Cabe esclarecer que *A Lanterna* não era o único jornal que combatia o sistema capitalista, mas ele tinha importância inquestionável na luta operária, o que pode ter levado Oiticica a se aproximar da *Liga* antes mesmo de manter contato mais estreito com o movimento operário.

A partir de então Oiticica passou a se relacionar com militantes que participavam da luta operária e, possivelmente, foi isto o que o levou a procurar conhecer a *Federação Operária do Rio de Janeiro*, em 1913, sendo o seu primeiro contato mais direto com a organização operária.

A FORJ era um organismo federativo que representava a classe operária daquele Estado, tendo sido fundada em setembro de 1906 em substituição à *Federação Operária Regional Brasileira* (FORB), devido à escolha, como forma de luta, da ideologia sindicalista-revolucionária⁷⁸, no *Primeiro Congresso Operário Brasileiro*, em 1906.⁷⁹

Rodrigues observa que a organização do operariado em federações foi decidida no *Primeiro Congresso Operário*, em 1906. A justificativa era de que o pacto federativo garantiria uma maior autonomia a cada federação estadual. Com isso, as questões operárias não ficariam em poder de poucos, o que impediria o desenvolvimento “da iniciativa e da capacidade do proletariado para se emancipar, com o risco ainda de serem os seus interesses sacrificados aos dos seus diretores”⁸⁰.

A organização em federações, que seria um dos conceitos primordiais usados por

⁷⁷ RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil: 1675-1913**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969, p. 308.

⁷⁸ Segundo Edilene Toledo, em: **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 2004, p. 49 “A base e fundamento do sindicalismo revolucionário era o texto aprovado no congresso da CGT (*Confédération Générale Du Travail*) francesa em 1906. Ele afirmava a independência do sindicalismo em relação ao socialismo e ao anarquismo. Seus objetivos centrais eram organizar os trabalhadores na defesa de seus interesses morais, econômicos e profissionais, sem associar essa luta a qualquer partido ou tendência política”.

⁷⁹ Congresso no qual se buscou a organização da luta operária sedimentando suas bases de lutas e fundando assim a Confederação Operária Brasileira.

⁸⁰ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p.117.

Oiticica na elaboração de suas teorias anarquistas em seu livro *Anarquismo ao Alcance de Todos*, já era quase uma unanimidade no meio operário em 1906. Para a maioria dos participantes do *Congresso*, o método federativo garantiria a mais larga autonomia do indivíduo no sindicato, do sindicato na federação e da federação na confederação. Assim, “as delegações de funções não representariam autoridade alguma”⁸¹. A união das federações estaduais e locais comporia a *Confederação Operária Brasileira* (COB) que seria responsável pela coordenação nacional do movimento. Mas, como afirma Cláudio Batalha, essa organização nunca se efetuiu de fato, pois as confederações tiveram uma existência mais nominal do que real; a COB “foi muito mais uma extensão da FORJ, limitada à área de atuação daquela federação”.⁸²

A vitória da concepção da organização operária por métodos federativos determinou que a FORB se renominasse como FORJ, passando a ser um organismo de representação da classe operária fluminense e, portanto, devendo levar em suas siglas as iniciais de seu Estado e não as da nação, sendo decidido pelo *Congresso* que a “Federação Operária Regional Brasileira deveria modelar-se pelas bases de acordo que foram discutidas no evento, fazendo a separação da Federal local, no Rio, que terá com a Confederação as mesmas relações que as demais”.⁸³

Devido à revitalização do movimento, e também buscando mostrar maior representação no meio operário, o qual era disputado por principalmente quatro correntes ideológicas (socialistas, anarquistas, sindicalistas-revolucionários e amarelos ou trabalhistas)⁸⁴, sendo esta última a ideologia seguida pelos operários que participaram do Congresso Operário realizado em 1912, na Capital Federal, com apoio do então Presidente da República, Hermes da Fonseca, a FORJ encontrava-se em grande atividade. Foi nesta época que Oiticica entrou pela primeira vez no prédio da *Federação*. Este episódio foi narrado por Romero e, apesar de longa, a citação será feita na íntegra, pois

⁸¹ “Documentos do Movimento Operário: resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro”. In: **Estudos Sociais**, nº 16, mar./1963, p. 387-398.

⁸² BATALHA, Cláudio H. M. “Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva”. In: FERREIRA. Idem, p.186.

⁸³ RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979, p. 104.

⁸⁴ “Corrente operária que não questiona teoricamente o funcionamento da sociedade burguesa, lutam por questões econômicas e melhoria do sistema trabalhista dentro do espaço delimitado pelo capitalismo”. Em, ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2º Ed. 2002, p. 67.

me parece elucidativa do contato de Oiticica com a FORJ:

Um dia, José Oiticica, com sua inseparável pasta, subiu a escada do sobrado, entrando no recinto dos trabalhadores que não tinham medo de ouvir falar do ideal anarquista e ler seus pensadores e propagadores; lugar perigoso segundo os burgueses caçadores de votos e demais defensores do regime capitalista. Logo deparou com vários grupos, uns sentados e outros em pé. Ao encontro dele, por ser pessoa desconhecida dos presentes, foi um membro da comissão administrativa da Casa. Era um companheiro carpinteiro de profissão, mulato, natural de Maceió, de quem, no momento, só recordamos o sobrenome que era França.

-- Que deseja o nosso amigo?_ perguntou-lhe.

-- Desejava falar com o presidente ou diretores_ respondeu Oiticica.

--Aqui não temos presidentes, nem diretores_ replicou por sua vez o companheiro alagoano [..]

--Muito bem, -disse Oiticica- [...] ⁸⁵

Podemos notar nessa citação a valorização das imagens tanto da retidão da organização operária quanto da “coerência de Oiticica” em relação aos ideais anarquistas. No diálogo exposto fica claro a depreciação das organizações amparadas em formas hierárquicas, assim sendo só seria aceito ali quem realmente compartilhasse dos ideais propagados pelo movimento. Esta citação foi retirada de um artigo em homenagem à Oiticica, publicada após sua morte, o qual buscava lembrar sua “vida anarquista”. Podemos assim pensar que o objetivo do autor era justamente demonstrar a retidão do personagem Oiticica perante suas ideias anarquistas e também ao movimento operário.

Tal análise torna-se válida a partir das discussões de Le Goff sobre a memória, o qual afirma que “é preciso começar a desmontar, [...] desestruturar esta construção e analisar as condições dos documentos”, pois uma memória como qualquer documento é documento não inócuo, “resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época”. Sendo esse artigo uma forma de homenagem à Oiticica e sua vida militante, certamente o autor (que também era anarquista) almeja demonstrar o quão grande foi José Oiticica dentro do movimento operário, mostrando assim também o quão “correto” era tal movimento. E para o sucesso de seu objetivo relembra a primeira vez que

⁸⁵ ROMERO, José. “José Oiticica: recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário”. **Ação Direta**. Ano 11, nº 120, ago-set. 1957.

Oiticica entrou no prédio da FORJ.⁸⁶

Feitas tais considerações, podemos notar que, possivelmente, foi nesse período que Oiticica estreitou ligações com a FORJ. Depois de conversar com alguns ali presentes, ele não cessou mais seu contato com movimento sindicalista de ação direta. Provavelmente passou então a conhecer e conviver com vários militantes, advindos ou não da classe operária, buscando adicionar ao movimento toda a sua cultura intelectual, o qual também ia fornecendo a Oiticica uma grande carga de novas teorias.

A história de militância de José Oiticica no movimento operário brasileiro nasceu juntamente com sua revigoração. Atuando de várias formas, como já foi dito anteriormente, Oiticica procurou defender seus ideais e informar seus conhecimentos aos operários, relacionando-os com a questão social. Buscou ensiná-los por meio de palestras e conferências, sobre o idioma, ciências, higiene, entre vários outros assuntos, tentando aumentar a “cultura do trabalhador” para que assim ele pudesse melhor se organizar e lutar contra os malefícios causados pela sociedade capitalista.

Esta concepção iluminista do “poder” a partir do “saber”, segundo Francisco Foot Hardman⁸⁷, teve grande influência nas correntes ideológicas do movimento operário. Além da idéia de que a emancipação do operário viria, também, a partir da “educação”, devemos pensar que a instrução da classe trabalhadora era necessária para a compreensão das ideologias discutidas em congressos, palestras e jornais. Sendo assim, Isabel Bilhão, ao abordar a questão, afirma que a defesa da instrução para os operários era

[...] tema que, como seu correlato incentivo à leitura, comparecia reiteradamente na imprensa operária da época, sendo considerada pelas lideranças como condição primordial à difusão dos ‘nobres ideais’ e ao ‘alevntamento moral’ do operariado.⁸⁸

Essa instrução deveria ser realizada a partir dos interesses do operariado. Para os anarquistas ela não deveria partir das instituições estaduais, as quais seriam “uma forma de domínio do Estado e da burguesia sobre o operariado”⁸⁹. Para tanto, foram criadas

⁸⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campina: Ed. UNICAMP, 1990, p.368.

⁸⁷ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão: Memória Operária, Cultura e Literatura no Brasil**. 3º Ed, São Paulo, UNESP, 2002, p. 78.

⁸⁸ BILHÃO, Isabel. **Identidade e Trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)**. Londrina, EDUEL, 2008. p. 74.

⁸⁹ BILHÃO. op. cit., p. 75.

escolas operárias baseadas nos princípios racionalistas da Escola Moderna de Francisco Ferrer.

Oiticica acrescentou estas concepções ao que já pensava ser “a função do ensino”; logo, em 1913, seu nome estava ligado a conferências e palestras operárias. Reconhecido como alguém de grande cultura, no mesmo ano ele participou de uma festa promovida no salão do *Centro Galego do Rio de Janeiro*⁹⁰ pelo *Grupo Dramático Anticlerical*, um grupo teatral que buscava propagar os ideais da emancipação humana, sendo comum a época a existência de grupos teatrais voltados à causa social.

Conforme Hardman, essas festas e festivais libertários tinham como principal função, além, é claro, da “doutrinação”, arrecadar fundos para as iniciativas do movimento operário, sendo mais comum o acontecimento de eventos em prol da fundação e manutenção da imprensa operária⁹¹. Nessas festas eram realizadas conferências, apresentações de grupos de teatro, com temas voltados para a questão social; promovidos debates, sempre visando o aspecto doutrinário, educador e ideológico. Por fim, geralmente finalizavam com um baile para as famílias. Esse evento, no qual Oiticica foi palestrante, contou com leilões e baile, buscando arrecadar fundos para a publicação de folhetos de propaganda. Em nova festa, organizada pelo mesmo grupo teatral, no qual foram realizadas leituras de poesias, espetáculos musicais e baile, a palestra ficou novamente a cargo do Professor José Oiticica. Naquele mesmo ano, Oiticica ainda seria, mais uma vez, o palestrante das festas organizadas pelo *Grupo Dramático Anticlerical*.

Possivelmente, foi a parceria com o grupo teatral que possibilitou a Oiticica conhecer Orlando Corrêa Lopes, que era um dos principais conferencistas das festas organizadas pelo *Grupo*.⁹² Na definição de João Batista Marçal, Orlando foi “engenheiro, jornalista, escritor e revolucionário. Militante e teórico anarquista. Natural de Itaquí, Rio

⁹⁰ Local onde se realizaram vários eventos anarquistas e sindicalistas. O Primeiro Congresso Operário de 1906 e algumas palestras do Segundo Congresso Operário, de 1913, foram realizadas neste centro. Várias festas e festivais libertários também ali ocorreram.

⁹¹ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão: Memória Operária, Cultura e Literatura no Brasil**. 3º Ed, São Paulo, UNESP, 2002. p. 78.

⁹² MARÇAL, João Batista. **Os Anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha**. Porto Alegre, EU/Porto Alegre, 1995, p.102.

Grande do Sul. 'Gaúcho inteligente e culto de temperamento vibrátil e impetuoso'.⁹³ Aqui, podemos notar novamente o *cruzamento de fronteiras*, já tratado anteriormente, dentro do movimento operário, que rendeu vários frutos no âmbito da militância operária.

Nesta época, Orlando estava à frente da direção da escola profissional Visconde de Mauá, em Marechal Hermes. O contato de Oiticica com ele seria frutífero ao anarquismo. Em 1914 a dupla, e mais outros, fundaram a revista anarquista *A Vida*, que circularia de novembro de 1914 até o ano seguinte. Assim como outros periódicos anarquistas, esse publicava artigos que combatiam e alertavam a sociedade contra os riscos e explorações a que estavam submetidas a classe operária. Juntamente com esses militantes, participaram da composição da revista Francisco Viotti, então estudante de Medicina e Fábio Luz, médico e higienista que tornou-se anarquista já no início do século XX, após a leitura da obra de Kropotkin.

Todos eles eram frequentadores assíduos do *Centro de Estudos Sociais*, fundado no Rio de Janeiro em 12 de abril de 1913, o qual era um grande revelador das disputas ideológicas que coexistiam dentro do movimento operário brasileiro, como o anarquismo, socialismo e sindicalismo revolucionário. Sendo assim, os representantes dessas correntes buscavam angariar mais adeptos para terem uma maior representatividade dentro dos sindicatos. Toda essa disputa era revelada nas agitadas reuniões noturnas de sexta-feira, nas quais se realizavam palestras e conferências que acabavam por se tornar grandes debates entre as diferentes ideologias.

José Oiticica travou algumas “batalhas” neste local. Algumas acabaram virando cartas abertas publicadas nos periódicos que defendiam a causa operária. Como exemplo podemos citar as cartas publicadas no Jornal *Na Barricada*, entre ele e o socialista Silva Marques. Sobre este debate, Dulles escreve,

Em uma série de cartas abertas a Silva Marques, Oiticica classificou os socialistas em dois grandes partidos: os de Estado e os coletivistas; ambos admitiam a propriedade particular e a autoridade do Estado, divergindo radicalmente dos princípios fundamentais do anarquismo. Ao que Silva Marques retrucou que condenar toda forma de governo, assim como a propriedade privada, seria para ele, assumir uma atitude impraticável.⁹⁴

⁹³ MARÇAL, op. cit, p.102.

⁹⁴ DULLES, John W. Foster, op. cit, p.35.

A disputa ideológica dentro do movimento operário era contínua, não havendo uma hegemonia de determinada corrente, fomentando debates que objetivavam mostrar qual era o melhor caminho a ser seguido pelos sindicatos operários.

A participação de Oiticica no movimento operário e suas contribuições ao anarquismo nacional surgiram à medida que ele conheceu e manteve relações com alguns militantes da causa. O movimento, além de ser um canal de luta para Oiticica, acabou tornando-se também um local produtivo para a sua “vida anarquista”, pois ele passou a conhecer novos militantes e desenvolveu as produções hoje conhecidas. O que quero dizer é que a união de toda “bagagem” adquirida durante sua vida acadêmica, juntamente com as novas relações encontradas nesse meio, ajudaram a formar as facetas mais conhecidas de José Oiticica. Sendo reconhecido por alguns, como Rodrigues, como “o grande anarquista brasileiro”, pois foi capaz de unir todo o seu conhecimento em prol da causa ácrata. Assim ele escreve:

Poeta e contista de valor, crítico literário, musical, Professor de arte dramática e com muitos trabalhos sobre estilo. José Oiticica era um gigante entre os mestres de ensino. O anarquismo esperava e conseguiu muito do novo militante⁹⁵

Ainda em 1914 ele começou a lecionar na Escola Dramática do Rio de Janeiro⁹⁶. Do ano de 1909 até 1914, não encontrei fontes que revelassem algum vínculo empregatício; possivelmente ele tenha ministrado aulas particulares, trabalhado na rede privada de ensino ou também se sustentado com recursos financeiros cedidos por sua família.

O ano de 1915 nasceu no Brasil sob os ecos da grande Guerra na Europa, que se iniciara em agosto de 1914. O proletariado, que já sofria com a carestia e a falta de emprego nos anos que antecederam a guerra, com seu prolongamento, estimulando a procura por matéria-prima e gêneros alimentícios que faz com que os preços subam novamente, encontrava-se em situação ainda mais precária.

Movido por essa, entre outras questões, o proletariado movimentou-se contra o

⁹⁵ RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil: 1675-1913**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969, p.313.

⁹⁶ OMENA, Maria Aparecida Munhoz de, **Anarquia no sonetos de José Oiticica?** Em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/artigo_anarquia.pdf em: 19 jul. de 2010.

conflito e o aumento exagerado do custo de vida. A guerra tornou-se um novo inimigo dos militantes. Os jornais operários continham artigos denunciando os motivos imperialistas do conflito, que, segundo eles, só era benéfico aos grandes produtores capitalistas, maltratando o proletariado e ceifando vidas nos campos europeus de batalha. Dessa maneira combatia-se o militarismo tentando fazer com que os jovens se recusassem a ir à guerra.

A esse respeito, em um artigo lançado n' *A Lanterna*, Eduardo Vital escreveu:

A guerra prossegue em seu cortejo terrífico de horrores [...] inúmeras cidades devastadas. São milhares de seres, ontem fortes e bravos, jovens a quem a vida prometia venturas, a quem a existência sorria, hoje arrojados ao nada pelas mortíferas balas. São rudes operários, arrimos de velhos pais, ou de pequeninos seres, que balas assassinas fazem tombar para todo o sempre. São milhares de famílias sem pão, é a miséria que surge, o aumento da prostituição, o desespero, a angustia e a agonia.⁹⁷

Como foi dito, esses artigos enfatizavam os horrores causados pela guerra, buscando apoio na luta contra ela. Neste mesmo artigo, o autor ainda escreve que o motivo da guerra “não é a pátria e sim a ambição”⁹⁸, denunciando as idéias capitalistas que moviam o conflito. A revista *A Vida*, da qual José Oiticica era um dos fundadores, foi também um veículo de denúncia à Guerra européia. Em seu último número, do ano de 1914, em artigo intitulado *A Conflagração Européia*, de autor desconhecido, no qual se encontra uma citação de Elisée Reclus, geógrafo francês anarquista, encontramos a afirmação que a Guerra européia era uma guerra comercial, resultado da supremacia da Alemanha em relação à Inglaterra e França.⁹⁹

Para José Oiticica e os militantes da causa anarquista e operária, a guerra era mais um mal causado pelo sistema capitalista. Sobre o tema, escreve ele, “quem conhece um pouco da história universal vê que o móvel das guerras modernas, móvel único, exclusivo, são as colônias, é o comércio, é o dinheiro, é a exploração capitalista é a organização social do parasitismo burguês”¹⁰⁰. Os militantes buscavam mostrar que a Guerra era resultado da corrida capitalista promovida pelos países europeus e que, nessa corrida, quem “pagava o saldo” era o operariado e as classes menos abastadas da sociedade.

⁹⁷ VITAL, Eduardo, “A Guerra”. **A Lanterna** Ano XII, n°262, set. 1914.

⁹⁸ VITAL, Eduardo, “A Guerra”. **A Lanterna** Ano XII, n°262, set. 1914.

⁹⁹ “A Conflagração européia: O móvel das guerras de conquista”. **A Vida**, Ano 1, n°2, dez. 1914.

¹⁰⁰ OITICICA, José “Viva, pois, A Alemanha”. **Na Barricada**, Ano 1, n°11, agosto. 1915

A grande alegoria dos jornais operários era a oposição entre capital e trabalho. Utilizavam de temas diversos referentes à emancipação e/ou subordinação do operário. Sendo a Guerra apresentada como mais um resultado da corrida capitalista, o pacifismo e antimilitarismo também eram temas comuns entre esses periódicos. Objetivando doutrinar e formar opinião, a distribuição destes jornais, juntamente com conferências e debates, buscavam incitar o operariado e, igualmente, todas as classes que sofriam com os males da Guerra, a se mostrarem e organizarem-se contra o conflito. José Oiticica, na divulgação do anarquismo contra a Guerra, realizou uma conferência em prol da Revista *A Vida*, no dia 4 de abril de 1915, na qual discutiu as atitudes que os anarquistas deveriam tomar na luta contra o conflito europeu. Esta conferência teve como título: *Anarquismo e a guerra européia*¹⁰¹. Como o título leva a crer, o assunto principal foi o posicionamentos dos anarquistas contra a guerra, visto que, como já foi dito anteriormente, a guerra é vista como mais um mecanismo do capitalismo, “ideal para a sociedade burguesa que apoia os governos autoritários e disciplinadores. Contra este governo e contra esta sociedade deveria se levantar todos os anarquistas”.¹⁰²

Movidos por esse sentimento, em 1915, os militantes brasileiros, motivados pela deflagração da Grande Guerra na Europa, organizaram no Brasil um congresso em prol da paz. Este congresso surgiu devido ao cancelamento do *Congresso Pró-Paz*, na Espanha, ao qual os anarquistas brasileiros almejavam mandar dois representantes. Frustradas suas expectativas, iniciaram junto à FORJ, que em abril daquele ano tinha criado uma *Comissão Popular de Agitação Contra a Guerra*, a preparação do *Congresso Internacional da Paz*, realizado em meados de outubro daquele ano.

O Congresso, que continha em sua pauta de discussões a pergunta: “Ao cabo da conflagração, quem terá ganhado mais força? A burguesia ou o proletariado?”¹⁰³, visava a unificar o proletariado, os pacifistas e os homens de bem de todo o mundo para, assim, forçar o fim da Guerra junto aos governos neutros que interviriam na elaboração de um Plano de Paz Mundial.¹⁰⁴ O evento contou com palestras e discussões de artigos, escritos ou não pelos seus organizadores. As sessões foram realizadas no salão da Federação

¹⁰¹ **A Vida**, Ano 1, nº5, mar 1915.

¹⁰² **A Vida**, Ano 1, nº5, mar 1915.

¹⁰³ “Congresso Internacional da Paz”. **Na Barricada**, Ano 1, nº17, set. 1915.

¹⁰⁴ RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil: 1675-1913**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969, p. 325.

Operária, à Praça Tiradentes, número 71, no período noturno.

No último dia do evento, aconteceu um grande comício internacional de protesto contra a guerra no Largo São Francisco de Paula. Além de José Elias da Silva, representante da COB, discursaram os delegados de Portugal e Argentina que vieram tomar parte no *Congresso*¹⁰⁵. Após o comício foram realizados alguns discursos na sede da *Federação*, encerrando o evento.

Oiticica participou da organização do Congresso e das sessões com textos e palestras, nos quais procurava incentivar os trabalhadores a lutarem contra “a Guerra e o despotismo burguês” que causava-lhes tantos males, usando como arma todas as formas possíveis, sejam elas a greve, o boicote, a revolução e a palavra.

Segundo Yara Aun Khoury, nos anos de 1914 e 1915 o movimento anarquista atravessava “um período de animadora atividade”¹⁰⁶, isso porque os anarquistas buscavam cada vez mais divulgar e debater suas idéias. A conjuntura mundial trazia um grande manancial que alimentava os debates sobre as questões abordadas pelas teorias anarquistas. Não só o anarquismo, mas todas as teorias em pro da questão operária encontravam, naquele momento, muitos objetos plausíveis de serem criticados. Animados com o *Congresso Internacional da Paz* que aconteceria no Rio de Janeiro, Oiticica e seus companheiros buscaram também organizar um congresso específico de idéias anarquistas. Esse congresso estava marcado para iniciar logo na sequência do *Congresso da Paz*. Assim, no dia 18 de outubro de 1915, um dia após o grande comício realizado no Largo São Francisco de Paula, iniciaram-se as sessões do *Congresso Anarquista Sul Americano*, no Rio de Janeiro.

Assim como o *Congresso Internacional da Paz*, o *Congresso Anarquista* foi motivado pela não realização de outro evento, dois na verdade: um congresso de cunho estritamente ácrata, que aconteceria em Londres, em setembro de 1914, o qual teria por objetivo mostrar ao mundo “que a tão decantada falência do internacionalismo não passava de uma invenção da burguesia imbecil e inútil do boulevards”¹⁰⁷; e o *Congresso*

¹⁰⁵ “Congresso Internacional da Paz”. **Na Barricada**, Ano 1, nº20, out. 1915.

¹⁰⁶ KHOURY. Yara Aun. “Edgard Leuenroth: Uma Vida e um arquivo libertários”. São Paulo, Rev. Bras. De Hist, v.17, Nº33, p.112-149, 1997, p. 119.

¹⁰⁷ “Congresso Anarquista Sul-Americano”. **Na Barricada**, Ano 1, nº19, out. 1915.

Internacional de Anarquistas, Socialistas e Sindicalistas que seria realizado no final de abril de 1915, na cidade de Ferrol, na Espanha. Com o cancelamento destes eventos, o primeiro devido à deflagração da Guerra na Europa e o segundo, proibido pelo governo espanhol, o grupo de anarquistas do Rio de Janeiro, dentre eles, José Oiticica, Francisco Viotti, José Elias da Silva, Orlando Correia Lopes, José Henrique Neto, reúne-se no Centro de Estudos Sociais, no dia 23 de maio, em uma assembléia, para discutir qual posição deveriam tomar os anarquistas sul-americanos em relação a estes eventos cancelados e ao movimento anarquista. Decidiram então realizar o *Congresso Anarquista Sul-Americano*, na cidade do Rio de Janeiro, visando estreitar as relações entre os anarquistas desta parte do continente para assim organizarem-se de uma forma homogênea. Segundo texto publicado *n'A Barricada*, eles buscavam discutir e estudar quais seriam os métodos e as formas mais eficientes para a luta e a propaganda anarquista.¹⁰⁸

O texto abaixo foi redigido pela comissão organizadora do evento, da qual possivelmente Oiticica fizesse parte, e pode mostrar a justificativa, pelos anarquistas, para a realização do Congresso naquela conjuntura:

Conquanto atravessemos de infrene reação, em que as tendências autoritárias estão no apogeu de sua grandeza, é, sem dúvida alguma, até certo ponto muito importante a reunião do elemento revolucionário da América do Sul, afim de resolver qualquer ação com o momentoso transe. A revolução a que aspiram, pela qual trabalham os anarquistas e da qual estão seguríssimos, não trará, como se pensa, apenas transformação de individualidades, isto é, derrubada de uns e conseqüentemente subida de outros.[...]. E o congresso, reunindo-se justamente no momento em que estão em jogo as diversas correntes idealistas e sociais, muito poderá fazer para o advento da nova era.¹⁰⁹

Sendo assim, o congresso buscava a organização da luta anarquista, para que a revolução social pudesse vir ancorada nas teses àcratas e não coordenada por outras teorias.

Em geral, os temas discutidos pelo congresso foram de caráter doutrinário, sendo apresentadas as formas de agirem contra os dogmas da Igreja, do Estado e da sociedade capitalista, buscando informar os ali presentes sobre a ideologia anarquista e as formas de luta por ela defendidas. O Congresso se realizou entre 18 e 20 de outubro de 1915; foram

¹⁰⁸ **A Vida**, Ano 1, n°7, mar 1915.

¹⁰⁹ "Congresso Anarquista Sul-Americano". **Na Barricada**, Ano 1, n°19, out. 1915.

utilizadas as instalações da *Associação de Classe dos Empregados em Hotéis, Restaurantes e Cafés*, denominada *Centro Cosmopolita*, com sessões noturnas abertas ao público. Participaram várias delegações de diferentes Estados do Brasil, e também da Argentina e do Uruguai. José Oiticica tomou parte ativa nos debates sobre táticas, meios de propaganda e ética da doutrina. Mais tarde, certos pontos tratados por ele no Congresso viriam a fazer parte de sua obra *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, lançada em 1945¹¹⁰. Partes dos conceitos de Oiticica elaborados neste livro serão apresentados e discutidos no próximo capítulo.

Após tomar parte das manifestações e reivindicações, participando, organizando e contribuindo para efetuação de debates, palestras, conferências, congressos e jornais. Ainda no mesmo ano da realização destes Congressos apresentados anteriormente, José Oiticica filiou-se a um sindicato, possivelmente por convicção da validade da atuação dos sindicatos mas também pela possibilidade de, com essa filiação, conseguir uma maior representatividade nos congressos promovidos pela COB. Neles podiam participar, atuando de forma ativa nas sessões, somente diretores e administradores de jornais e também os delegados e representantes de sindicatos e Federações filiados à COB. Assim, no momento em que a FORJ criou o Sindicato de Ofícios Vários, destinado a filiar trabalhadores manuais e intelectuais, assalariados e/ou prestando serviços avulsos, sem vínculos patronais, Oiticica tornou-se membro de tal sindicato, juntamente com Fábio Luz, João Gonçalves e outros intelectuais.

Agora envolvido no meio anarquista, tendo se declarado militante da causa no ano de 1912, com um currículo já bastantes extenso no que diz respeito às atividades propagandistas no meio operário e também no meio ácrata, e ainda tendo se filiado a um sindicato que seguia as orientações da COB, Oiticica buscou dar sequência à profissão que havia escolhido anos atrás, quando suas teses ainda eram permeadas por traços nacionalistas e liberais, não apenas para garantir o sustento da família, mas também, possivelmente, por acreditar que seria possível realizar suas aspirações de reforma social por meio da emancipação social do povo brasileiro.

Em 1916 se arriscou novamente nos concursos estaduais; desta vez a vaga pretendida era da cátedra de professor de Português do Colégio Pedro II. O magistério

¹¹⁰ RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários*. Rio de Janeiro, VRJ, 1993. p. 37.

ainda seria para Oiticica um veículo que lhe possibilitaria auxiliar na reforma social, mas agora seria por ele utilizado como mais um meio de propagação da idéia libertária. Pois, como veremos a seguir, ele tentava doutrinar seus alunos com as idéias anarquistas, fazendo que estas transpusessem as barreiras de instituição governamental.

Como já foi dito, nos concursos anteriores, José Oiticica havia sido preterido mesmo alcançando as maiores notas. Nesse não seria diferente: além do fato de defender uma tese em que demonstrava os erros contidos nos livros de alguns de seus examinadores, ainda trazia consigo seus antecedentes anarquistas.

Após cinco tentativas, Oiticica, possivelmente usando de contatos adquiridos por frequentar os meios intelectuais da capital federal, convidou, para assistir as provas, Carlos Maximiliano, a quem estavam, naquela época, afetas as questões do ensino.¹¹¹ Maximiliano era formado em Direito e foi ministro da Justiça e Negócios Interiores no governo Wenceslau Brás, durante a Primeira Guerra Mundial. Organizou, entre vários serviços, o alistamento militar, o processo eleitoral, o ensino secundário e superior e incentivou a criação do Código Civil Brasileiro. Sua participação na organização do ensino secundário e superior deve-se ao fato de, durante grande parte do período da Primeira República, os assuntos sobre educação escolar estarem sob tutela do Ministério da Justiça.

O convite de Oiticica nos suscita algumas interrogações. Possivelmente, ele solicitou o comparecimento de Maximiliano devido ao cargo que este ocupava no governo. Sendo assim, podemos presumir que o intuito do convite foi intimidar a banca de avaliação, a qual já o tinha reprovado algumas vezes mesmo alcançando as melhores notas. Talvez, apoiado em suas experiências quanto aos concursos estatais prestados anteriormente, “carregando” um sentimento de que “este estado oligárquico contratava a partir de seus interesses e não pelo conhecimento”, Oiticica achou melhor buscar auxílio de um representante do Estado para conseguir sua aprovação. Mas tal atitude não seria incoerente com suas posições políticas? O próprio fato de querer ingressar em um colégio estatal também não seria da mesma forma incoerente? O que levou o anarquista a buscar auxílio nos “mecanismos estatais”? As respostas a estas perguntas ou suas análises podem nos levar à humanização do personagem aqui biografado.

¹¹¹ ANDRADE, Teófilo de. “Oiticica e os Aglossói”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 2-3 nov. 1957.

É possível que o que tenha levado Oiticica a fazer este convite tenha sido a questão familiar; lembremos que, nesta época, ele já era pai, e baseado nas fontes por mim encontradas, sabemos que, desde sua volta de Santa Catarina, em 1909, seu único vínculo empregatício foi com a Escola Dramática do Rio de Janeiro, em 1914. Assim, buscando estabilidade e conhecendo os processos de contratação via concurso, Oiticica pode ter imaginado que a única forma de se efetivar em sua profissão seria usando dos mecanismos do Estado. Então, a “incoerência” aqui observada poderia, entre outros fatores, ser explicada pela posição de arrimo de família em que ele se encontrava.

Nesse caso, a questão financeira pode “ter falado mais alto” do que suas posições ideológicas. Isso certamente revela o conflito existente entre o militante e o homem inserido na sociedade capitalista, conflito esse que, segundo John French, pode ter sido um dos grandes motivos da falta de sindicalização entre os operários, levando o movimento à derrocada¹¹². Oiticica, tido por alguns de seus admiradores como “um anarquista sempre coerente em suas atitudes”¹¹³, em determinado período viu-se obrigado a participar das redes de relações existentes dentro dos organismos estatais e clientelísticos.

O objetivo desta análise não é diminuir ou questionar a importância da ideologia anarquista para Oiticica. Observando o que já foi escrito na historiografia operária sobre ele, podemos notar que foi um grande defensor dessa corrente, seguindo e propagando-a mesmo depois de o pensamento ácrata não ser mais predominante entre militantes da causa operária. Essas análises ajudam a detectar os caminhos percorridos por Oiticica e nos auxiliam na percepção de que a história de vida dos personagens biografados são “escritas” a partir de suas relações, oportunidades, sofrimentos, decisões e dos mais variados fatores que as influenciam. Como afirma Azevedo, observando “o indivíduo não como um eu autônomo, mas, sim, inserido numa realidade dinâmica dentro de um coletivo que se amplia”.¹¹⁴

Sobre a defesa de Oiticica na banca examinadora, relata Rodrigues, “foi uma

¹¹² FRENCH, John. **O ABC dos Operários: 1900-1950**. Hucitz, São Caetano, 1995, p.47.

¹¹³ NEVES, Roberto das (org) **Ação Direta**. Rio de Janeiro, Germinal, 1972, p. 27.

¹¹⁴ AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. “Biografia e Gênero”. In: GUAZELLI. op. cit, p. 136.

batalha memorável entre o saber e a mediocridade”¹¹⁵. Esta perspectiva, certamente reflete sua forte admiração pelo personagem. Seguindo, comenta que após sua apresentação, alcançando o mesmo nível dos concursos anteriores, seus examinadores sentiram-se tentados a reprová-lo, pois além de se sentirem desrespeitados, eram contra sua postura política, anarquista e anticlerical.

O diretor do colégio, Carlos Laet, um dos mais criticados entre os examinadores,¹¹⁶ teve papel fundamental na aprovação do candidato. Após argumentar a favor da capacidade intelectual de Oiticica, e afirmar que ele não poderia ser reprovado devido às divergências entre seus pontos de vista com os da banca examinadora, e que o anarquismo e o ateísmo do candidato não poderiam influenciar de forma alguma o resultado, pois não tinham nenhuma relação com a avaliação proposta pela banca, Oiticica foi aprovado por unanimidade e nomeado para o cargo que exerceu durante 35 anos, até 1952 quando, aos 70 anos, foi compulsoriamente aposentado.

Durante este período, Oiticica se afastou da cadeira de professor do Colégio Pedro II somente nas ocasiões em que esteve preso, devido a suas atuações políticas e também quando foi ministrar um curso de literatura portuguesa, a convite do governo alemão, na Universidade de Hamburgo, entre os anos de 1929 e 1930.

A partir da leitura de um trecho da aula inaugural do Colégio Pedro II, ministrada por Bernardo Pereira de Vasconcelos, podemos observar o quanto esta instituição se norteava por princípios tradicionais e, apesar de longo, o transcreverei na íntegra:

Nenhum cálculo de interesse pecuniário, nenhum motivo menos nobre e menos patriótico, que o desejo de boa educação da mocidade e do estabelecimento de proveitosos estudos, influiu na deliberação do Governo. Revela, pois, ser fiel a este princípio: manter e unicamente adotar os bons métodos; resistir a inovações que não tenham a sanção do tempo e o abono de felizes resultados; prescrever e fazer abortar todas as espertezas de especuladores astutos, que ilaqueam a credulidade dos pais de família com promessas de fáceis, e rápidos processos na educação de seus filhos; e repelir os charlatães que aspiram à celebridade, inculcando princípios e métodos que a razão desconhece, e, muitas vezes, assustada, reprova. Que importa que a severidade de nossa disciplina, que a prudência e a salutar lenteza com que procedemos nas reformas, afastem do Colégio muitos alunos? O tempo, que é sempre o condutor da verdade e o destruidor da impostura, fará conhecer o seu erro. O Governo só fita a mais perfeita educação da mocidade: ele deixa (com não pequeno pesar) as

¹¹⁵ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993. p. 37.

¹¹⁶ SAMIS, Alexandre, op. cit, loc. cit.

novidades e a celebridade aos especuladores, que fazem do ensino da mocidade um tráfico mercantil, e que nada interessam na moral e na felicidade de seus alunos. Ao Governo só cabe semear para colher no futuro.¹¹⁷

Conquanto, mesmo a instituição tendo como base de seu regimento estes princípios, Oiticica, assim como procurava fazer com os demais assuntos por ele abordados, ministrava suas aulas aproximando o conteúdo aplicado às contradições sociais e às teses ácratas. Nas palavras de Viriato Corrêa, ex-aluno dos tempos do colégio Pedro II,

O professor José Oiticica era o professor José Oiticica. Não se parecia com pessoa alguma deste mundo. Pensava a seu modo, agia ao seu modo, as suas opiniões só ele as tinha, os seus gostos eram dele unicamente e de sua maneira de ser não se afastava um milímetro, mesmo que tivesse de ir parar à cadeia. E muitas vezes o foi, mas a cadeia nunca teve poder para lhe apagar a bravura do pensamento e das atitudes¹¹⁸

Podemos notar então, pelas declarações do ex-aluno, que Oiticica, mesmo após ter sido aprovado em uma instituição estatal, não diminuiu suas críticas ou mudou sua conduta em relação ao Estado. Pelo contrário, utilizava aquelas salas de aulas para propagar suas teorias sociais, discutindo com seus alunos as desigualdades sociais existentes no mundo.

Estas aulas foram adjetivadas por outro aluno seu, Pedro Nava, de “aulas-comício”¹¹⁹. José Oiticica, segundo Antonio Arnoni Prado, usava em suas aulas, textos, cenas, frases dos personagens de Aristófanes como material de análise, e ia transformando estes personagens em verdadeiros anarquistas. Organizava de forma excepcional estas passagens, ressaltando as frases em que se questionava a sociedade e/ou as que podiam ser aproximadas às teorias anarquistas.¹²⁰ Suas aulas podem ser consideradas mais um campo em que tentava exercitar a “arte” da discussão e da revolta, atitudes estas muito exaltadas no meio anarquista. Seguindo o relato, Prado afirma que o

¹¹⁷ VASCONCELOS, Bernardo Pereira de. “Aula Inaugural do Colégio Pedro II” discurso publicado no Anuário no. 1 do Colégio Pedro II, 1914. APUD: ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. **Colégio Pedro II: Um Lugar de Memória**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) em História. Rio de Janeiro, 1999. 157p.

¹¹⁸ CORRÊA, Viriato. **Discurso de homenagem na Academia**. *Jornal do Comércio* (RJ), 7 jul. 1957.

¹¹⁹ NAVA, Pedro, **Balão cativo**. Rio de Janeiro, José Olympio, 3ª ed., 1977, p. 57.

¹²⁰ PRADO, Antonio Arnoni, **Elucubrações dramáticas do professor Oiticica**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300021 em: 15 jul. de 2010.

professor José Oiticica tentava demonstrar para seus alunos, grande parte advindos das camadas dominantes da sociedade brasileira, que “ao governo, não interessa o povo instruído e honesto: só lhe serve o ignorante e o maroto” Oiticica buscava assim, destruir a respeitabilidade que o “povo” tinha pelos governantes, reservando parte da sua aula para discutir sobre as teorias anarquistas.

Ao pregar as teorias anarquistas para os filhos da elite, Oiticica, talvez, estivesse se baseando na concepção anárquica de que a ação contra o Estado não deveria seguir a luta de classes. Até porque, para os pensadores ácratas, as classes não eram homogêneas. Segundo Edilene Toledo, para os militantes dessa ideologia “a luta contra o Estado e o capitalismo deveria ser movida pela concepção que se tem de justiça, de igualdade e de liberdade, e não pela posição ocupada em uma classe econômica”¹²¹. Sendo assim, encontrou ali mais um campo de atuação. Possivelmente pensava ser muito proveitosa a doutrinação anarquista também dos herdeiros das elites brasileiras, influenciando em suas concepções de justiça, igualdade e liberdade.

Assim, talvez esperasse poder auxiliar no processo de emancipação do homem em relação à sociedade capitalista pregada pela teoria Anarquista, pois esses alunos seriam seus futuros “comandantes”. Rodrigues escreveu que Oiticica nunca se disse revolucionário¹²² e, juntamente com sua atuação dentro de uma instituição estatal, podemos pensar que acreditava também na mudança de atitude da elite dominante motivada pela introdução de outras teorias que não eram pregadas pelo Estado. Portanto, percebemos aqui um Oiticica preocupado com a educação da sociedade, possivelmente por acreditar que a educação traria um maior conhecimento sobre as injustiças que o Estado e o sistema capitalista causavam à população, e sabedora destes males, o caminho para as transformações sociais, que a anarquia pregava, ficaria mais curto.

José Oiticica, assim, levava para dentro de uma instituição governamental, conservadora e elitista as teorias anarquistas que almejavam alcançar a transformação social. Nos anos de 1916 e 1917, mesmo o Brasil estando em Guerra contra a Alemanha, o Governo não proibiu manifestações públicas, direito este garantido pela Constituição

¹²¹ TOLEDO, Edilene. **A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República**. In: FERREIRA. *Idem*, p. 64.

¹²² RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p.50.

Federal. Naqueles anos, Oiticica e os anarquistas seguiam “empenhados em combater os males trazidos pelo capitalismo”.¹²³

O ano de 1917 marcou o início do período em que o movimento sindical entrou em sua maior atividade na Primeira República, devido ao contexto da época, no qual o mundo sofria, e em especial as classes menos favorecidas, com os déficits econômicos e sociais causados pela Guerra. A expectativa do sucesso da Revolução Russa trazia um grande manancial para ser discutido e debatido nos meios operários, incentivando assim os trabalhadores às greves. As motivações imediatas dessas geralmente diziam respeito à carestia de vida.

Os sindicatos de classe, juntamente com militantes de correntes ideológicas que compartilhavam, ao menos em parte, de seus ideais de luta incitavam o operariado a se rebelar contra os empresários e comerciantes que se aproveitavam da grande procura por matérias-primas e gêneros alimentícios para elevarem os preços dos produtos. A remuneração do operariado, na época, era bem menor que o valor gasto em uma “cesta básica”¹²⁴. Os jornais denunciavam a alta da produção de alimentos nacionais e também a elevação dos preços, denunciando os capitalistas, afirmando que eles estavam “roubando tudo” enquanto os trabalhadores passavam fome. Acusavam os comerciantes de estocarem produtos, visando a elevar o preço devido ao aumento da procura, e incentivavam os trabalhadores a saquearem os armazéns.

A carestia de vida, a falta de leis trabalhistas, em suma, o agravamento das condições de existência da classe operária, juntamente com as idéias revolucionárias de grande parte dos militantes da causa social e operária, resultaram em deflagrações de greves no Brasil inteiro. Segundo Tiago Bernardon de Oliveira, aquele

É o momento em que a tensão capital/trabalho atinge seu *clímax* durante a Primeira República. A repressão armada por si só não conseguiu contê-la. A classe dominante e o Estado, a duras penas, tiveram que reconhecer a força dos operários grevistas e viam-se obrigados a negociar.¹²⁵

¹²³ RODRIGUES, op. cit ,p.51.

¹²⁴ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920**. Trad: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.133.

¹²⁵ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativo da relação entre o Estado e o Movimento Operário nos casos de São Paulo,**

Fatos comuns e isolados conduziam os operários à greve geral. No Rio de Janeiro, desde os primeiros dias do ano de 1917, os militantes da FORJ organizaram um Comitê Central de Agitação e Propaganda contra a Carestia e o Aumento dos Impostos, visando politizar a questão da carestia de vida. Realizaram vários comícios em que buscavam revelar e informar aos trabalhadores quem eram os culpados pela exorbitante exploração. Em um destes comícios, Oiticica tratou do tema afirmando que,

A carestia é resultante, em última instância, da própria estrutura social brasileira, ou seja, da exploração capitalista e da dominação burguesa. Enquanto os açambarcadores estocam gêneros de primeira necessidade nos armazéns, enquanto os burgueses em geral vivem com luxo e conforto e o Estado – representante da burguesia – permanece indiferente, a classe trabalhadora e a população pobre em geral vivem na penúria.¹²⁶

Os anarquistas buscavam incitar os trabalhadores à greve geral, pois essa seria um caminho para a revolução social, incentivando-os a se emanciparem em relação ao capital, emancipação que só seria alcançada, segundo essas lideranças, por meio deles próprios, pois o Estado não os representava.

Essa conjuntura culminou na deflagração de várias greves e na crença dos militantes, apoiados na esperança da vitória da Revolução Russa, de que era chegada a hora de promover, aqui no Brasil, o ataque à ordem vigente. Foi neste contexto que ocorreu a greve de 1918, no Rio de Janeiro, denominada por parte da historiografia como a *Insurreição Anarquista de 1918*; nela, José Oiticica foi um dos principais mentores do ataque frustrado ao palácio do governo.

A atuação de José Oiticica nestes movimentos será apresentada e analisada no último capítulo desta dissertação. No próximo capítulo, apresentarei a atuação de Oiticica no movimento anarquista e operário a partir do estudo de alguns artigos publicados em jornais da época tratada, tentando construir um José Oiticica anarquista a partir de seus próprios escritos e atuações.

Minas Gerais e Rio Grande do Sul, nas duas primeiras décadas do século XX. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2003, p.150.

¹²⁶ NEVES, Roberto das (org) **Ação Direta.** Rio de Janeiro, Germinal,1972, p. 138.

CAPÍTULO II – O fazer-se anarquista de José Oiticica

Neste capítulo interromperei momentaneamente a narrativa sobre a biografia de José Oiticica para abordar alguns pontos que acredito serem de suma importância para entendermos como o personagem foi formulando as idéias que culminaram em sua teoria anarquista e visão de sociedade. Para tanto, procuro identificar os temas centrais de sua teoria, seu pensamento político e social, que poderão nos revelar suas influências e leituras de outros pensadores que, somadas ao curso de sua vida, acabam por construir o seu anarquismo.

Após analisar a construção da idéia anarquista de Oiticica, buscarei identificar alguns dos “inimigos da anarquia”, os quais aparecem constantemente nos artigos de doutrinação escritos por ele. Elegi como os mais importantes o Estado, a Igreja e o Capital. Esses artigos demonstram como tais instituições são vistas como malélicas à sociedade. Encontraremos aqui também outro tipo de inimigo: a teoria socialista, que coexistia e disputava espaço com o anarquismo dentro da luta operária. Não sendo essa a única inimiga a ser combatida no seio do movimento operário, parece-me ser com ela que Oiticica mais se preocupava, pelo menos no período tratado. Em relação a isso, Milton Lopes escreve:

Segundo José Oiticica, de 1912 a 1918 ‘consequíramos nós, anarquistas, e somente nós, escorraçar dos sindicatos toda casta de políticos ditos socialistas, os irineus, os nicanores, os evaristos, apontando às massas seus interesses inconfessados, suas táticas oportunistas, sua insinceridade’.¹²⁷

Sendo assim, pretendo aqui, a partir de escritos de Oiticica, mostrar como ele defendia seu anarquismo em relação às outras correntes ideológicas.

Este capítulo se encerra com uma pequena análise sobre os reflexos da Revolução Russa sobre os teóricos e participantes do movimento anarquista e operário, pois, certamente devido também a esta influência, o movimento operário entra em ebulição no

¹²⁷ LOPES, Milton. **A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro**. In: BORGES, Rafael e FILHO, Daniel Aarão Reis (org). **História do Anarquismo no Brasil (volume I)**. Niterói, EdUFF, 2006, p.217.

final da década de 1910 e início dos anos 1920. Assim, busco perceber tal influência nos artigos escritos por Oiticica, que acredito que, em um primeiro momento, ressaltam a necessidade de organização do operariado, instruindo-os sobre a teoria anarquista, tentando arregimentar braços para a luta futura. Posteriormente, já próximo ao final da década de 1910, pode ser notada por parte dos militantes anarquistas a crença de que, estando o movimento já organizado, é chegada a hora de se levantar contra as usurpações da sociedade capitalista, assim como ocorreria na Rússia.

A partir destas análises, creio que seja possível notarmos a construção da “liderança” deste personagem (ao menos em relação ao movimento operário carioca). Liderança essa que será notada na greve do Rio de Janeiro, em 1918, e que posteriormente valerá uma homenagem a Oiticica, em um poema que intitulado com seu nome.

2.1- A construção da Idéia e suas possíveis influências

Para realizar as análises propostas é interessante tentarmos descobrir qual seria o anarquismo de Oiticica. Num primeiro momento, procurei encontrar em entrevistas concedidas pelo personagem algo revelador, ou uma simples afirmação que me levasse à descoberta de quando, como e porque Oiticica se tornou anarquista. Um dos caminhos para essa busca foi a leitura da entrevista por ele concedida à revista *O Cruzeiro*, em 1953. Nesta, ele relata que só descobriu ser anarquista após uma conversa com seu primo Ildelfonso, na qual este lhe revelou que suas teorias sociais eram puro anarquismo.¹²⁸

Na mesma entrevista, Oiticica afirma que:

[...] sempre fui meio rebelde. Garoto ainda fui expulso do seminário São José porque recusei a mão à palmatória. Mas acabei indo para a Faculdade de Direito e com tal crença que disputei sempre os primeiros lugares com Levi Carneiro, que foi da minha turma. Pois, assim, com uma crença sagrada no Direito, fui ao Fôro levar um alvará para registro. O oficial do registro me cobrou 13\$600, quando o Regimento de Custos marcava para o caso apenas 3\$600. Protestei. O homenzinho foi peremptório: “-- Não me

¹²⁸ Esta conversa já foi narrada no primeiro capítulo, página 33.

interessa o que o Regimento diz. Eu preciso viver”. Após isto larguei o direito¹²⁹

As duas informações são cedidas por José Oiticica ao ser indagado sobre “como veio a ser anarquista”. A transcrição delas aqui não satisfaz a nossa interrogação, posto que o personagem acaba tentando transmitir a idéia de que o anarquismo sempre esteve presente “em seu sangue”, fato corriqueiro em entrevistas nas quais os personagens acabam, mesmo inconscientemente, acreditando na idéia de predestinação ou de ter sempre consciência do caminho que deviam seguir. Baseando-me apenas nestas informações corro o risco de cair em uma biografia teleológica e acabar incidindo no erro da “busca por origens”.¹³⁰

As transformações de pensamentos são constantes na vida da maioria dos homens, assim como de nosso personagem, e podem ser notadas ao observarmos dois poemas de Oiticica, escritos em épocas e com temáticas diferentes. O primeiro, segundo Hardman, é escrito no início da década de 1910 e demonstra bem a influência que pairava sobre os intelectuais daquele período.¹³¹ Com seu estilo Parnasiano, Oiticica transmite suas idéias antimodernistas. Vejamos:

Meu Pensamento
Meu pensamento é nobre e aristocrata...
Sonha palácios, torres, Melisandes;
Ama o plinto, um minueto, uma balata.
É D. Quixote e aplaude os feitos grandes.
Preza a arte extrema, onde algo se delata
Do homem, do Fim, do Amor, de Orion, do Andes.
Detesta o plebeísmo, a bombachata
De cubismo, foxtrotes e jazbandes.
Quer ver a idéia sã na forma pura,
A linha, o tom, o acorde, o estilo, a rima,
Onde a emoção, zainfe irial, fulgura
E, como intenta erguer-se a uma Obra-Prima
Desdenha as fatochadas da Impostura,
E sobe, sobe sempre, ao mais acima.¹³²

Podemos notar o valor que Oiticica dá à forma de escrita. Neste poema encontramos um Oiticica “purista formal e parnasiano”. Logo, critica as formas

¹²⁹ CAMARINA, Mario. **Confissões de um anarquista Emérito**. *Revista O Cruzeiro*, 23/05/1953, Ano XXV, N.32.

¹³⁰ XAVIER, Regina Célia Lima. “O desafio do trabalho biográfico”. In: GUAZELLI. op. cit, p.166.

¹³¹ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem patrão**. 3º Ed. São Paulo. Unesp. 2002, p.136.

¹³² OITICICA, José. “Meu Pensamento” APUD. HARDMAN, Idem, p.136.

experimentais do modernismo.¹³³ Mesmo sem abrir mão da importância da forma de escrita para obter o sucesso da transmissão de conceitos, no segundo poema ele demonstra o peso que a teoria anarquista trouxe às suas produções. Assim, Oiticica apresenta suas críticas, de forma mais direta e direcionadas ao âmago da questão. Nas palavras de Hardman, neste poema, escrito na década de 1930, encontramos uma “sátira política bem ao gosto do labéu anarquista, apesar de ainda prisioneira da forma de soneto”¹³⁴:

Viva o chefe do trabalho!
Pessoal, dê uma “viva” ao chefe do trabalho!
Collor merece manifestação:
Deu-vos brida, selim, chinha e vergalho
E uma alfada legal a prestação

Viva “iô-iô” Lindolfo e seu esgalho:
O Evaristo, o Agripino e o Pimentão!
Eles vos levam, águias, para o talho,
Bem amarrados à legislação

Gritai, ovacionai, enchei de vento
A empáfia do Lindolfo safardana
Ex-bernardista que vos perseguiu!

Gritai, com vosso grito uno e violento,
Mandando o claque vil que vos engana
À grandíssima pata que os pariu!¹³⁵

No primeiro poema, ao valorizar seu pensamento e por isso ressaltar a forma de escrevê-lo, Oiticica tenta revelar a inutilidade das novas correntes intelectuais. Hardman afirma que, como antimodernista convicto, ele era apegado ao padrão discursivo mais convencional.¹³⁶ Tais informações podem ser relevantes se observarmos o contexto que movimentava as idéias das “classes pensantes”, caso contrário fica difícil notar qual a direção da crítica de Oiticica. Já no segundo poema, influenciado pelo anarquismo, ele revela claramente a quem quer atingir. Esta análise pode vir a corroborar a idéia que sustento de transformação de pensamentos. Sem negar suas influências, pois, como disse, ainda prezava o valor da escrita, Oiticica, após conhecer o anarquismo, incorpora em seus escritos e pensamentos a necessidade de revelar diretamente suas críticas.

¹³³ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem patrão**. 3º Ed. São Paulo. Unesp. 2002, p.136.

¹³⁴ HARDMAN, Francisco Foot, op. cit, p.137.

¹³⁵ OITICICA, José. “Viva o chefe do trabalho” APUD. HARDMAN Idem, p.137.

¹³⁶ HARDMAN, Francisco Foot, op. cit, p.136.

A partir dessas análises e sem negar informações fornecidas por Oiticica em sua entrevista na revista *O Cruzeiro*, pois possivelmente elas o influenciaram na formulação de suas críticas à sociedade, procurei ir mais além e observar, também, seus estudos e leituras efetuadas durante e após seu período discente, tentando perceber como estas puderam influenciar na elaboração de sua teoria, pois é na soma destes conhecimentos, os quais passam pela Biologia, Sociologia, Filosofia, Economia Política e até Física, que Oiticica vai procurar bases para fundamentar suas novas visões de mundo. Como já foi dito, esta busca pelo conhecimento científico diversificado era comum à época de Oiticica e, conseqüentemente, se fará sentir na elaboração de suas idéias sociais, como afirma Renato Luiz Lauris Junior: “Oiticica exercerá sua militância, reconhecendo na ciência mecanismo de prosperidade e igualdade entre os indivíduos.”¹³⁷

Toda essa bagagem cultural, ressalte-se, Oiticica adquiriu desde muito cedo, pois como jovem de classe abastada, tendo seu pai como um dos representantes da política nacional, conviveu com os livros logo que com eles pôde ter contato. Segundo Lauris Junior, a biblioteca de Francisco Leite e Oiticica foi de grande valor como fonte de conhecimento para José, “estudando desde cedo teatro e filosofia, sociologia, literatura, história entre outras ciências e autores”¹³⁸.

Posteriormente, após a conclusão de seus estudos, Oiticica já havia adquirido um grande manancial de conhecimento que possibilitou o desenvolvimento de suas teorias, as quais somadas ao conhecimento sobre o anarquismo, ajudaram a formular a visão da sociedade que ele defendeu pela vida afora; adicionando e reformulando seu pensar, Oiticica seguirá a teoria anarquista até a data de sua morte.

Nosso personagem buscou sistematizar a teoria anarquista para que ela assim pudesse ser melhor compreendida e para transmitir o conhecimento aos que dele foram privados. Como afirma Dora Barrancos, “o movimento a favor da participação daqueles que graças a seu trabalho transformava a fisionomia do mundo, alcançou envergadura a partir da segunda metade do século XIX ao mesmo tempo em que a ciência se revelava como um valor universal”. Para os militantes das correntes operárias inspirados nos ideais iluministas era de suma importância que participassem desse “banquete [da ciência e do

¹³⁷ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.35.

¹³⁸ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op, cit, p.25.

progresso] exatamente quem mais os colocava em evidência: os trabalhadores”.¹³⁹ Oiticica não fugiria à regra e, assim, tinha a preocupação de se fazer entender ao falar ou transcrever suas idéias. Acreditava, também, que a ação discursiva deveria ser um exercício pedagógico que possibilitasse a compreensão do leitor das idéias do autor. Em suas palavras,

Pensar deve ser antes de tudo, criação estética. Pensamento sem beleza não dá pensamento: é, no máximo, um pouco da verdade proferida por um sábio: é possibilidade, massa para um ‘fiat’, pedra para um camafeu. Por isso vale tanto a idéia quanto a frase. Um pensamento encaixado em frase troncha ou áspera, sofre; os ouvidos apurados ouvem-no chorar. Ao contrário, um pensamento frágil, embutido numa frase límpida, canta e reza. Os grandes pensamentos encoastados em períodos lapidares são seres vivos, tem sangue e ‘lymphá’, respiram, falam, movem-se e comovem.¹⁴⁰

Aqui, notamos a importância dos estudos de filologia na formação do pensamento de Oiticica. Se esses não são usados de forma direta na formulação de suas teorias explicativas sobre os problemas sociais, o auxiliam ou o influenciam na preocupação de como se fazer entender. Amparado nas discussões sobre as formas de escrita, ele leva seus aprendizados filológicos para dentro de “seu novo mundo”: o de “propagador de idéias ácratas”.

Unindo todo seu conhecimento erudito com as demais experiências de vida, Oiticica elaborara sua teoria eivada de saberes científicos, vivências pessoais e “valores anarquistas”. Ele inicia sua jornada procurando convencer os integrantes do movimento sindical, e também todos os que lhe ouvissem, sobre os benefícios de uma sociedade anarquista. Para ser bem sucedido, acreditava que era de grande importância que suas idéias fossem transmitidas de uma forma compreensível e bela para seus ouvintes e leitores. Para tanto, ao abordar o tema anarquismo, buscou explicá-lo a partir de conhecimentos sobre Biologia, Física e Química, relacionando-os à Sociologia e Filosofia, almejando assim revelar os problemas sociais da humanidade.

Esse sentimento iluminista também poderia estar ligado ao reconhecimento que,

¹³⁹ BARRANCOS, Dora. **A escena iluminada. Ciências para trabajadores (1890-1930)**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1996, p.17-18; no contexto local o alcance dessas idéias foi analisado por SCHMIDT, Benito. “O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, nº 41, 2001, p. 113-126.

¹⁴⁰ OITICICA, José. “Culto á forma”. **Correio da Manhã**, dez. 1921.

como aponta Batalha, o público receptor de tais mensagens “mesmo quando alfabetizado deveria ter uma considerável dificuldade em acompanhar a argumentação da liderança nas questões de cunho teórico”.¹⁴¹ Talvez aproximando a teoria de outros estudos, Oiticica acreditava que seria melhor compreendido por seus ouvintes e leitores. Assim, tinha como carro chefe de sua explicação a conservação e gasto desnecessário de energia humana relacionando-o com o problema da propriedade privada.¹⁴²

Suas análises sobre o acúmulo e desperdício de energia são baseadas na *Teoria de Conservação de Energia* de Julius Robert von Mayer (físico e médico alemão, famoso por ser um dos fundadores da termodinâmica) e também na *Teoria da Queda de Energia*, descoberta por Nicolas Léonard Sadi Carnot (físico, matemático e engenheiro francês que criou o primeiro modelo teórico de sucesso sobre as máquinas térmicas), relacionando-as com a energia do corpo humano e com o problema da propriedade privada.¹⁴³ Possivelmente inspirado no teórico anarquista francês Pierre-Joseph Proudhon, formulou a base central de suas análises sobre a sociedade. Podemos notar, assim, a ampla relação feita por Oiticica para alcançar a elaboração de suas teorias: provavelmente conheceu as obras de Mayer durante o período em que esteve matriculado no curso de Medicina, aventurando-se então pelas outras áreas em que o autor atuava, como a Física. Pode-se pensar que, neste caminho, conheceu as obras de Carnot e, juntamente com as leituras anarquistas, adquiridas posteriormente a este período de estudante de Medicina, encontrou importante manancial para a defesa de suas idéias.

Dentro dessa variedade de conhecimentos e vieses científicos adquiridos por Oiticica voltamos à pergunta inicial deste Capítulo. Qual era seu anarquismo? A leitura dos artigos intitulados *O desperdício da energia feminina*, dividido em seis partes e publicado na revista *A Vida*, entre os anos de 1914 e 1915, pode nos revelar parte de suas teorias e visões sobre a sociedade. Mesmo quase não citando os grandes teóricos da causa, a leitura deste artigo nos possibilita reconhecer algumas de suas influências.

Possivelmente o fato de não amparar diretamente seus conceitos em outros

¹⁴¹ BATALHA, Claudio. “A difusão do Marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX”. In MORAES, João Quartim de. **História do Marxismo no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995, p. 27.

¹⁴² OITICICA, José. “As causas do crime”. **Na Barricada**, Ano 1, n°13, set. 1915.

¹⁴³ OITICICA, José. “O desperdício da energia feminina”. **A Vida**, Ano 1, n°1, nov. 1914.

pensadores tinha como aspiração o desejo de aproximar a idéia libertária de seus leitores, os quais estariam “aprendendo” com o sistematizador de tais teorias. Assim, baseado na crença de que “as idéias devem ter vida, devem ser sentidas, devem alcançar os indivíduos como toque”¹⁴⁴, o sucesso da absorção das teorias anarquistas viria também pelo fato de Oiticica ser visto como o principal organizador daquelas, ali escritas ou faladas. Outra hipótese que podemos levantar na questão das referências diretas a teóricos ácratas, é a visão que Oiticica mantinha sobre o uso das idéias. Segundo Lauris Junior, “ele compreende o acesso aos clássicos não como modelo a ser seguido, mas sim refletido”¹⁴⁵. Portanto, pode ser que ele também pensasse que as idéias não deveriam ser “propriedade privada”, podendo ser apropriadas, usadas e transformadas sem que suas “fontes” devessem ser citadas.

Um exemplo dessa situação é fornecido por José Oiticica na segunda carta endereçada a Silva Marques, publicada no jornal *Na Barricada* em setembro de 1915, quando aconselha ao seu opositor de idéias procurar entender melhor o que é o anarquismo.

Falta-lhe apenas conhecer o anarquismo. Embora V. tenha lido autores anarquistas. Uma coisa é ler a outra aprender. V. leu esses autores com espírito de jurista e este espírito estragou-lhe a leitura. [...]. Cumpre passar pelo processo de iniciação, tanto mais difícil quanto a *doutrina anarquista* não foi até hoje sistematizada. Essa sistematização eu tentei e creio ter chegado a realizá-la definitivamente nos seus pontos capitais [...]. V. poderá ver em resumo os meus trabalhos na revista *A Vida*, sob os títulos *O desperdício da energia feminina* (incompleto).¹⁴⁶

Para revelar o que seria o anarquismo, José Oiticica aconselha Silva Marques a procurar seus artigos na revista *A Vida*, os quais seriam, em sua visão, os primeiros artigos que sistematizaram essa teoria, tornando-a compreensível para os leitores. Tal conselho é válido para nós, pesquisadores e leitores, talvez não para entendermos o significado da teoria anarquista, mas sim para entendermos qual era o anarquismo pregado por Oiticica. Por isso, na busca pela resolução desta interrogação, embasei-me principalmente nas informações fornecidas pelo biografado nos artigos citados.

Antes de realizar essa análise gostaria de abordar aqui uma problemática que

¹⁴⁴ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.14.

¹⁴⁵ LAURIS JUNIOR, op. cit, loc. cit.

¹⁴⁶ OITICICA, José. “Segunda Carta ao Dr. Silva Marques”. **Na Barricada**, Ano 1, n°15, set. 1915.

penso ser necessária, e que também compõe a questão sobre qual era o anarquismo do personagem, pois sua resolução conseqüentemente pode nortear nosso olhar quando observarmos as idéias de Oiticica: trata-se do fato de que a teoria anarquista não é uma corrente de pensamento unificada, ou seja, há discordância sobre como se deve seguir a luta contra a sociedade capitalista e opressora. Segundo Woodcock, a partir do mutualismo defendido por Proudhon, o anarquismo pode ser dividido entre três grandes correntes: o coletivismo, o anarco-comunismo e o anarcossindicalismo (a nomenclatura desta última é muito discutida na historiografia, sendo chamada por parte dos autores de sindicalismo revolucionário)¹⁴⁷. Todas essas correntes conteriam elementos das teorias de Proudhon.

Woodcock escreve que “Bakunin e os coletivistas que viveram nos últimos anos da década de 1860, procurando adaptar o comportamento anarquista a uma nova sociedade (...) substituíram a ênfase atribuída à propriedade individual pela idéia de propriedade em mãos de instituições voluntárias.”¹⁴⁸ A segunda corrente, tinha como principal teórico Peter Kropotkin, segundo o comentador,

Não se limitaram a ver na comuna local e sem associações semelhantes os guardiões adequados dos meios de produção. Criticaram também o sistema de salários em todas as suas formas e ressuscitaram a idéia – já proposta por Thomas Moore – de um comunismo literal, que permitiria a todos retirar aquilo que desejassem dos depósitos comuns, tendo como base o lema: ‘ De cada um, de acordo com seus meios; a cada um, de acordo com suas necessidades’.¹⁴⁹

A última corrente seria a anarcossindicalista ou sindicalista revolucionária, surgida nos sindicatos franceses e que valorizava o sindicato como o instrumento de luta mais poderoso. Esta última forma de atuação era questionada por outros anarquistas que afirmavam que ela não visava colocar fim ao capital, pois tinha como bandeira de combate a luta econômica.

¹⁴⁷ Sobre esta discussão ver: TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 2004.

¹⁴⁸ WOODCOCK, George. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**. Trad: Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.p. 20.

¹⁴⁹ WOODCOCK, George, op. cit, p. 20.

Das três correntes citadas, acredito que José Oiticica seguiu, como fonte inspiradora de suas a teorias, as idéias defendidas por Kropotkin, logicamente não eximindo as influências que as outras tiveram sobre seu pensamento. Percebemos isso ao ver que Oiticica, logo que revelou ser anarquista, passou a atuar também no movimento sindical. Da leitura de dois artigos de Oiticica, respaldo a idéia sobre ele receber maior influência das idéias de Kropotkin. São eles: *Quarta carta ao Dr. Silva Marques* e *O que são*.

No primeiro, Oiticica nos revela uma possível leitura de Kropotkin quando, ao explicar para Silva Marques “os diferentes tipos de anarquismo”, afirma que o anarquismo individualista, baseado nas idéias de William Godwin, é algo já superado e que a sociedade caminha para o anarquismo comunista, no qual se repele toda e qualquer forma de autoridade, a força, a forma de governo baseada nas leis criadas pelo próprio governo e também o Estado soberano formado por exploradores.¹⁵⁰ Podemos pensar então que Oiticica, encontrando no anarquismo comunista o caminho ideal para a sociedade, se baseará nesta teoria para propagar a doutrina em suas palestras e escritos.

Em 1919, ao falar sobre a Revolução Russa, nosso personagem escreve no jornal *Spartacus* que “Kropotkin é, na verdade, o escritor que mais profundamente penetrou na futura organização anárquica e mais compreende o papel do povo nessa organização de comunas livres”¹⁵¹. Como foi visto anteriormente, Oiticica se preocupava muito com a inteligibilidade da teoria para que, assim, ela pudesse ser executada, por isso preocupava-se em escrevê-la de forma sistematizada e explicativa. A afirmação que Kropotkin é o escritor que mais entende sobre a sociedade anárquica nos leva a crer que, para ele, as teorias deste pensador são quase que inquestionáveis na explicação da nova sociedade.

Advindo de família abastada, Oiticica não encontrou problemas em relação à sua formação intelectual: desde cedo frequentou escolas e, após terminar os ensinamentos obrigatórios, passou por duas faculdades, Direito e Medicina. Optou pela profissão de professor, lecionando História, Sociologia, Línguas Estrangeiras e Português. O conhecimento adquirido, juntamente com suas experiências de vida e a teoria anarquista,

¹⁵⁰ OITICICA, José. “Quarta carta ao Dr. Silva Marques”. **Na Barricada**. N. 18, Out. 1915.

¹⁵¹ OITICICA, José. “O que são”. **Spartacus**. N. 19, Dez. 1919.

podem ser percebidas em seus textos doutrinários. Pensando que esses seguiam um viés anarquista comunista, provavelmente inspirado em Kropotkin, analisaremos um conjunto de textos publicados na revista *A Vida*, intitulados *O desperdício da energia feminina*, para assim podermos observar como a soma destas teorias e vivências se fez representar no anarquismo de Oiticica. O título deste artigo demonstra a preocupação com a situação da mulher no meio social. Ao elaborar quase que uma cartilha sobre os malefícios causados ao sexo feminino por causa do sistema capitalista, Oiticica constrói também toda uma sistematização de suas idéias sobre os males que afligem a sociedade como um todo e não só as mulheres. Inicialmente abordando o problema de gênero no meio capitalista ele amplia suas análises e tenta explicar como a sociedade capitalista e autoritária prejudica o desenvolvimento da humanidade em geral e não apenas o da mulher.

No primeiro artigo na revista *A Vida*, José Oiticica, apoiando-se nas discussões sobre energia realizadas dentro do campo da Física, afirma que o mundo é composto por vários tipos de energia e tanto os objetos orgânicos quanto os inorgânicos estão sujeitos a sua perda, que pode ser notada de forma quantitativa e/ou qualitativa. As energias universais, energia mecânica, cinética, estática, luminosa e química, tenderiam a se transformar em energia calorífica.

O processo de transformação despenderia um gasto de energia irrecuperável, assim sendo, o mundo morreria de uma estagnação térmica, pois, a cada vez que se realizasse o processo de transformação, o resultado obtido em acúmulo de energia calorífica seria menor que o anterior. Isso se as energias fossem estáveis. Oiticica segue afirmando que estas energias não são estáveis e, portanto, sua transformação também não. Sendo assim, o universo, como uma soma de energias, teria sua manutenção realizada pela instabilidade desta metamorfose de energias cósmicas, que asseguraria a manutenção das energias.

Essa teoria, um tanto quanto complexa, tornou-se a base do pensamento social de Oiticica, o qual a firma que a vida seria a manutenção de uma quantidade de energia em determinado organismo e, para a manutenção desta energia, “é preciso que o organismo se aproprie de energias químicas disponíveis, absorva-as, assimile-as e rejeite os excretos

de energia degradável.”¹⁵² Consequentemente, o homem, para conseguir manter seu nível necessário de energia química, seria obrigado a procurar alimentos e conservar no meio ambiente “as condições exigidas pela sua conformação fisiológica”, encontrando assim energias apropriáveis ou não.

Para Oiticica, o *trabalho* seria, na busca pela sobrevivência, a energia gasta para sua manutenção e o acúmulo de energias apropriáveis seria o *lucro*. Fragmentando o universo até chegar ao homem, Oiticica aborda duas questões econômicas explicando-as de uma forma cosmogônica, buscando assim mostrar que o homem é necessário para a manutenção do universo e, portanto, não se deve desperdiçar suas energias, pois a consequência disto, o mau uso do trabalho, acarretaria a desproporção do lucro, causando um desequilíbrio na humanidade, o que seria maléfico para a manutenção do universo, pois:

O corpo Humano, como de qualquer ser vivo, é também um equilíbrio de energias entre as energias universais, ou mais claramente, é uma máquina transformadora de energias cósmicas, absorvidas no alimento e no ar respirado. Quando a máquina, por algum defeito, se torna incapaz de operar convenientemente essa transformação, dá-se o depauperamento do corpo e a morte¹⁵³

Sendo assim, o trabalho seria a lógica vital desta manutenção, tendo que render sempre o máximo de saldo possível, pois se ele não consegue o saldo necessário para a sobrevivência, o gasto de energia para realizá-lo torna-se um desperdício.

Com esta relação entre energia universal, trabalho e lucro, “aplicando os problemas da sociologia e da moral”¹⁵⁴, Oiticica organiza suas teorias, tentando explicar a sociedade, observando se sua condução é favorável ao fornecimento de meios para desenvolver sua capacidade transformadora de energias ou se, ao contrário, existe um gasto desnecessário.

Toda esta analogia parece-me estar apoiada na concepção que Oiticica tem do valor do conhecimento, acreditando que todo o aprendizado é válido e serve como mediador de idéias. Sendo assim, a partir das leituras realizadas, o homem desenvolve

¹⁵² OITICICA, José. “O desperdício da energia feminina”. ”. **A Vida**, Ano 1, nº1, nov. 1914.

¹⁵³ OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo, Econômica, 2º Ed, 1983. p.8.

¹⁵⁴ OITICICA, José. “O desperdício da energia feminina”. ”. **A Vida**, Ano 1, nº1, nov. 1914.

suas reflexões. Sobre isto escreve Oiticica.

Longe de querer voltar ao puro clássico (...) o que sustento é o fundo clássico da fórmula literária, seja qual for. As leis clássicas são as primitivas, as fundamentais, o vigamento grosso do edifício, seus alicerces pétreos. Todas as reformas, e a arquitetura o prova, são alargamento, modificações e linhas clássicas.¹⁵⁵

Desta forma, ao se intitular anarquista, Oiticica utiliza-se de grande parte da sua formação intelectual para organizar seu pensamento. Ao somar aos questionamentos sobre a sociedade, que já trazia de tempos atrás, os problemas sociais denunciados pelos anarquistas lidos, José Oiticica elabora a “solução científica” que salvaria a humanidade. Como já foi observado no Primeiro Capítulo, essa crença na solução científica como forma de explicação do mundo era bastante comum em meio aos intelectuais da época.¹⁵⁶ Logo, para ele, o anarquismo também deveria ser explicado cientificamente, sobre isso, assim escreve:

A solução verdadeira não pode atender a interesses particulares; há de se atender somente ao interesse coletivo. Ora, só uma solução científica existe, é a solução anarquista, baseada nas leis das energias, última conquista das ciências positivas.¹⁵⁷

Amparado nos problemas causados pela sociedade capitalista exploradora, Oiticica observa que, sendo a terra produtora de energia essencial para a manutenção da vida, sua privatização prejudicaria a obtenção da energia necessária para à conservação da energia do ser humano. Assim escreve,

O problema humano consiste em obter da terra a maior soma de felicidade geral. Isso consegue-se, antes de tudo, pela ciência, porque só ela estuda as energias naturais, descobre os meios de aproveitá-las, ou desviá-las se são desfavoráveis.¹⁵⁸

A privatização da terra prejudicaria a conquista da chamada “felicidade geral”, que seria alcançada somente com a soma das energias necessárias para a existência social do homem: energias físicas (vigor e saúde), mentais (inteligência e cultura), morais (vontade e

¹⁵⁵ OITICICA, José. APUD JUNIOR, Renato Luis Lauris, op. cit, p.14.

¹⁵⁶ SCHMIDT, Benito. “ O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, n° 41, 2001, p. 113-126.

¹⁵⁷ OITICICA, José. “O Momento Social”. *Gil Blas*, 16/ maio/1919

¹⁵⁸ OITICICA, José, op. cit p.8.

caráter), práticas (habilidade e vocação) e sociais (altruísmo e sociabilidade).¹⁵⁹

Amparado nestes conceitos, Oiticica explica sua visão de sociedade que, como afirmei, vê na propriedade privada todos os males existentes. Para ele, a posse de terra é o grande motivo da diferença e da injustiça social no mundo, pois, no regime econômico mundial, “menos tem quem mais trabalha”¹⁶⁰. Sendo assim,

O proprietário da fazenda ou da fábrica ou da casa comercial ocupa-se de serviços mais suaves, quando se ocupa, e auferes os maiores lucros, ao passo que os escravos, os assalariados, os caixeiros, os operários, aqueles que mais horas e mais pesadamente trabalham, recebem sob forma de ordenado, uma fraçãozinha das riquezas produzidas.¹⁶¹

Portanto, as energias gastas neste trabalho seriam um desperdício, pois não conseguiriam a maior soma possível do *lucro*. Os mecanismos que regem a sociedade acabam por consumir a energia produtiva do homem, e sem uma soma satisfatória dos lucros faz com estes vivam uma vida privados da felicidade necessária. A concorrência entre produtos, motivada pelo acúmulo de capital, a agiotagem, a inflação, a política, a disciplina militar, as leis, os dogmas religiosos, a educação idólatra seriam alguns dos fatores que prejudicariam a realização da felicidade geral, pois estes estariam voltados aos interesses das classes dominantes e não movidos pelo interesse geral. Assim sendo, a submissão a esses fatores levaria à deteriorização do bem estar geral.¹⁶²

O capitalismo, para ele, seria o motivo de todos os problemas que ocorrem no mundo. Ele seria responsável pela prostituição, pelo roubo, pelo assassinato, pela exploração, pela fome, por todas as adversidades existentes na sociedade, pois, no pensamento de Oiticica, sendo o processo natural de metamorfose das energias prejudicado pelas diretrizes do capital, a consequência seria o sofrimento da humanidade, que assim passaria a procurar subterfúgios para a melhoria de sua existência.¹⁶³

A exploração capitalista prejudicaria, enfim, toda a busca pela soma ideal para a existência. Assim, trabalhando em média 16 horas por dia, o homem arrisca as *energias físicas*, essenciais para a preservação de seu vigor e saúde, sem elas, ele compromete as

¹⁵⁹ OITICICA, José, op. cit, p.11.

¹⁶⁰ OITICICA, José, op. cit, loc. cit.

¹⁶¹ OITICICA, José. op. cit, loc. cit.

¹⁶² OITICICA, José. op. cit, loc. cit.

¹⁶³ OITICICA, José. “O desperdício da energia feminina”. **A Vida**, Ano 1, n°1, nov. 1914.

energias mentais que, para atingir suas somas máximas, precisa que as *energias físicas* estejam em perfeito funcionamento. Ao se render a um ofício motivado apenas pela sua necessidade de dinheiro para conseguir viver, o homem se arrisca a qualquer emprego, não fazendo o que é melhor ou o que teria vocação, o que seria um desperdício, pois não conseguiria absorver-lhe toda a soma de *energias práticas*. Submetendo-se aos valores da sociedade capitalista, tendo que seguir suas leis, mesmo que essas não o satisfaçam, o homem perde suas energias morais, pois não realiza um trabalho que condiga com sua vontade, mas sim pela necessidade, e a necessidade faz com que as o homem perca o caráter. E, por fim, já perdidas todas estas energias, as *sociais* também não se realizam, pois todo o processo já foi corrompido.¹⁶⁴

Resumidamente, seria essa a visão da sociedade do início do século XX defendida por Oiticica. Formulada a partir de uma diversidade de teorias e ciências, juntamente com suas vivências e a causa anarquista, ele nos revela o que pensa ser os fatores prejudiciais à sociedade. Consequentemente, vai construindo, reconstruindo ou adicionado novas idéias ao seu pensamento, mas acreditando ferrenhamente que a humanidade deve romper com os “dogmas do capital” e construir uma nova sociedade, fundamentada no anarquismo-comunista.

Tal crença de Oiticica é demonstrada em seus *Sonetos*, de 1919, obra composta por vários poemas escritos por ele entre os anos de 1911 e 1918. Dividida em duas partes, *Natureza e Ação*, é a segunda que aqui nos interessa mais. Sem datar seus poemas, parece-me que Oiticica os organiza em um sentido que vai levando a sociedade da doutrinação à ação e, consequentemente, à conquista do objetivo final, tema este que trataremos mais tarde (da doutrina à ação), por hora, observemos o poema *A Anarquia*, para percebermos o quão forte era a apresentação de sua crença.

Para a anarquia vai a humanidade
Que da anarquia a humanidade vem!
Vê-de como esse ideal de acordo invade
As classes todas pelo mundo além

Que importa que a fração dos rios brade
Vendo que a antiga lei não se mantém?

¹⁶⁴ Este é um resumo das discussões de Oiticica apresentadas em seus cinco artigos intitulados “O desperdício da energia feminina” que podem ser encontrados nas cinco primeiras edições da revista *A Vida*, doo período de novembro de 1914 à março de 1915.

Hão de ruir as muralhas da cidade,
Que não há fortaleza contra o bem

Façam da ação dos subversores crime,
Persigam, matem, zombem... tudo em vão...
A idéia, perseguida, é mais sublime.

Pois, nos rudes ataques à opressão,
A cada herói que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.¹⁶⁵

Oiticica afirma que não há como mudar o destino da humanidade, ele argumenta que, mesmo com todos os percalços sofridos pelos defensores da “ideia”, a vontade vai prevalecer, fazendo com que a sociedade volte a ser como era antes, pois, o universo surgindo e se movendo a partir das energias, conseqüentemente voltaria ao seu princípio formador. E, como a anarquia é a realização da soma perfeita de todas as energias, o mundo caminharia para este tipo de sociedade.

Assumindo-se anarquista, Oiticica certamente usou das idéias de outros pensadores ácratas para respaldar ou somar às suas. Fiz a aproximação com as teorias de Kropotkin por estarem mais explícitas em seus escritos, mas não podemos negar as influências que outros autores certamente exerceram sobre o personagem.

Mesmo não identificando explicitamente quais foram os teóricos que influenciaram as idéias de Oiticica, podemos presumir que ele também abastecia seus ideais com a leitura de todos os pensadores ácratas que tinham suas idéias divulgadas no Brasil e até em outros países, pois conhecia vários idiomas, como o francês, o alemão, o esperanto e o grego, utilizando suas leituras para refletir e formular suas teorias e suas defesas. Citar todos os teóricos anarquistas publicados nos jornais seria uma tarefa quase impossível, portanto, os que citarei aqui são os que encontrei em alguns periódicos operários brasileiros por mim pesquisados, com os quais certamente Oiticica tinha contato, pois também neles publicava seus artigos. Usei como fonte de embasamento, também, o *Les Temps nouveaux* (jornal anarquista francês), que, segundo ele próprio, em entrevista à *Revista O Cruzeiro*, foi o primeiro exemplar anarquista que leu. No Brasil, a partir de três jornais, busquei identificar quais eram os autores com mais destaque na teoria anarquista que neles apareciam, sendo com artigos publicados ou indicações de leituras. São eles: Na

¹⁶⁵ OITICICA, José. **Sonetos (1911-1918)**. Maceió, Linotypia da Casa Ramalho, 1919, p.178.

Barricada, A Vida e A Guerra Social.

No período de 1912 a 1918, nos jornais citados, era comum encontrar indicações de leituras ou artigos publicados de pensadores como Enrico Malatesta, J. Proudhon, P. Kropotkin, Elisée Reclus. Reconhecido também por ser um dedicado leitor¹⁶⁶ e por se utilizar dos clássicos para refletir, como já foi dito anteriormente, acredito que Oiticica embasou-se nas idéias destes pensadores para seguir em defesa da anarquia. Por último, outro teórico que certamente influenciou seus pensamentos, principalmente na questão da educação, foi Francisco Ferrer, visto que, como já foi mencionado, o primeiro artigo de Oiticica, de cunho anarquista, foi publicado em homenagem ao aniversário de morte do pedagogo catalão.

Creio que, após estas análises sobre a construção do pensamento anarquista de José Oiticica, percebendo que suas teorias são reflexos de suas vivências e aprendizados, poderíamos classificar o anarquismo de Oiticica como uma experiência que se trava tanto nos espaços político e acadêmico quanto nos espaços de intimidade, idéia que ficará mais clara quando, no Terceiro Capítulo, abordarmos o tema família.

Assim, José Oiticica, como muitos representantes do ideal anarquista e do movimento operário da época, edifica seu pensamento e identidade política aproximando seus conhecimentos científicos, valores e experiências de vida às suas bandeiras de combate. Ele constrói sua sistematização da teoria anarquista a partir da união de múltiplos vieses científicos, revelando sua descrença na sociedade vigente, e explica porque a humanidade deve se rebelar contra o Estado, a Igreja e o Capital. Estes grandes inimigos do ideal ácrata seriam os principais responsáveis pelo mal estar social, sendo assim, responsáveis pela criação e manutenção de todas as instituições, organizações e injustiças existentes, que submeteriam os “seres humanos a uma existência medíocre e desvalorizada”.

Entre os “inimigos da teoria” podemos incluir também a corrente socialista que se fazia presente dentro do movimento sindical. Embora os socialistas compartilhassem de muitas das críticas apontadas pelos anarquistas, como à exploração da sociedade capitalista, o militarismo e à religião, e também da esperança iluminista da defesa da

¹⁶⁶ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.13.

educação operária, eram acusados pelos anarquistas por não visarem a destruição do Estado. Afirmando que estes estavam mais próximos da sociedade capitalista do que o anarquismo,¹⁶⁷ os anarquistas viam os socialistas como mais um inimigo a ser derrotado.

Veremos agora como Oiticica e seus companheiros combatiam estes inimigos, quais eram as críticas em relação a eles e como, em seu pensamento, a humanidade deveria prosseguir para assim conseguir se emancipar destas instituições, além de instruir o trabalhador mostrando que a idéia ácrata era a única que o defenderia e o representaria em sua luta constante contra o capital. Assim veremos como José Oiticica e os anarquistas procuraram banir da sociedade o Estado, a Igreja e o Capital e, também, demonstrar que o socialismo não representava as vontades do operário e, portanto, deveria ser excluído dos meios de combate contra a sociedade vigente.

2.2 – Inimigos da Teoria Anarquista

A propaganda sempre foi de suma importância na divulgação da teoria anarquista bem como de todas as correntes que coexistiam dentro do movimento operário. Por meio de palestras, comícios, publicações de revistas, folhetos ou jornais, Oiticica e os personagens da “luta pela vitória contra a burguesia” divulgavam suas idéias e apontavam os responsáveis pelo mal estar da humanidade.

Tal propaganda era considerada muito importante para que se fizessem vitoriosos, pois, revelando aos povos o que era a anarquia, como ela resolveria todos os problemas sociais e fazendo com que todos os homens percebessem o mal que o sistema capitalista causa à humanidade, este ruiria, dando lugar à sociedade anarquista-comunista.¹⁶⁸ Na visão de Oiticica, para acelerar este processo, que seria lento, era necessário divulgar toda a teoria anarquista e combater seus inimigos. Assim ele escreve a propaganda anarquista

Mostrando os males do capitalismo, analisando minuciosamente os vícios profundos decorrentes da injustiça fundamental, que é a propriedade da terra, o anarquismo apresenta aos homens o comunismo como solução da

¹⁶⁷ OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**, op. cit, p.64.

¹⁶⁸ OITICICA, José, op. cit, p. 59.

perpétua crise humana, abre os olhos aos cegos e incautos, preparando assim a mentalidade coletiva para operar rapidamente a colossal transformação redentora.¹⁶⁹

Nesta luta, segundo Oiticica e seus companheiros, ruiria o Capital, o Estado e a Igreja, pois em um regime anarquista estas instituições não teriam motivo para existir: “Como a anarquia defende o bem estar social e a liberdade, não haveria espaço para estes órgãos que defendem os possuidores contra os não possuidores.”¹⁷⁰

Oiticica escreveu e palestrou por diversas vezes sobre os temas citados. Nello Garavini, anarquista italiano, em seu livro *Memorie*, escreve que “era difícil que o professor Oiticica deixasse passar um dia sem escrever um artigo [...] sobre a Anarquia ou de crítica da religião ou da idéia autoritária do socialismo.”¹⁷¹ Mas porque a destruição dessas instituições seria tão importante para a implantação da sociedade anarquista e, conseqüentemente, defendida por Oiticica? Tentaremos analisar qual era a visão que ele tinha sobre estes “inimigos”. Assim, possivelmente conheceremos um pouco mais sobre o Oiticica anarquista. A partir de seus escritos, abordaremos as bandeiras de luta do anarquismo na visão do biografado.

Iniciemos pela idéia de *Estado*. Para os anarquistas em geral, o Estado deve ser destruído ao se implantar a anarquia, por ser um órgão representativo das classes dominantes, autoritário e mantenedor da propriedade privada.¹⁷² A sociedade capitalista, baseada na ascensão individual, medida pela posse, faz com que surja a concorrência, motivada pelo desejo de se enriquecer cada vez mais.

Sendo a concorrência causa então de tantos males para o ser humano, mas essencial para a manutenção do regime capitalista, o Estado surgiria como uma instituição que regularia a concorrência econômica, “estabelecendo normas de competição”, visando impedir que acontecessem “saques e morticínios”. A partir da imposição de sua autoridade, o Estado passaria a legislar sobre os homens. Segundo Oiticica,

Essa concorrência, dizem os defensores da propriedade, é o maior incentivo do progresso, pois estimula os homens para a luta pela vida,

¹⁶⁹ OITICICA, José, op. cit, loc. cit.

¹⁷⁰ OITICICA, José, op. cit, p.55.

¹⁷¹ GARAVINI, Nello. “Memorie” APUD. RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo.** São Paulo, UNESP, 2001, p.200.

¹⁷² “O que é a Anarquia”, **Boletim da Aliança anarquista do Rio de Janeiro**, N° 1, Fev. 1918.

fazendo-os inventar aparelhos, aperfeiçoar máquinas, descobrir processo de fabricação, apurar a técnica industrial. [...]. Porém, o vício mais essencial da concorrência é ser ela o deturpador feroz e constante da natureza humana. Com efeito, ela cultiva e afia os instintos egoístas e abafa ou embota os altruístas. [...]. Brigam irmãos por causa das heranças e rios de dinheiro se gastam com processos, falência e o mais.¹⁷³

Seguindo este viés, o Estado se organizaria como um órgão que visa a defesa dos proprietários contra os não-proprietários impondo-se através de alguns segmentos, como a *economia*, que garante a defesa do capital particular; a *política*, que visa à centralização do poder, organizando-se de forma hierárquica em que “na base estaria, o povo; no vértice, o rei, imperador, presidente, o chefe de Estado em suma”¹⁷⁴; e, por final a *militar*, que visa defender a ordem. Essa defesa da ordem, na visão de Oiticica, buscaria reprimir as reclamações que ameaçam as matrizes do capital, portanto, a força militar seria mais um órgão estatal que auxiliaria o proprietário em detrimento do não-proprietário.

O Estado se faz representar a partir de governos. Por isso, os anarquistas são contra qualquer organização governamental, que seria baseada na hierarquização e apoiada nas forças organizadas em Exército, Marinha e Polícia. São contra porque acreditavam, nas palavras de Oiticica, que “esse governo não mantém a ordem, mantém a compressão exercida pelos capitalistas exploradores da massa trabalhadora”.¹⁷⁵

O Estado, que se faz representar em formas de governo, é o responsável pela criação das leis que regem a sociedade, sendo um órgão que não visaria a igualdade, mas sim a defesa de poucos, ou melhor, dos proprietários. Suas leis seguiriam esta finalidade sendo justas apenas aos interesses dos personagens da classe dominante. As leis serviriam para regulamentar a concorrência. Esta regularização seria feita por declaração que ficaria a cargo do *direito*.

O *direito*, representado por juízes e advogados, seria mais uma força de opressão estatal, visto que o povo que mais contribuiu para desenvolver o conhecimento foi o romano, e os romanos seriam “conquistadores por excelência”. Para afirmar sua teoria, Oiticica ainda nos lembra que o direito romano é uma disciplina obrigatória e essencial nas

¹⁷³ OITICICA, José, **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**, op cit, p.12.

¹⁷⁴ OITICICA, José, op. cit, p.19.

¹⁷⁵ OITICICA, José. “Quarta Carta ao Dr. Silva Marques”. **Na Barrica**, N°18, out.1915.

escolas de jurisprudência. Ao elaborar estas, afirmações podemos notar que Oiticica usa de seus conhecimentos sobre as Ciências Jurídicas para a construção de seu pensamento.¹⁷⁶

Sendo as leis e o direito mais uma forma de oprimir o trabalhador e fazer com que este não reivindique melhorias, ou transgrida as leis impostas, o Estado mantém sua imposição a partir de órgãos que pregam o respeito à lei. Assim escreve José Oiticica,

O Estado, para manter o povo ignorante na obediência ao direito e impedir as revoluções, ensina, por todas as partes, nas escolas, nos quartéis, nas igrejas, o respeito à lei. Cria, assim, uma superstição que se entranha na alma do povo e o estupidifica. Habitado a considerar a lei coisa sagrada e intangível, não ousa sequer pensar que seja instrumento tradicional de sua escravidão, nem concebe a possibilidade de suprimi-la, num regime social sem propriedade.¹⁷⁷

Na visão de Oiticica, os quartéis implantam sua disciplina rígida por meio de castigos, da instrução militar, que faz com que os “ex-homens” habituem-se à servilidade do comando. As escolas públicas auxiliariam nesse processo de submissão do homem ao Estado, ensinando que o “homem bom” é aquele que respeita as leis de sua nação; por meio do incentivo ao patriotismo e preservação da propriedade, transformam os alunos em “perfeitos servidores da sociedade capitalista”. Assim, nosso biografado afirma que

A feição pedagógica do Estado compreende-se que para os possuidores, é de toda importância manter cidadãos, mormente os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem sem revolta e defendam, convencidos, o regime social vigente. Por isso, o Estado assume as funções de pedagogo, sobretudo das classes primárias, do povo.¹⁷⁸

Logo, a instrução escolar não deveria seguir as bases que seguem as escolas públicas, as quais visam somente o interesse das classes dominantes. Assim sendo, Oiticica, inspirado nos preceitos da Escola Moderna de Ferrer, afirma que a educação seguiria as bases sedimentadas no pensamento libertário, pois este tipo de ensinamento ajudaria na emancipação do ser humano em relação ao capital.¹⁷⁹

A Igreja aparece então para Oiticica e os anarquistas como mais uma instituição que ajudaria o Estado na luta pela manutenção da ordem vigente. Ela, com seus dogmas e

¹⁷⁶ OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**, op. cit, p.27.

¹⁷⁷ OITICICA, José, op. cit, p.28.

¹⁷⁸ OITICICA, José, op. cit, p.30.

¹⁷⁹ OITICICA, José, op. cit, p.91.

crenças, faria com que o homem não questionasse sua condição de vida, aceitando-a e cumprindo todos seus deveres para, assim, garantir seu lugar no céu. Seguindo este pensamento, José Oiticica observa que “a religião, finalmente, visa apenas a salvação das almas, o outro mundo, e não procura sequer solucionar as questões econômicas ou políticas.”¹⁸⁰

O anticlericalismo é comum entre os pensadores anarquistas e, em geral, aos pensadores das correntes revolucionárias de todo o mundo.¹⁸¹ Como vimos no Primeiro Capítulo, os adeptos do anticlericalismo acusavam a Igreja de anular a vontade humana, pregando seus dogmas e mitos, retirando dos homens a razão, jogando-os em um grande conformismo.

Esta corrente chegou ao Brasil no final do século XIX. Como já nos é conhecido, José Oiticica era adepto do pensamento anticlerical, tendo se aproximado dos veículos anticlericais antes mesmo que do movimento operário. Segundo Lauris Júnior, possivelmente conheceu tais idéias no período em que cursou a Faculdade de Direito, pois neste curso era comum a divulgação das idéias anticlericais, naturalistas, evolucionistas e neokantianas.¹⁸²

Já anarquista, Oiticica afirma que,

Religião é um dos processos de subjugar o povo fazendo-o crer num ser onipotente, invisível, dono do Universo, castigador dos maus, premiador dos bons. Os maus naturalmente são os que se desviam das normas ditadas pelos sacerdotes e atribuídas à divindade. Os bons são os que a elas se conformam sem nenhum protesto¹⁸³

Amparado em seu pensamento anticlerical, Oiticica acreditava que o homem culto e científico poderia superar os mitos e dogmas implantados pela igreja. A sociedade deveria buscar o saber, deixando de lado o crer, pois só assim se conseguiria realizar o progresso social.¹⁸⁴ Assim, chegamos ao próximo inimigo do anarquismo: a *igreja*.

Considerada pelos anarquistas e revolucionários de forma geral como um braço de

¹⁸⁰ OITICICA, José, op. cit, p.61.

¹⁸¹ VALLADARES, Eduardo, op. cit, p.10.

¹⁸² LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit,p.26.

¹⁸³ OITICICA, José. “Eloquente”. **Spartacus**, N°24, Jan. 1920.

¹⁸⁴ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.70.

apoio do Estado, por ajudar na divulgação da respeitabilidade da lei, tornando os homens passivos às injustiças sociais, a igreja seria mais uma instituição a ser derrubada, visto que este processo de controle vem de longa data. Como afirma Oiticica,

por toda parte e em qualquer tempo, viçaram religiões, dominaram sacerdotes, magos e advinhos de varia sorte. Desde a superstição fanática até ao êxtase filosófico, sempre houve nos homens esse apego invisível aos poderes ocultos, à direção de um ser onipotente criador e governador do mundo. Essa credice foi ininterruptamente explorada pelos espertalhões políticos e açambarcadores industriais como instrumento fácil de conquista e escravização. Formaram-se teocracias seculares, encaixaram-se igrejas e seitas: entreguerream-se, por causa dela, povos e raças.¹⁸⁵

Para Oiticica, as religiões seriam um dos grandes fatores da desunião existente entre os homens, que, baseados em suas crenças, digladiam-se por causa das heresias. Cada heresia torna-se motivo de ódio entre povos e nações e, portanto, as religiões não podem resolver o problema da fraternidade entre os homens.¹⁸⁶ Outro problema seria que a igreja, mantenedora da propriedade privada, seria defensora dos possuidores, sendo utilizada como instrumento de controle por políticos que se aproveitam das crenças religiosas para manter o povo distante das idéias revolucionárias. Logo, Estado e igreja sempre estariam juntos no objetivo de submissão dos povos à injusta sociedade capitalista. Conforme Oiticica,

Os homens acham-se, portanto submetidos a uma dupla idolatria estupidificante: a cívica, dirigida pelo Estado, e a religiosa, dirigida pela igreja ou igrejas. Os grandes industriais, compreendendo as vantagens dessa idolatrização intensiva, promovem movimentos de toda sorte com tais tendências.¹⁸⁷

Era comum a organização católica nos meio operários incentivadas pelos industriais. Como afirma Batalha, a corrente católica estava presente no movimento operário do início do século XX, buscando combater a influência do anarquismo e do socialismo no pensamento do trabalhador e, conseqüentemente, na ação sindical. Da mesma forma que os movimentos operários, a igreja católica também tinha seus jornais de divulgação de idéias; estas visavam a promover o entendimento entre trabalhadores e

¹⁸⁵ OITICICA, José. "Eloquente"- em: **Spartacus**. N.24 10.01.1920 APUD. JUNIOR, Renato Luis Lauris, op. cit, loc. cit.

¹⁸⁶ OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**, op. cit, p.61.

¹⁸⁷ OITICICA, José, op. cit, p.35.

padrões, sendo contrárias às greves.¹⁸⁸

Na busca por revelar aqueles que seriam os verdadeiros objetivos da igreja, os anarquistas acusavam-na de pensar somente nos detentores do capital e, portanto, nunca atuar em prol da causa operária. Escreve Oiticica, “ora, a Igreja é capitalista, proprietária, açambarcadora: logo, os interesses dela são contrários, opostos e adversos aos interesses dos trabalhadores”.¹⁸⁹

Certamente, a defesa de suas idéias era contraposta por seus “inimigos”. Ao esclarecer sobre os temas que impediam a implantação da sociedade anarquista, Oiticica acabava por criar várias polêmicas com pensadores de outras correntes. Segundo Schmidt, em um artigo intitulado *A palavra como arma*, no qual tratou dos debates publicados pelos pensadores das correntes que coexistiam dentro do movimento operário porto-alegrense, os jornais brasileiros do final do século XIX e início do século XX traziam “grande número de páginas dedicadas às polêmicas sobre os mais diversos assuntos: dos rumos da nascente República à existência ou não de Deus”¹⁹⁰.

Logo, as polêmicas quase sempre acabavam por se tornar debates em periódicos da época, pois a intenção era defender seu ponto de vista e contrapor as ideias daqueles que o rebatiam. Sendo assim, “as discussões entre militantes das mais diversas tendências eram frequentes na imprensa operária, servindo como indicadores importantes de disputas político-ideológicas e de disputas de lideranças”¹⁹¹. Oiticica vai também construindo seu pensar e divulgando suas idéias. Como já foi dito, a igreja católica estava presente no meio operário, portanto, não se eximia de polêmicas com os militantes do anarquismo e outras correntes que também se faziam presentes entre o proletariado. A exemplo disto podemos citar a carta aberta publicada por Oiticica no *Correio da Manhã*, a qual rebate as ofensas de um padre à sua pessoa, transcritas no livro *Relíquias de uma polêmica*, de autoria do segundo.

¹⁸⁸ BATALHA, Claudio H. M. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2000, p.27.

¹⁸⁹ OITICICA, José. “Impossível”. **Liberdade**, Nº 31, jun. 1919.

¹⁹⁰ SCHMIDT, Benito. “A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907”, **História em Revista**, Pelotal, UFPel, v.6, p.p 58-84, dez. 2000, p. 58.

¹⁹¹ SCHMIDT, Benito. A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907”, op. cit, p.59.

Neste livro, segundo Oiticica, o padre França o chama de indigno por tentar usar as palavras para defender idéias que nem são suas e também por afirmar ser contra as leis romanas, isto é, contra o catolicismo. Buscando elucidar os leitores do que se trata, Oiticica transcreve as palavras do padre:

Que indignidade! E depois dizem que é princípio jesuítico: o fim justifica os meios! Aí está ele na mais detestável das suas formas. Fim ideal: combater o catolicismo (agitação contra o despotismo romano). Para isso todo o meio é lícito¹⁹²

No mesmo livro o padre adjetiva Oiticica como um “simples professorzinho de gramática incapaz de estudos menos reles”, certamente almejando menosprezar a imagem do aqui biografado, tentando retirar sua autoridade intelectual e a propriedade de suas teorias, tornando-as assim incorretas ou insustentáveis por serem defendidas por alguém que não tem conhecimento algum a não ser dos que requerem sua profissão, e esses não o gabaritam para falar de outra coisa a não ser da “reles gramática”. Podemos notar que o debate político-ideológico acaba por se transformar em um ataque à honra do opositor de idéias. E os debates, além de buscarem defender idéias, visam também a defesa da honra dos envolvidos. Assim, ao falar sobre o uso da palavra ou “a palavra como arma” nos debates gerados no meio operário, Schmidt afirma que:

Na sociedade do Antigo Regime, estudada por Ribeiro, o duelo era uma fonte ilimitada de honra para os nobres pois “a morte pela arma é uma boa via para a imortalidade, algo pagã, da honra.” Em uma sociedade “desarmada” como a nossa, em que o monopólio da violência pertence ao Estado, os duelos podem se transformar em polêmicas, e, ao invés do sangue, muita tinta é derramada. Porém, o objeto da disputa continua sendo o mesmo: a honra.¹⁹³

A palavra então se torna uma arma sempre pronta para ser sacada.¹⁹⁴

Motivado por tais provocações, usando dessa “arma”, defendendo sua honra e também suas idéias, José Oiticica tenta demonstrar que existe uma diferença entre ser contra Roma e ser contra o catolicismo, assim certamente almeja elucidar os leitores qual o campo de luta anarquista e o porquê dele ser contra a igreja. Escreve Oiticica,

¹⁹² FRANÇA “Relíquias de uma polêmica” APUD OITICICA, José. “Ainda o padre França”. **Correio da Manhã**. Nov.1926.

¹⁹³ SCHMIDT, Benito. “A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907”, op. cit, p. 64.

¹⁹⁴ SCHMIDT, Benito. “A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907”, op. cit, p.80.

Meu ideal é combater o catolicismo, pois planto o combate ao despotismo romano! Para o Sr. padre França é a mesma coisa. Eu, porém e toda gente imparcial distinguimos os dois aspectos. Catolicismo é uma religião, ensinada, praticada, organizada em igreja. Despotismo romano é política de extrema concentração espiritual e administrativa do corpo do dirigente, nessa igreja. O mesmo indivíduo pode crer em todos os dogmas, praticar devotadamente o culto, cumprir fielmente todos os seus deveres, ser ótimo católico e reprovar a concentração excessiva da autoridade no papa e as arbitrariedades da Cúria romana.¹⁹⁵

Podemos observar que, a partir da polêmica criada com o padre França, Oiticica também constrói seu anarquismo e visa propagá-lo, explicando que suas idéias não são infundadas ou indignas. Ao explicar a diferença entre a religião e o despotismo romano, ele revela sua luta contra qualquer autoridade, pois ela sempre suprimiria a vontade do homem, bandeira esta levantada pelo anarquismo.

A igreja é então apresentada como um órgão que suprimiria a vontade do homem, por ser guiada pelo despotismo romano e também por auxiliar na dominação do Estado, mantendo, entre outros preceitos capitalistas, a preservação da propriedade privada e ainda atuando dentro da ação sindical, os anarquistas viam-na pois, como um grande inimigo a ser derrubado.

A sociedade baseada na preservação da propriedade privada e no culto ao acúmulo de capital seria mais um grande mal à preservação da paz e da liberdade, propagadas pelas idéias anarquistas. O capitalismo seria o grande sugador das energias essenciais para a sobrevivência da humanidade, portanto, seria também mais um inimigo da teoria. Chegamos então às críticas contra o *capitalismo*.

Nossa personagem em uma das vezes que abordou o tema dos males do capitalismo, afirmou que a sociedade baseada em tal preceito estaria fadada à destruição, pois a máquina que sustenta a humanidade (o capitalismo) é uma máquina imprestável, cujo produto representa um enorme desperdício de energias. Assim sendo, não será possível que, no capitalismo, a humanidade realize o ideal de paz e felicidade geral, pregado pelo anarquismo. Nesse sistema, estas conquistas estariam à disposição somente dos possuidores e seriam mantidas pelos trabalhadores, os quais não poderiam

¹⁹⁵ OITICICA, José. "Ainda o padre França". *Correio da Manhã*. Nov.1926.

usufruir de toda a soma de energias produzidas com seu trabalho.¹⁹⁶

O desperdício de energias, segundo Oiticica, poderia dar-se de sete modos: o *não aproveitamento* (que estaria relacionado ao desperdício das energias naturais), pela *aplicação do trabalho em obras mal planejadas* (gastando mais energia para refazer a obra), *por improdutividade do serviço mal organizado* (incapacidade industrial e comercial do Estado), *por emprego de braços em serviços inúteis* (como a defesa da propriedade e a regularização da concorrência), *por serviços destrutivos* (guerras geradas pela concorrência de propriedades), *por inatividade ou ócio* (pois devido à concorrência, o proprietário não coletiviza o uso de seus maquinários, os quais ficam parados em período que poderiam estar produzindo em outra região) e finalmente pelas *crises comerciais* (que seriam movidas pela concorrência entre os países)¹⁹⁷ .

Podemos notar então que, para Oiticica, o problema do capitalismo não se restringia à divisão do capital produzido dentro da sociedade, mas também pela reformulação de todas as formas de produção, pois, amparado na propriedade privada e na concorrência, o capitalismo acaba por retirar toda a soma possível de energias do trabalho efetuado, o que seria vital para existência digna da humanidade. Sendo assim, José Oiticica afirma que o problema da questão social não é resolvido pela questão econômica, mas o contrário,

Quem vê na questão social simples conflito de dinheiro nada assimilou dela. Não constitui negócio, é aspiração. Não é o 'mercadejamento' de energia é o apuramento. A questão social é uma ânsia, ânsia de aperfeiçoamento da alma humana. Os trabalhadores não querem trabalhar menos, nem ganhar mais: querem ser mais homens: querem partilhar, não disputar como os lobos, os corvos.¹⁹⁸

Nessa visão, é fundamental que se destrua o capitalismo para implantação do anarquismo, pois as bases de produção são diferentes. O problema do capitalismo para o anarquista não seria simplesmente o da distribuição de renda, mas também o da má organização da produção, que faz com que não exista equidade na sociedade vigente, na qual os trabalhadores despendem suas energias para a sustentação dos proprietários e, mais ainda, a organização capitalista não conseguiria extrair toda a soma de energias do

¹⁹⁶ OITICICA, José. "O Motivo". **Liberdade**. Nov. 1918.

¹⁹⁷ OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo, Econômica, 2º Ed, 1983, p.36.

¹⁹⁸ OITICICA, José. "A questão social (mais alto)". **O Rebelde**, mai. 1919.

trabalho. Esses são alguns dos fatores que fazem com que se torne necessário a destruição do capital para a emancipação do homem.

Tendo apresentado os grandes males da sociedade contemporânea, na visão anarquista de Oiticica, partiremos agora para o último inimigo da teoria que elegi analisar neste capítulo: *A corrente socialista*.

Segundo Batalha, foi no final do século XIX que vários grupos socialistas apareceram no contexto operário brasileiro. Esta corrente era marcada pelo viés cientificista e positivista que caracterizava o socialismo do período da Segunda Internacional.¹⁹⁹

A partir de então as correntes socialistas e anarquistas, apesar de atuarem dentro do movimento sindical mundial, concorreriam entre si para angariar mais adeptos entre os operários, disputando a liderança dos sindicatos e do movimento operário. Assim, desde o início da introdução desta corrente socialista no meio operário brasileiro, já se pode perceber a divisão entre o pensamento que seguia o viés socialista e o anarquista, ou pelo menos notar que, apesar de convergirem em algumas ideias como a emancipação do homem sobre o capital, as duas correntes divergiam sobre as formas de se alcançar a revolução social.

Estas divergências e convergências eram reveladas, também, nas posições tomadas pelas duas partes durante as greves. Ao analisar a greve de 1906, em Porto Alegre, Isabel Bilhão afirma que:

As lideranças constituídas no seio do operariado tem entre si tanto pontos convergentes quanto divergentes. Aproximam-se pelo fato de fazerem a denúncia das más condições de trabalho, da excessiva jornada diária, dos baixos salários, dos maus tratos, [...]. Divergem quanto à forma de negociação. Para o grupo ligado aos socialistas, [...] o importante é manter o que já foi conquistado, no caso, a redução da jornada de 10 e 12 horas para 9 horas diárias de trabalho, evitando, dessa forma, o esvaziamento e o desgaste do movimento. Já o grupo dos sindicalistas, a aceitação de menos do que foi pedido representa uma humilhação à classe. [...]²⁰⁰

¹⁹⁹ BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República**, op. cit, p.22. Ver também: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p.196.

²⁰⁰ BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre, 1906-1911)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.56.

Cada liderança buscava orientar o operariado a um caminho que achava ser correto dentro da luta contra o capitalismo. Anarquistas e socialistas do mundo todo apresentavam suas visões sobre essas correntes. Teorizando qual era o objetivo de uma ou de outra, tentavam mostrar porque o operário deveria se posicionar e assim seguir as “regras” de luta propostas por tal teoria. Luce Fabbri, uma anarquista italiana que se refugiou no Uruguai devido às perseguições de Benito Mussolini, explica à sua biógrafa, Margareth Rago, que o socialismo,

que ‘nasce proletário’, é uma doutrina econômica que prevê a emergência de uma ordem social igualitária e coletiva, a partir da transformação das relações econômicas, ao propor a igualdade social pela abolição da propriedade privada. Em relação ao Estado, encontra-se pelo menos três tendências entre os socialistas, [...] a autoritária, que se exerce pela força coercitiva do Estado; a social-democracia, estilo trabalhismo inglês; e a libertária, tal como foi praticada durante os três anos da Guerra Civil Espanhola.²⁰¹

Esse último, o socialismo libertário, seria para Luce a corrente anarquista. Segundo Margareth Rago, a italiana vê o anarquismo como “herdeiro da confluência de duas linhas evolutivas: o liberalismo e o socialismo”²⁰², portanto o anarquismo seria um tipo de “socialismo anárquico”.

A visão do socialismo de José Oiticica segue em partes o mesmo raciocínio de Luce, divergindo apenas na concepção da formação da teoria anarquista. Para Oiticica o anarquismo se diferenciaria do socialismo, pois este é de uma forma geral uma teoria reformista, que não visa a destruição do capital por ser, justamente, uma teoria econômica.

Já vimos que Oiticica não acredita que o problema social seja resolvido meramente pela questão econômica operária, e pela teoria socialista estar baseada neste preceito, estaria ela mais próxima do capitalismo do que do anarquismo. Justificando este pensamento, ele afirma que é comum “ver proprietários, industriais, comerciantes e banqueiros, socialistas apaixonados, amigos extremos dos seus operários, prometendo-lhes percentagens nos lucros”²⁰³. Esta atitude visaria a iludir os operários e mantê-los em uma condição de passividade.

²⁰¹ RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo, UNESP, 2001, p.215.

²⁰² RAGO, Margareth, op. cit, p.214.

²⁰³ OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**, op. cit, p.64.

O biografado segue afirmando que os socialistas apoiam as reivindicações operárias, “suas reclamações contra a tirania capitalista”, mas que tudo deve ser feito sem violência, acreditando na evolução natural do direito, assim o Estado se ocuparia deste problema e as mudanças realizar-se-iam a partir de reformas. Portanto, para ele, o socialismo é uma teoria reformista que se faz valer de dois caminhos: os *socialistas coletivistas* e os *socialistas autoritários*.

Respectivamente, os primeiros

concebem um sistema social definido, para o qual devemos passar imediatamente e não por meio de reformas paulatinas. Somente, o plano deles é meramente reformista, porquanto não altera fundamentalmente o sistema capitalista. Com efeito, o coletivismo é um capitalismo de Estado. Pensam os coletivistas que extinguirão o *salariato* pelo fato de extinguirem a moeda, representante da propriedade; mas, o que eles propõem não passa da mesma moeda com outra forma e nome.²⁰⁴

Para Oiticica, essa corrente não satisfaria os anseios da revolução social, pois manteria o mesmo sistema de produção capitalista, com a diferença de que este seria organizado pelo Estado.

Já na segunda vertente socialista,

Querem destruir a autoridade capitalista e afirmam que, para atingir este ideal, é necessário criar outra autoridade, a autoridade proletária, capaz de esmagar a primeira. Aham, assim, de absoluta necessidade: 1º-- que o proletariado se revolte contra o capitalismo; 2º-- que se aposses do Estado e seus aparelhos compressores; 3º-- que estabeleça uma ditadura do proletariado; 4º-- que desse modo transforme o Estado capitalista em Estado proletário.²⁰⁵

Essa vertente do socialismo, observa Oiticica, não destrói a propriedade privada (grande causadora dos males sociais) apenas substitui os possuidores. Antes os capitalistas, agora o Estado, que seria para eles o órgão transformador da sociedade. Discordando disso, José Oiticica acredita que tal crença é incoerente, pois o Estado é um aparelho diretamente oposto ao comunismo e seu maior empecilho. Com efeito, para os anarquistas, e conseqüentemente para o aqui biografado, a decorrência dessa opção levaria a uma “formação de novos possuidores, e não à emancipação da humanidade”.

A participação em partidos políticos, a utilização do Estado e sua manutenção era

²⁰⁴ OITICICA, José, op. cit, p.65.

²⁰⁵ OITICICA, José, op. cit, p.66.

uma das grandes críticas que os anarquistas mantinham em relação aos socialistas. De uma forma geral, era a grande dissidência que fazia com que os seguidores e pensadores da teoria ácrata considerassem os socialistas como seus inimigos e, conseqüentemente, dos oprimidos pelo capitalismo.

Entretanto, pode-se pensar que as divergências entre formas de como seguir a luta contra o capital eram mais importantes para as lideranças operárias do que propriamente para os operários. Para esta afirmação amparei-me no estudos de Isabel Bilhão sobre as rivalidades e solidariedades dentro do movimento operário de Porto Alegre. Acredito que, mesmo que meu personagem tenha vivido no Rio de Janeiro, podemos fazer uma comparação entre o movimento operário carioca e o gaúcho por estarem envolvidos em uma mesma conjuntura de disputa de liderança, pois, como mencionado, no movimento operário carioca também coexistiam várias correntes ideológicas. Assim, afirma Bilhão:

Entretanto, esta é volto a insistir, uma divergência muito mais importante para as lideranças operárias – talvez porque possuam um estudo mais sistemático e um embasamento maior a respeito dessas questões teóricas – do que para o conjunto dos trabalhadores. Prova disso é que, para o conjunto dos trabalhadores, o mais importante é o pacto de fidelidade à causa da greve que envolve a todos que dela participam. Dessa forma, não interessa ao trabalhador se a liderança é anarquista, socialista, sindicalista, interessa sim que tendo assumido um compromisso com a classe, dele não se afaste, sob pena de ser considerado um traidor.²⁰⁶

Mas, se para o operariado estas disputas de correntes ideológicas ficavam relegadas ao segundo plano, para as lideranças destas teorias as discordâncias acabavam por transpor a barreiras das polêmicas expostas nos jornais da época. O próprio José Oiticica, segundo Rodrigues, foi vítima de uma tentativa de assassinato em 1927, por atacar com suas palavras as lideranças socialistas que fundaram o Partido Comunista Brasileiro (PCB).²⁰⁷

A partir da apresentação e análise das teorias e influências do anarquismo de Oiticica, que nos levam a conhecer seus inimigos, podemos perceber que essa luta não era fundamentada somente em suas leituras. Pelo contrário, possivelmente suas descrenças à legitimidade do Estado, da Igreja e do Capital, sua formulação de conceitos e

²⁰⁶ BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre, 1906-1911)**, op.cit, p.58.

²⁰⁷ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p. 33.

sistematização da teoria anarquista estivessem amparadas em várias experiências: o fato de não ter sido contratado, mesmo alcançando o primeiro lugar, nos concursos prestados, as repreensões sofridas durante o período de internato no colégio católico, a influência das idéias anticlericais na faculdade, a busca pelo conhecimento representada pela diversidade de estudos executados, juntamente com o contato com as teorias ácratas, assim como tantas outras possibilidades que não podemos alcançar, vão ajudando a construir toda esta argumentação de José Oiticica, formando sua personalidade e norteando sua postura e críticas quanto à sociedade vigente.

É justamente a soma de todas estas experiências, vivências, decepções, conhecimentos, que, refletidas em suas posições políticas, ajudam a consolidar sua liderança dentro do movimento operário carioca, assunto do qual trataremos no próximo tópico.

2.3 A construção de uma liderança

Em agosto de 1919, o jornal *Liberdade*, que se define como periódico de notícia e defesa proletária, publica em uma de suas páginas um poema em homenagem a José Oiticica. Esse poema, de autoria de Lírio de Rezende, realça sua importância para o movimento operário carioca, vejamos,

José Oiticica

Neste imenso Brasil, tenho certeza,
Não existe sociólogo fecundo
Como tu que revolves bem no fundo
Os contrastes da iníqua lei burguesa

Na maza, tens rebelde pira acesa,
Na prosa o dardo firme e furibundo,
Se arremete com força contra o mundo
E para extrair lhe toda a impureza

Lênin brasileiro, te chamaram;
-- Parvos!—se julgam que te melindraram
Mais elevaram seu afoitamento...

Já vem de longe a bulha que moveram

Contra tí, certos mestres, que perderam
Quando os venceste a golpes de talento!²⁰⁸

O poema dá a entender que Oiticica seria prestigiado nos meios operários e para alguns, seria ele o homem que levaria o país à transformação social tão almejada pelos atores do movimento operário brasileiro. Nada impediria que ele arremetesse sua força contra as injustiças do sistema capitalista, nem mesmo ser chamado pejorativamente de Lênin brasileiro, pelo contrário, segundo Rezende, ao ser comparado com o líder revolucionário, Oiticica ao invés de se chatear teria elevado “seu afoitamento” contra o Estado.

A análise do contexto operário pode nos levar a entender porque a comparação entre Oiticica e Lênin pode ser entendida como uma ofensa. Em um primeiro momento, houve grande apoio dos anarquistas à Revolução Russa e segundo Luce Fabbri, na já comentada entrevista cedida a Rago, “era grande a esperança”, pois era um mundo novo que se abria e, portanto, existia uma grande crença na queda do regime capitalista e a implantação da liberdade. O regime capitalista caiu, mas a implantação da liberdade, na visão dos anarquistas, não foi concretizada²⁰⁹. Bandeira afirma que, logo em 1920, as notícias estampadas nos jornais brasileiros sobre aquela Revolução traziam um sentimento de desilusão aos anarquistas por informarem que militantes dessa corrente eram perseguidos pelo novo regime russo.²¹⁰ Mas, a análise deste poema pode nos levar a supor que a cisão entre anarquistas e socialistas russos já era conhecida no Brasil um ano antes, visto que o poema de Rezende é de 1919.

Assim como as transformações russas motivaram grande parte dos líderes do movimento operário brasileiro, essas informações também foram sentidas em seu posicionamento. Parte dos líderes anarquistas passaram a apoiar a corrente russa, deixando de lado os preceitos anarquistas, e outra parte seguiu fiel à corrente ácrata, tornando-se então crítica da corrente bolchevista e de seus seguidores. Mas, conforme Frederico Duarte Bartz, seria perigoso pensar que tais transformações deram-se de uma forma imediata, atingindo “o conjunto de todos os militantes e das associações” do

²⁰⁸ REZENDE, Lírio. “José Oiticica”. **Liberdade**. Ano: III, Nº 33, ago. 1919.

²⁰⁹ RAGO, Margareth. **Entre a história e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**, op. cit, p.51.

²¹⁰ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Ano Vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.251-265.

movimento operário brasileiro, pois “muitos podem ter permanecido fiéis ao anarquismo, muitos outros podem ter acreditado que o bolchevismo era a luz do futuro e muitos podem ter mudado de posição durante o caminho”.²¹¹ Oiticica seguiu defendendo os ideias anarquistas até o final de sua vida.

Como já foi dito, este poema, demonstra, ao menos para alguns, o prestígio de nosso personagem e a representação de sua liderança, que é construída desde o início de sua “entrada no anarquismo” por meio de seus artigos e palestras sobre o que seria a teoria e o porquê da necessidade de implantá-la.

Em seu primeiro artigo, publicado no *A Lanterna*, Oiticica já se mostra como um teórico da ideia anarquista ao falar sobre a Escola Moderna de Ferrer. Associando as ideias propostas pelo espanhol às suas próprias, ele procura demonstrar a importância da proposta pedagógica baseada nos preceitos anarquistas. Explicando qual era o pensamento de Ferrer e os benefícios da Escola Moderna, ele afirma que o seu principal objetivo é elevar o nível da mentalidade humana para assim banir de vez “a atabafante aluvião de lendas, cultos, superstições, milagres, com que se atulham hoje as consciências para dominá-las”.²¹²

Grande parte da militância de José Oiticica se faz a partir dessa demonstração e explicação dos conceitos do anarquismo, desde o início, como já foi dito, ele buscou elucidar os trabalhadores sobre os benefícios da teoria e da sociedade anárquica. Com sua entrada no anarquismo, inicia então as atividades como palestrante e escritor ácrata. No Primeiro Capítulo vimos que, em 1913, Oiticica já era um dos principais conferencistas das festas promovidas pelo *Grupo Dramático Anticlerical*, mas informações e convites sobre suas conferências podiam ser encontradas no mesmo ano que ele se declarou anarquista. O prestígio rapidamente conquistado deve-se, provavelmente, ao fato do movimento operário reconhecer e precisar contar com intelectuais. Assim, teoricamente, o movimento conseguiria uma maior representatividade ou legitimação. Nesse período, observa Schmidt, o movimento operário “ancorava-se fortemente no prestígio individual de

²¹¹ BARTZ, Frederico Duarte. **O Horizonte Vermelho: O impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920**. Porto Alegre, UFRGS, Dissertação de Mestrado, 2008, p.176.

²¹² OITICICA, José. “Francisco Ferrer e a humanidade nova”. *A Lanterna*, out.1912.

certos líderes”.²¹³ Sendo assim, se Oiticica constrói sua liderança a partir de sua intensa atuação no meio militante, o movimento também ganha uma maior representatividade por ter um intelectual nele inserido.

Em 1912, por motivo da promoção, divulgação e manutenção do jornal *A Guerra Social*, periódico anarquista, o grupo *Jovens Libertários* organizou uma série de conferências mensais que visavam, entre outros objetivos, a divulgação da teoria anarquista. Na primeira conferência, realizada a 17 de agosto daquele ano, encontramos José Oiticica como orador. Assim aparece o convite no jornal beneficiado com o evento.

Organizada pelos *Jovens Libertários* em favor da *Guerra Social* a primeira da série de conferências realiza-se sábado 17 de agosto, às 8 horas da noite, no salão da Liga Anticlerical á rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

Orador: José Oiticica.

Tema: A grande idéia. sumário: Origem da idéia libertária- a liberdade dos braços- A liberdade da inteligência- A liberdade da consciência. A Ação libertária e a auto educação libertária. Avante! Ingresso pessoal: 500 réis²¹⁴

No mês seguinte do mesmo ano, encontramos novamente o nome de José Oiticica ligado a eventos de caráter promocional e doutrinário da ação revolucionária. Novamente em *A Guerra Social* é publicado um convite à festa da *Liga Anticlerical* tendo-o mais uma vez como o principal conferencista.

Liga Anticlerical

Realiza-se hoje a anunciada festa da Liga Anticlerical.
O programa é o seguinte.

Primeira parte: Conferência pelo prof. José Oiticica, sobre o tema: O desperdício da energia feminina.²¹⁵

Reconhecido por seu domínio da oratória, como afirma Lauris Júnior, parece tornar suas conferências bastante cativantes, “sua persuasão e comunicabilidade apresentam-se

²¹³ SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o Tribuno: Caminhos, encruzilhadas e ponte de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187? -1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**, op. cit, p.288.

²¹⁴ “Série de Conferências mensais”. **A Guerra Social**. Ano: II, N°22, ago. 1912.

²¹⁵ “Série de Conferências mensais”. **A Guerra Social**. Ano: II, N°25, set. 1912.

como uma grande força que se soma ao movimento libertário junto aos operários”.²¹⁶ O sucesso das palestras de José Oiticica foi aclamado em uma nota, publicada no jornal *A voz do Trabalhador*, sobre uma conferência realizada por ele em benefício da organização do Segundo Congresso Operário Brasileiro,

A conferência do camarada José Oiticica agradou em absoluto. O tema foi brilhantemente desenvolvido, dado o profundo conhecimento de causa do orador que, fazendo apologia da ação direta, demonstrou a inutilidade do cooperativismo, beneficência e mutualismo, bem como a política, no seio das associações operárias; demonstrando ainda o quanto o álcool, o fumo (sic) prejudicial ao organismo humano, estende-se em considerações contra o jogo, criação burguesa para arrancar ao trabalhador as últimas migalhas restantes de privações, louvando a idéia da realização do no o (sic) Segundo Congresso, no qual, a par de todos os assuntos a serem discutidos, muito se deve cuidar da educação dos trabalhadores. A conferência que durou uma hora, terminou sob ruidosos aplausos do auditório.²¹⁷

O aparente sucesso de Oiticica na formulação e apresentação de suas idéias em palestras pode ser beneficiário de sua formação intelectual. Conhecedor e estudioso de várias áreas da ciência, ele se utilizava de seu aprendizado, vertendo-o em benefício da teoria anarquista. Assim, por meio de palestras, artigos e atuação no movimento operário ele construiu sua liderança.

A abordagem do tema ácrata em suas conferências e textos, como vimos, em sua fase inicial, segue o viés de doutrinação dos homens para conscientizá-los da necessidade da implantação da sociedade anarquista. De uma forma geral, ele procura sistematizar o anarquismo para, assim, conseguir fazer com que essa teoria seja “palpável”, ou seja, torne-se real no pensar de seus ouvintes e leitores. Dessa forma, seguindo e também ajudando a construir os caminhos da luta operária durante a década de 1910, influenciado pelo contexto brasileiro e também motivado pela Revolução Russa, Oiticica, como a maioria dos integrantes do movimento operário, parece acreditar que é chegada a hora de se fazer a revolução no Brasil. A construção da sua liderança se faz em um momento inicial por pregar o anarquismo e, em um segundo momento por, “liderar o povo” à revolução, transformação que veremos a seguir.

A entrada de José Oiticica no anarquismo como, já visto no Primeiro Capítulo,

²¹⁶ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit,p.22.

²¹⁷ *A Voz do Trabalhador*, nº37. APUD. LAURIS JÚNIOR, op. cit,p.101.

deu-se em um momento de reestruturação e ascensão do movimento operário. De 1912 até o início da década de 1920, ele passou da ascensão ao momento de grande atuação e representação dentro das questões trabalhistas no Brasil. No final da década de 1910, iniciou-se uma grande conflagração de greves em variados pontos do Brasil. Toda essa agitação nos meios operários ocorreu por inúmeros motivos, sendo alguns deles a carestia geral e as doenças que martirizaram as classes menos favorecidas e, no caso de várias lideranças, a crença no sucesso da Revolução Russa, que vinha respaldar a idéia de que era chegada a hora do proletariado nacional também se levantar contra o capitalismo.

Essa “caminhada” pode ser percebida ao analisarmos os textos de Oiticica de forma cronológica. Assim, notamos que, no início da década de 1910 ele se preocupava em conseguir sistematizar o anarquismo e preparar o operariado para a revolução, ao passo que, no final da década, seus artigos diziam que era chegada a hora de se levantar contra o capital e suas instituições.

Oiticica dava grande importância à necessidade da doutrinação para a transformação da sociedade. Tal importância acompanhou-o por toda a vida, mesmo nos momentos em que acreditava ser a hora do povo levantar-se contra o capital mas, acompanhando sua “caminhada anarquista”, observamos que, no final da década de 1910 era comum o sentimento de que a revolução era iminente em seu pensamento.

Para a execução de tal objetivo seria necessário o apoio popular. Por isso, o contexto brasileiro na época em questão vinha a calhar, visto que o operariado sofria com a carestia de vida, o que motivou a organização de três campanhas paralelas contra este “mal social”. Em muitos textos anarquistas buscou-se apresentar essa situação como base para uma transformação mais ampla, tentando organizar a “revolução completa” da sociedade. Sobre o tema, assim escrevia Oiticica:

A melhora que desejamos não é essa melhora relativa é a melhora absoluta, a melhora da *própria organização social*. É preciso que todos se compenetrem de uma verdade. A melhora das condições de uma classe operária só se opera com o prejuízo de outra classe operária. Se a uns operários se concedem vantagens, a outros se arrancam essas vantagens. Isso porque o parasita não desferra os dentes de uma braço que sacode sem haver certeza de os ferrar noutra braço imóvel. Portanto, de nada vale a melhora de condições do povo do Rio de Janeiro, se o povo do interior vai

pagar as custas.²¹⁸

Dessa forma, os militantes do movimento operário tentavam chamar a atenção para a questão social, a qual para eles só seria resolvida com a derrocada do capitalismo. Ainda no ano de 1913, os militantes da causa social e operária, visando uma melhor atuação do movimento operário, organizaram o Segundo Congresso Operário Brasileiro.

José Oiticica acreditava na influência que ele e outros militantes exercia sobre os operários. Conseqüentemente, pensava ser necessário o preparo e a organização, que dependiam deles. Esse parece ser o pensamento de nosso personagem, transcrito no poema *A influência*

Tu que me lês hás de sentir o abalo,
A força do meu braço condutor,
Has de ouvir voz de deus enquanto falo
E o protesto dos bons no meu clamor
[...]
Então, fremendo à influência do meu canto,
Erguerás teu espírito abatido
E quererás viver, subir, lutar²¹⁹

Nessa coletânea, os poemas não são datados, mas a forma com que se encontram organizados reforça a idéia de que, durante a década de 1910, os participantes do movimento operário em diferentes partes do Brasil partiram da organização e divulgação do movimento à crença na possível revolução social, que acaba por acarretar a deflagração de várias greves entre os anos de 1917 e 1920.

Tal transformação no pensamento refletia-se nos artigos publicados nos jornais e nas falas em comícios. Em 1918, José Oiticica explica em um artigo porque era chegada a hora da revolução:

Cresce no mundo inteiro a pressão libertária dos trabalhadores. Em plena guerra as idéias revolucionárias mais extremas se avigoram, se propagam, se enobrecem. Em todos os países europeus lateja o sentimento reivindicador e o desespero humano ameaça a velha organização capitalista insustentável.²²⁰

Divulgando que, no mundo todo, a revolução era iminente, sendo um dos principais

²¹⁸ OITICICA, José. *Germinai!* 13.04.1913 APUD. LAURIS JÚNIOR, op. cit, p.88.

²¹⁹ OITICICA, José. "A Influência". **Sonetos (1911-1918)**, Maceió, Linotypia da Casa Ramalho, 1919, p.137.

²²⁰ OITICICA, José. "O motivo". **Liberdade**, ano II, N°6, jul.1918.

motivadores os males causados pela guerra, Oiticica afirma que no Brasil o operariado deve ser solidário a tais movimentos e, portanto, organizar-se e promover a luta contra o capitalismo:

O estado atual no mundo exige do operariado brasileiro este sacrifício. [...] Seus deveres de solidariedade com os desgraçados que se batem nos campos europeus lhe impõem a obrigação moral de erguer aqui posto de defesa, de reivindicação, de redenção, preparatória da tremenda luta conseqüente à paz geral. A paz geral vai ser o toque de clarim das classes oprimidas. Devemos estar prontos a secundar, a sustentar aqui, os gritos de protestos dos trabalhadores europeus sacrificados à ambição de banqueiros e políticos, assassinos de dez milhões de homens.²²¹

Inspirado pelos protestos e movimentações contra o capitalismo no exterior, Oiticica vê a necessidade e o campo ideal para se executar aqui tal peleja. Os males da Grande Guerra eram sentidos também no Brasil. Ao falar das movimentações contra o capital na Europa possivelmente fazia alusão à Revolução Russa, que caminhava para a vitória. É justamente esse o contexto que acredito motivar os pensadores da causa operária e ácrata no Brasil a incentivar os povos oprimidos a se rebelarem contra a sociedade capitalista naquele momento. Como afirma Batalha, a conjuntura a partir de 1916 foi favorável à intensiva atuação do movimento operário no Brasil²²². Acredito que foi também essa conjuntura que fez os militantes da causa acreditarem que era chegada a hora de combater a organização capitalista.

A Revolução Russa foi, juntamente com a Primeira Guerra, um grande motivador das movimentações operárias no Brasil, assim afirma Cleber Rudy,

Diante da Revolução proletária que se lançava como outra possibilidade de organização social em prol da igualdade e pelo fim do capitalismo, ímpetus de transformação trazidos pelos ventos russos contagiavam os anseios de agrupamentos socialistas e anarquistas em solo brasileiro. E neste sentido 'As influências de toda uma mobilização que crescia em nome da fé na Revolução Social tanto da parte dos operários, quanto da burguesia e do Estado'.²²³

Nesse sentido, pode-se entender como e porque se construiu a crença, por parte de Oiticica e dos militantes da causa social, de que aquele momento era decisivo para a

²²¹ OITICICA, José. "O motivo". **Liberdade**, ano II, N°6, jul.1918.

²²² BATALHA, Claudio H.M. **O Movimento Operário na Primeira República**, op. cit, p.49.

²²³ RUDY, Cleber. "Utopias anarquistas no frenesi da Revolução Russa: experiência e anseios do movimento libertário brasileiro". In: **O Olho da História**, N° 11, dez. 2008.

realização da revolução, passando-se então a incentivar os operários a organizarem-se e rebelarem-se contra a “maléfica organização capitalista”. Esse pensamento pode ser observado no poema *A Hora*, de autoria de José Oiticica, publicado na coletânea *Sonetos (1911-1918)*.

Eis a Hora, a grande hora da peleja,
Hora de sacrifícios e entusiasmo!
Pulsa meu coração, meu peito arqueja
No momento da ação refletido e pasmo

É a batalha final! Torvo, troveja,
Além-mar, o canhão; foi-se o marasmo
Da plebe una, e a revolta bemfazeja
Move espada e murrão, ódio e sarcasmo.

Levantam-se os escravos contra os amos!
Há um clamor de vitória em toda a Terra...
Somos nós, anarquistas, que clamamos!

Nós que vamos sorrindo e subvertendo,
Arrastando os irmãos à Maior Guerra,
Num rebate de loucos, estupendo²²⁴

Oiticica procura demonstrar a certeza de que era chegada a hora da revolução e de que ela sairia vitoriosa. Era chegada a hora da implantação da sociedade comunista anarquista. No próximo capítulo veremos como repercutiu toda a movimentação de pensamentos e atitudes de José Oiticica e dos seus contemporâneos naquele contexto da história operária carioca.

²²⁴ OITICICA, José. “A Hora”. **Sonetos (1911-1918)**, op. cit, p.175.

CAPÍTULO III – O movimento operário carioca em ebulição: Oiticica e seus camaradas levantam-se contra o capitalismo

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas.

(Charles Dickens, Um conto de Duas Cidades, 1859)

O trecho da introdução do Primeiro Capítulo do livro de Charles Dickens, *Um conto de duas cidades*, busca revelar os sentimentos dos homens que viveram e participaram do processo revolucionário francês do final do século XVIII. Acredito que, ainda que correndo algum risco de anacronismo, poderia ser feita a comparação desses desejos e percepções com os anseios de grande parte dos integrantes do movimento operário brasileiro do início do século XX.

O final dos anos de 1910 parecia, à grande parte dos militantes da organização operária brasileira, o contexto perfeito para início da guerra social contra o sistema organizacional vigente. Era chegado o momento de rebelarem-se contra as injustiças sociais existentes no país. Assim, a dicotomia apresentada no trecho citado acima pode ser entendida como a visão que aqueles militantes tinham daquele momento do início do século passado. “O melhor dos tempos”, “a idade da sabedoria”, “a época da crença”, “a estação da luz”, podem ser aqui entendidos como o sentimento de que o campo de batalha para a revolução social estava montado e organizado; “o pior dos tempos”, “a idade da insensatez”, “a estação das trevas” seriam as injustiças latentes propagadas pelo sistema capitalista.

Como dito no final do Primeiro Capítulo, o período entre 1917 e início dos anos 1920 foi marcado por intensa organização e atuação do movimento operário, que resultou na deflagração de várias greves e também na esperança, por parte dos anarquistas que atuavam nos meios operários, de que seria possível iniciar uma revolução e, assim,

alcançar a destruição total do sistema capitalista no Brasil. Motivados pelos problemas que os proletários enfrentavam, entre eles a carestia de vida intensificada pela Primeira Guerra Mundial, a falta de legislação do trabalho e a idéia inspiradora do sucesso da Revolução Russa, anarquistas e demais militantes da causa operária lançaram-se na tentativa da emancipação do homem em relação ao capital. Como afirma Bernardon, foi o momento em que a tensão entre capital e trabalho atingiu seu *clímax* na Primeira República.²²⁵

Sobre esse período, escreveu Oiticica, em 1946, ao lembrar o movimento operário no início daquele século:

O Grupo anarquista do Rio, em perfeito entendimento com o de S. Paulo e, mais tarde, de Porto Alegre e Pelotas começou intensa propaganda. [...]. Tão intensa foi a campanha que rara a noite que não falávamos em algum sindicato. [...]. A burguesia assustou-se.[...]. Em 1918, [...] o número dos sindicatos componentes da F.O.B elevava-se a mais de trinta e acolhia o respeitável número, só no Rio de 150.000.²²⁶

Possíveis exageros à parte, pode-se notar que existia, por parte de Oiticica e outros integrantes do movimento operário, a confiança de que o momento era ideal para um levante contra o sistema capitalista. O trabalho de divulgação e propagação da idéia anarquista parecia estar alcançando sucesso, os sindicatos estavam organizados e pareciam contar com grande número de trabalhadores, as condições econômicas, a Grande Guerra e a Revolução Russa causavam a impressão de que existia a conjuntura necessária para eclodir também no Brasil a luta final contra o capitalismo.

Portanto, nesse contexto, o movimento operário encontrava-se a pleno vapor, incitando os operários a greves, como a de São Paulo, de 1917, a dos condutores dos bondes da Cantareira, em Niterói, e a tentativa de levante de novembro, de 1918, no Rio de Janeiro, este último tendo José Oiticica como um dos principais organizadores .

Neste Capítulo, pretendo apresentar o contexto que fez com que se tornasse possível a realização desses movimentos, observando porque, na visão de Oiticica e de outros anarquistas, o operariado deveria se rebelar contra o sistema capitalista. A análise

²²⁵ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativo da relação entre o Estado e o Movimento Operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, nas duas primeiras décadas do século XX**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2003, p.150.

²²⁶ OITICICA, José. "Movimento anarquista: atuação anarquistas nos sindicatos". **Ação Direta**, Ano 1, N°4, 07/05/1946.

contextual pode permitir observar como nosso personagem participou de maneira direta ou indireta deste período em que as lideranças operárias, o governo e os industriais teriam protagonizado a maior disputa entre o capital e o trabalho da Primeira República.

Dentre as greves citadas, a que teve maior participação de Oiticica foi a tentativa de levante, em novembro de 1918. Portanto, pretendo analisá-la e apresentá-la de forma mais densa do que as outras, assim como toda a movimentação operária no ano de 1918, no Rio de Janeiro, para que se torne possível percebermos o momento e como Oiticica e seus companheiros foram construindo a tentativa de levante, deflagrado no penúltimo mês daquele ano.

Depois de ser detido no dia de tal deflagração, e após ficar preso por algum tempo na então Capital Federal, José Oiticica foi deportado, juntamente com sua família, para o Estado de Alagoas e retornou ao Rio de Janeiro apenas no ano seguinte. A partir dessa informação abordaremos neste trabalho alguns pontos que acho interessantes para a compreensão da construção da vida militante de nosso personagem. O fato de sua família tê-lo acompanhado em seu desterro faz vir à tona a questão de como era a relação do Oiticica anarquista com Oiticica arrimo de família. Assim, a partir de depoimentos de sua filha Sônia²²⁷, correspondências trocadas com sua esposa em períodos de detenção e também comparando essas informações com aquelas dos depoimentos de Luce Fabbri sobre seu pai, pretendo aqui analisar como era construída esta relação entre público e privado, político e familiar dentro de sua casa.

A prisão e deportação também serão observadas de uma maneira especial. Pretendo, dentro do possível, analisar os reflexos causados por sua primeira prisão em suas teorias anarquistas, buscando perceber se Oiticica teve diminuída sua ânsia pela destruição do sistema capitalista e implantação da sociedade anarco-comunista ou, ao contrário, tornou-se ainda mais combativo. Importante também observarmos o período em que Oiticica estava em Alagoas, se as relações pessoais iniciadas naquela terra seriam frutíferas às suas teorias, se ele encontrou ali mais um campo de divulgação para as idéias ácratas e como esta deportação pode ter influenciado seu anarquismo.

²²⁷ Estas entrevistas foram retiradas da dissertação de Mestrado de Lauris Junior, **José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista**.

3.1 O Fervor Operário entre os anos 1917 e 1918 no Rio de Janeiro: Oiticica e outros militantes em plena ação

Segundo Cristina Hebling Campos, no início de 1917, cinco sindicatos estavam filiados à F.O.R.J.: Sindicato Operário dos Ofícios Vários Sindicatos dos Sapateiros, Sindicato dos Operários em Pedreiras, Centro dos Operários Marmoristas e a Liga dos Empregados em Padarias. José Oiticica era filiado ao primeiro. Esse núcleo sindical, juntamente com o Centro Libertário, desencadearam, no início daquele ano, uma “campanha contra o aumento dos gêneros de primeira necessidade e dos impostos”.²²⁸ A partir das reuniões do grupo, foi criado o Comitê Central de Agitação e Propaganda contra a Carestia. Este Comitê realizava comícios em praças públicas informando a população e aconselhando a organizar-se contra os responsáveis por tais problemas que assolavam a vida dos trabalhadores. Assim sendo, acusavam os industriais e os políticos por apoiarem a Grande Guerra, que era considerada um dos principais motivos da carestia de vida.

Segundo Rodrigues, durante os quatro anos da Guerra o custo de vida subiu assustadoramente e a crise do trabalho aumentou a taxa de desemprego e, conseqüentemente, a fome. A situação era tão precária que “muitos chefes de família ofereciam-se para trabalhar por um prato de comida, tal era situação de desespero.”²²⁹ Sobre a alteração do custo de vida, escreveu Oiticica: “A Guerra Européia alterou as condições de existência em toda a Terra, alterou, necessariamente, o custo de subsistência, prejudicou a todos, menos os industriais das munições de guerra, de boca ou de combate.”²³⁰

A questão da carestia tornou-se o carro chefe da organização operária; assim, a F.O.R.J., por meio dos jornais que auxiliavam na divulgação e defesa da causa proletária, informava sobre os comícios que haviam acontecido e também os que ainda haveriam de acontecer, além de sempre frisar qual era a bandeira de combate e contra quem deveriam lutar. Assim, em março de 1917, o periódico *O Clarim*, que se definia como quinzenário

²²⁸ CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar Libertário: Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921**. Campinas, Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1988, p. 53.

²²⁹ RODRIGUES, Edgar. **Alvora Operária**. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979, p.158.

²³⁰ OITICICA, José. “O Motivo”. **Liberdade**. Ano II, N°23, Set. 1918.

comercial e de comentários e imparcial perante as questões operárias e patronais, publicou mais um dos chamados da Federação:

Esta quinzena a Federação Operária efetuou vários comícios de protesto contra a miséria que invade o lar do operariado. [...]. A causa principal deste movimento, como todos sabem é uma critica sistemática contra os ladrões do povo, quer de governança quer do alto comercio, os quais não estão ligando aos nossos clamores. [...]. Aos camaradas operários, para que nosso clamores sejam atendidos nós concitamos arregimentar-se nas nossas associações de classes junto à Federação Operária, e depois unidos veremos se os nossos exploradores continuarão a escarnear de nós, tratando-nos com indiferença. [...]. É hora de ajustar contas, ide para a Federação Operária, praça Tiradentes nº 71, lá encontrarei vossos companheiros de infortúnio, que vos orientarão devidamente. Para a melhoria de nossos dias é necessário mudar de atitude.²³¹

O artigo não leva assinatura, mas como Oiticica era filiado a um dos sindicatos que compunham a FORJ²³² quando iniciaram-se as reivindicações contra a carestia e também pelo fato de ele estar quase que diariamente no prédio desta Federação, pois ministrava ali um curso de Sociologia aos operários, podemos pensar que ele pode ter auxiliado na elaboração deste e de vários outros artigos que visavam a arregimentação dos trabalhadores.

Amparados nesse tipo de discurso, buscando politizar a questão da carestia, anarquistas e militantes da causa operária visavam arregimentar novos sindicalizados, conseguindo por esse meio aumentar as fileiras de operários participantes de tais organizações. Se, no início do ano, a FORJ contava com apenas cinco sindicatos filiados, no segundo semestre, já eram onze ao todo.²³³ No segundo semestre de 1917 o número de sindicatos filiados a FORJ já havia duplicado e em 1918 a organização já contava com 30 sindicatos. Sobre esse período, Addor afirma que,

Diversas categorias profissionais até então desorganizadas ou cujas associações viviam vidas meramente vegetativas se organizam ou se reorganizam em entidades sindicais que crescem rapidamente, tornando-se

²³¹ “Federação Operária do Rio de Janeiro, as classes laboriosas agitam-se contra a carestia de vida”. **O Clarim**, Ano 5, Nº 76, Março de 1917.

²³² Como já foi dito no Primeiro Capitulo, José Oiticica se filiou ao Sindicato de Ofícios Vários em 1915.

²³³ CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar Libertário: Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921**, op. cit, loc. cit.

ao mesmo tempo mais representativas, mais fortes e atuantes.²³⁴

Podemos notar que, a partir do ano de 1917, foi intensa a agitação operária, a qual tinha como uma de suas principais bandeiras o problema da carestia de vida. Outro motivo que também movimentava o meio operário eram as notícias que começavam a chegar sobre a deflagração de uma revolução que visava derrubar o governo russo, o que acabou por incentivar ainda mais os militantes brasileiros a investirem contra a organização social capitalista.

Segundo Bartz, desde muito cedo, já aparecem no Brasil referências sobre a Revolução Russa,

Em março, um mês apenas depois da revolução de fevereiro, a Rússia já é mencionada em uma importante greve de calceteiros. Em julho, no maior comício da grande greve de 1917, João Batista Moll, militante anarquista, entusiasma-se com o exemplo da Rússia Revolucionária. Nestes primeiros momentos, invariavelmente, as referências à revolução se ligam aos anarquistas que no período de 1917 e 1918, estavam em franca ofensiva dentro do movimento operário [...]²³⁵

Possivelmente, José Oiticica, juntamente com seus companheiros de luta, acreditasse que a Revolução Russa era o início de um processo revolucionário que se expandiria em âmbito mundial. Toda aquela conjuntura, a Guerra Mundial, a carestia de vida, o próprio levante Russo, fazia com que os anarquistas acreditassem que era chegado o momento de levantarem-se contra o sistema vigente e, atuando dentro dos sindicatos, buscassem aumentar suas forças com apoio dos operários, para o levante contra o capital. Assim, em uma entrevista à revista *Gil Blas*, no ano de 1919, Oiticica afirmara que “a revolução Maximalista marca, sem possível dúvida, a nova era da emancipação dos homens”²³⁶.

Podemos pensar que tais idéias de Oiticica também compunham o imaginário anarquista de dois anos antes, sendo assim, apesar da entrevista ter sido concedida após o ano de 1917, seria plausível afirmar que era um dos sentimentos que motivavam José Oiticica e os demais anarquistas atuantes no movimento operário carioca. Esta idéia

²³⁴ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2º Ed. 2002, p.99.

²³⁵ BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 2008, p.12.

²³⁶ OITICICA, José. “O momento Social”. **Gil Blas**, 05/ junh/ 1919.

também pode ser pensada a partir de uma proposição de Bandeira, o qual afirma que,

Os intelectuais que atuavam no movimento operário, socialistas ou anarquistas, estes, como Astrojildo Pereria, Evaristo de Moraes, Maurício de Lacerda, Murilo Araújo, Domigos Ribeiro Filho, Fábio Luz, José Oiticica, Edgard Leuenroth, Otávio Brandão, Everardo Dias, [...], Antonio Canelas, Agripino Nazaré, José Martins, Carlos Dias e muitos outros, colocaram-se desde o primeiro momento, ao lado da República dos Soviets.²³⁷

A situação do operariado e das classes menos abastadas, como já foi mencionado, era problemática. A Grande Guerra intensificou os problemas da carestia de vida em geral: os salários dos operários eram baixos, a elevação dos preços de aluguéis e alimentos fazia com que o valor gasto para sua manutenção fosse maior do que o valor recebido em seu trabalho²³⁸. Segundo Batalha,

A I Guerra Mundial permitiu uma recuperação da produção industrial a partir de 1916. À medida que os produtos importados deixavam de chegar aos portos brasileiros, as indústrias nacionais voltaram a empregar para atender ao crescimento da demanda. Ao mesmo tempo os trabalhadores enfrentavam uma escalada do custo de vida, ao passo que os salários permaneciam nos patamares anteriores à guerra²³⁹

Os anarquistas e demais militantes do movimento operário, condenavam tal ação dos proprietários de fábricas e comércio e buscavam informar aos trabalhadores os motivos. Os “grandes jornais” informavam da prosperidade econômica brasileira, os intelectuais das causas sociais combatiam tais informações demonstrando que os únicos beneficiados eram os integrantes das classes de proprietários, afirmando que tal benefício era justamente alcançado à custa do trabalho dos operários. Sobre isso escrevia Oiticica,

Os industriais da guerra prosperaram no Brasil? Não há duvida. Prosperaram até demais. Tiveram lucros fabulosos, de dois mil a trinta mil contos líquidos num ano. Açambarcaram os gêneros de primeira necessidade, falsificaram à grande, impuseram e impõem, nas barbas do comissariado os preços que lhes servem, exploram quanto podem, a nós todos e aos nossos digníssimos aliados, isto é, a nossa pátria e a pátria deles. Foi-lhes ótimo negócio a guerra, como ótimo negócio foi para os banqueiros de toda a parte [...]²⁴⁰

Portanto, para Oiticica e seus companheiros de luta, era necessário movimentar-se

²³⁷ BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil**, op. cit, p.239.

²³⁸ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920**, op. cit, p.133.

²³⁹ BATALHA, Cláudio H. M. **O Movimento Operário na Primeira República**, op. cit, p.49.

²⁴⁰ OITICICA, José. “O Motivo”. **Liberdade**. Ano II, N°23, Set. 1918.

contra tais injustiças mantidas pelo sistema capitalista, e “a revolução russa era uma inspiração aos militantes que tinham uma postura cada vez mais agressiva contra a burguesia e o Estado”²⁴¹. A junção desses problemas com o exemplo da Revolução Russa acabou por criar o campo ideal para a atuação dos militantes sindicais, fazendo com que eclodissem várias greves durante este período.

Segundo Bartz,

Este período que inicia em 1917 e vai até o início dos anos 20, em que a Revolução Russa eclode e sua influência se espraia para outros países, é considerado também o momento de mais intensa mobilização por parte das organizações operárias na República Velha. As grandes greves, [...] fizeram com que o movimento operário alcançasse uma posição de destaque na vida política dos principais centros urbanos do país, assustando os industrialistas e os fazendeiros que governavam a nossa república oligárquica.²⁴²

Toda a movimentação operária, segundo Oiticica, tinha como um dos principais motivos a desigualdade inerente ao sistema econômico capitalista; o proletariado sofria e, por isso mesmo, organizava-se para lutar contra os responsáveis por seus males. O aumento dos lucros por parte dos donos das indústrias não era dividido com os operários, pelo contrário, “procuram sempre esconder os lucros, ‘choram misérias’, alegam dívidas, o imposto, as reformas e ameaçam de fechar as fábricas se lhes reclamam maior paga”²⁴³. Então, os trabalhadores cansados de serem explorados e ludibriados por seus patrões se organizariam para reivindicar o que lhes era de direito, este seria o motivo das greves. A exemplo disto, segundo Oiticica, temos a greve de junho de 1917 em S. Paulo. A qual se deflagrou “porque os operários, vendo-se instrumentos de fortuna súbita dos Crespi, Matarazzo e Puglitsi, impuseram alta dos salários, pediram sua participação nos lucros centuplicados dos patrões. Estes resistiram. Queriam ganhar o máximo sozinhos”.²⁴⁴

Com base no contexto brasileiro da época, Oiticica buscava justificar a realização e a necessidade da mobilização operária. Mesmo tendo uma maior atuação no movimento operário carioca, ao usar como exemplo de manifestação operária a greve paulista,

²⁴¹ BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 2008, p.71.

²⁴² BARTZ, Frederico Duarte, op. cit, p.52.

²⁴³ OITICICA, José. “O Motivo”. **Liberdade**. Ano II, N°23, Set. 1918.

²⁴⁴ OITICICA, José. “O Motivo”. **Liberdade**. Ano II, N°23, Set. 1918.

possivelmente tentava demonstrar que a organização sindical daquele período estava integrada, que as insatisfações dos trabalhadores não eram algo deslocado ou regional, mas sim que eles estavam unidos pra atingir um objetivo: lutar contra as explorações da burguesia e do Estado capitalista.

Possivelmente, com tais declarações, procurasse atingir os dois grupos envolvidos na questão operária: a classe trabalhadora e a classe mandante. A primeira possivelmente seria seduzida com idéia da força operária, da grandeza do movimento; a segunda, Oiticica provavelmente tentava amedrontar com a idéia da iminente derrocada do capital, a partir da “real existência” de uma união geral dos trabalhadores. José Oiticica realmente parecia acreditar que existia uma organização operária forte e unida naquela época. Ao lembrar o período afirma que, “em sete anos, pois, havíamos criado escorraçando primeiro todos os políticos dos sindicatos, uma Central Obreira forte, mais forte ainda se considerarmos o movimento muito maior em S. Paulo”.²⁴⁵

Segundo Addor, a greve paulista “tem sua origem basicamente vinculada ao [...] agravamento das condições de existência da classe operária”²⁴⁶. Boris Fausto afirma que tal movimento “abriria uma conjuntura histórica cujos limites se estendem cronologicamente até 1920”²⁴⁷. Corroborando esse pensamento, Addor afirma que a greve generalizada, que ocorreu no Rio de Janeiro em julho de 1917, teve como último elemento incentivador, as notícias sobre a movimentação operária paulista. A organização da greve seria resultado de uma intensa atuação da FORJ e também motivada por alguns acontecimentos imediatos como o desabamento do New York Hotel, que ainda estava em construção, matando e ferindo vários operários.²⁴⁸

Esses dois pontos citados por Addor fazem crer em uma participação, se não direta, bastante intensa de José Oiticica nessa greve na Capital Federal. Como já foi dito a FORJ desde o início do ano de 1917, liderou um movimento contra a carestia no Rio de Janeiro e assim, os militantes do movimento operário buscaram a organização dos trabalhadores. O

²⁴⁵ OITICICA, José. “Movimento anarquista: atuação anarquistas nos sindicatos”. **Ação Direta**, Ano 1, N°4, 07/05/1946.

²⁴⁶ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2° Ed. 2002, p.94.

²⁴⁷ FAUSTO, Bóris. “Trabalho Urbano e Conflito Social” APUD, ADDOR, Carlos Augusto, IDEM, p.94.

²⁴⁸ ADDOR, Carlos Augusto, op. cit, p.96-98.

primeiro fruto da campanha foi o surgimento da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (U.O.F.T). Tal União apareceu após três tentativas de greves da categoria de tecelões, as quais foram violentamente reprimidas pela força militar. Essa situação acabou por acentuar a politização da carestia e a necessidade de se organizarem contra o Estado. Em junho, ocorreu o desastre do New York Hotel, aumentando mais ainda a tensão vivida na capital. Estes acontecimentos culminaram na deflagração de uma greve geral encabeçada por várias categorias profissionais, que se iniciou após uma assembléia realizada na FORJ, no dia 17 de novembro de 1917.²⁴⁹

Alguns fatores levam a crer na atuação de Oiticica, também, nesta greve carioca de 1917. A partir de Addor podemos notar que a intensa ação da FORJ foi um dos grandes responsáveis pela organização do movimento. Como citado anteriormente, o próprio Oiticica relembra sua atuação no período, exaltando a força da Federação e afirmando que sua presença e de outros militantes era constante nos sindicatos daquela época. Já foi também explicado que ele era sindicalizado em um dos órgãos que compunha a Federação Operária, na época em que esta organizou o Comitê Contra a Carestia.

O segundo fator em que me apóio para pensar em tal possibilidade é a relevância do desastre no New York Hotel para a deflagração da greve. Como foi dito, o ocorrido fez com que os ânimos se exaltassem ainda mais e o sindicato da construção civil organizasse um protesto que ocorreu no momento do enterro das vítimas. Segundo Addor,

A classe operária comparece em massa à solenidade e na tarde de 8 de junho, janelas e sacadas repletas de expectadores vêm o desfile imponente de uma multidão silenciosa calculada em mais de vinte mil pessoas. Ao cair da noite a calma do cemitério São Francisco Xavier é interrompida pela voz dos oradores que atacam a burguesia, criticam a organização social e denunciam a opressão do Estado, para exaltarem a necessidade de organização, o sentido da liberdade, a grandeza da luta operária e a inevitabilidade da revolução²⁵⁰

Dentre os oradores que denunciavam o desastre e incentivavam os trabalhadores à luta contra a sociedade capitalista, estava José Oiticica. Segundo Rodrigues, ele, “com a

²⁴⁹ ADDOR, Carlos Augusto, op. cit, p.96-99.

²⁵⁰ CRUZ, Maria Cecília Velasco. “Amarelo e Negro matizes do Comportamento Operário na República Velha”. APUD , CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar Libertário: Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921**. Campinas, Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1988,p.54.

fluidez de sua palavra, emocionou todos os presentes demonstrando o crime de que foram vítimas os 40 pais de família”.²⁵¹

Pensando na importância, apontada por Addor, destes fatores para a organização e concretização da greve generalizada de julho de 1917, e sabendo da participação de José Oiticica, tanto na Federação Operária, quanto no funeral dos trabalhadores, é que se pode pensar na hipótese de sua efetiva participação na organização de tal greve. Em relação à sua atuação em movimentos grevistas, encontrei na historiografia operária brasileira uma relação direta com esse tipo de movimento somente no levante de novembro de 1918, mas a partir das análises feitas aqui acredito que é possível, ao menos hipoteticamente, relacioná-lo também a esta greve.

No decorrer da greve, devido aos intensos combates entre trabalhadores e Forças Armadas e aproveitando estado o de sítio declarado pelo Congresso Nacional, após a entrada do Brasil na Grande Guerra, o Governo Federal fechou todas as Federações operárias do Brasil.²⁵² Ainda no mês de julho daquele ano, Aurelino Leal, então chefe de polícia do Distrito Federal, seguindo ordens do Presidente Venceslau Brás, ordenou o fechamento da FORJ e também do Centro Cosmopolita, após ter sido recebido a tiros por militantes sindicais.²⁵³

A repressão policial, o fechamento das federações e outras medidas tomadas por parte do governo arrefeceram o movimento sindical no final daquele ano de 1917. Outro fator prejudicial à organização operária foi justamente o sentimento de patriotismo que aumentou com a entrada do país na Primeira Guerra Mundial. No final de outubro o Brasil havia declarado guerra à Alemanha, após o quarto torpedeamento a navios brasileiros por aquele país. O Presidente Venceslau Brás pediu aos operários que se mantinham em greve para que retornassem ao trabalho em nome da pátria. Vários operários não só voltaram ao trabalho como também organizaram “batalhões patrióticos” que visavam angariar fundos para os Aliados. O clero também se movimentou para exercer sua influência sobre a população, ajudando o governo em prol da causa nacional. Essa

²⁵¹ RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Rio de Janeiro, VRJ, 1993, p.38.

²⁵² BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil**, op. cit, p.116.

²⁵³ DULLES, John W. Foster, op. cit, p.58.

motivação patriótica surtiu efeito e diminuiu as agitações operárias no final de 1917.²⁵⁴

Os anarquistas, opositores da Guerra Mundial, como já foi mencionado, intensificaram sua batalha contra o conflito; se antes os motivos eram políticos, agora os militantes da teoria ácrata estavam perdendo sua força de combate. Assim, tentaram mostrar que os objetivos da Guerra eram contrários aos interesses do trabalhador, pois ela era, assim como todas as outras, “mercantil, visceralmente guerra de banqueiros [...]. Os ‘homens do dinheiro’ é que fazem guerra, pondo à frente os discursadores e os patriotas entusiastas”²⁵⁵. O patriotismo motivado pela guerra defenderia, segundo os ideais anarquistas, uma Pátria que seria o motivo da “separação entre homens, motivo das digladiações comerciais, agrupamentos de banqueiros e capitalistas gananciosos que iludem a massa estulta para se enriquecerem às sombras de bandeiras.”²⁵⁶

O anarquista, segundo Oiticica, não é contra a Pátria, mas contra a “Pátria pretexto de extorsão”. Ele mesmo, em carta aberta ao Dr. Aurelino Leal, se diz patriota, mas de uma maneira diferente:

Vossa Ex. é patriota e eu também sou: mas eu sou diferentemente de V. Ex., eis tudo. Amo extremamente este Brasil, terra admirável, pessimamente aproveitada; amo a sua natureza estupenda e (sic), em prosa e verso. [...]; sinto-me grande em ser brasileiro, porém em ser homem: amo o povo desta terra, a infeliz raça desprezada, amargurada na escravidão, despedaçada na bandeiras e entradas, escorraçada por quanto explorador nacional ou estrangeiro a avulta. [...]. Não sou nativista, não sou xenófobo: vejo em qualquer trabalhador, em qualquer homem digno, um compatriota; entre um brasileiro ruim e um estrangeiro bom dou preferência ao ultimo; penso que minha terra pode ser amada e servida por muitos estrangeiros melhor e mais intensamente que por muitos brasileiros negociastas, paspalhões e devassos.²⁵⁷

Com esses discursos, José Oiticica e seus companheiros tentavam demonstrar aos trabalhadores que a luta proletária não era antipatriótica, que o verdadeiro sentimento de patriotismo deveria ser expresso no combate a esta guerra que promovia a separação dos homens, a morte da humanidade e a defesa de interesses de poucos, interesses mercantilistas. Como ele afirmava, todos os homens poderiam ser compatriotas, desde

²⁵⁴ DULLES, John W. Foster, op. cit, p.61-62.

²⁵⁵ OITICICA, José. “O Motivo”. **Liberdade**. Ano II, N°23, Set. 1918.

²⁵⁶ OITICICA, José. “A questão operária. Carta aberta de José Oiticica ao Sr.Dr. Aurelino Leal”. **O Cosmopolita**. Ano II, N°30, abr. 1918.

²⁵⁷ OITICICA, José. “A questão operária. Carta aberta de José Oiticica ao Sr.Dr. Aurelino Leal”. **O Cosmopolita**. Ano II, N°30, abr. 1918.

que não perpetuassem a exploração mantida pelo sistema capitalista. Propagando essa idéia, eles buscavam apoio para dar seqüência em sua luta contra a sociedade burguesa, visando à deflagração da revolução que derrubaria a ordem vigente.

O discurso de Oiticica nos remete a uma análise. Parece-me que o patriotismo existente em suas teorias antecessoras à sua adesão ao anarquismo ainda serviam de embasamento para a defesa de suas ideias anarquistas. Amor à Pátria, à terra, ao povo, tudo isso ainda aparecia em seu discurso, mas agora estes elementos vinham amparados por preceitos ácratas. Sendo assim, esse patriotismo não se restringiria apenas aos naturais desta nação, mas sim a todos os homens que fizessem dela e de qualquer outro lugar um espaço livre da exploração capitalista.

O ano de 1918 surgiu com novos ares para o movimento operário. Se havia acontecido um arrefecimento sindical nos últimos meses, agora os militantes da causa operária encontrariam novo ânimo para intensificar sua luta contra a burguesia e o Estado. “O ano de 1918 se inicia sob o signo da vitória da Revolução Social na Rússia Soviética”²⁵⁸. E, possivelmente empolgados com a vitória da deflagração contra a sociedade capitalista na Rússia, ainda em janeiro, anarquistas reúnem-se com o objetivo de constituir a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, a qual lançaria seu primeiro *Boletim* de informações já no mês de fevereiro. Buscando reorganizar os trabalhadores, intelectuais e militantes, iniciaram a organização de outro órgão que representaria a força operária. No mês de março foi então constituída a União Geral dos Trabalhadores (U.G.T) que nasceu em substituição à FORJ.

Segundo Samis, Oiticica estava envolvido tanto na construção da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro quanto na da UGT e, assim, “alternava sua ação entre uma entidade organizativa e outra de classe”²⁵⁹. Essa dupla atuação era comum tanto entre os anarquistas do Rio de Janeiro, quanto de outros locais do país; visando a derrocada total da sociedade burguesa e do Estado capitalista, acreditavam na força dos operários. Assim, defendiam que, para que a ação direta dos trabalhadores se tornasse mais eficaz, era

²⁵⁸ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2º Ed. 2002, p.96-98.

²⁵⁹ SAMIS, Alexandre. “Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos”, op. cit, p. 97.

necessário que se organizassem em sindicatos e organizações de classe.²⁶⁰

Segundo Campos, na Aliança Anarquista, “basicamente esforçavam-se para, num trabalho extenso e prático de propaganda e de ação, promover a emancipação econômica, social e moral de cada indivíduo e da humanidade em geral”²⁶¹. Em seu primeiro *Boletim*, o grupo esclareceu qual seria seu objetivo,

A Aliança Anarquista não é propriamente uma agrupação no sentido restrito das agrupações libertárias: é antes um órgão de união, de entendimento, de *aliança* entre todos os anarquistas do Rio de Janeiro formados em grupos ou não. O seu fim é congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia sempre que isso tornar oportuno e necessário.²⁶²

Dessa forma, podemos notar que a Aliança visava a divulgação e conscientização das ideias ácratas para além dos muros das fábricas, dos sindicatos, defendendo o anarquismo como principal teoria a ser seguida no enfrentamento ao sistema capitalista, visando tanto o meio operário, como qualquer classe ou pessoa que se sentisse oprimida e explorada pela burguesia e o Estado.

Já a UGT, como poderemos notar a partir da leitura dos três primeiros artigos de seu estatuto, seguia as bases de sua antecessora, a FORJ, visando o “levantamento da classe operária” sem seguir nenhuma corrente política. Assim, em 26 de março de 1918, a UGT lançou seu estatuto no *Jornal do Brasil*. Acho interessante citar na íntegra estes três primeiros artigos para melhor observarmos quais eram as bases seguidas pela União e, desse modo, podermos compreender o porquê de não haver uma mudança no direcionamento da organização operária, mesmo com o fechamento da Federação que organizava os sindicatos no Rio de Janeiro,

Artigo 1º: a) Promover o levantamento moral e intelectual dos trabalhadores; b) empregar todos os esforços para melhorar as condições econômicas, profissionais e sociais dos mesmos.

Artigo 2º: a) Promover nas sedes das associações federadas, conferências e palestras sobre assuntos que digam respeito ao melhoramento sucessivo das classes trabalhadoras; b) Criar bibliotecas de caráter sociológico, e econômico e escolas ou cursos primários, secundários e profissionais; c) Editar um jornal destinado à propaganda e à defesa das reivindicações

²⁶⁰ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**, op. cit, p.97.

²⁶¹ CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar Libertário: Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921**. Campinas, Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1988, p.41.

²⁶² *Boletim da Aliança Anarquista*. Rio de Janeiro, N° 1, fev.1918.

operárias; d) Promover a união dos trabalhadores assalariados do Rio de Janeiro, organizando-os em associações de classe para a defesa de seus interesses econômicos, profissionais, sociais e morais; e) Estreitar os laços de solidariedades e estabelecer contatos e relações entre todas as sociedades federadas, dando mais força e coesão aos seus esforços e reivindicações; f) Cultivar relações com as sociedades exclusivamente operárias, organizadas sobre o terreno econômico, não só no Brasil, como dos outros países, pondo assim o proletariado do Rio de Janeiro ao corrente da situação e da ação do proletariado em todo o mundo; g) Reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sobre as condições de trabalho e o movimento operário no Distrito Federal.

Artigo 3º: A União Geral dos Trabalhadores não pertence a nenhuma escola, facção ou doutrina política ou religiosa, não podendo tomar parte coletivamente em eleições, manifestações partidárias ou religiosas, nem tampouco qualquer de seus membros, individualmente livres e autônomos, poderá servir-se de um título ou função da UGT do Rio de Janeiro, com esse intuito.²⁶³

Como podemos notar, as bases que regiam a UGT visavam somente a organização da classe operária e prezavam pelos interesses econômicos e sociais dos trabalhadores. Mas, como já foi dito, os anarquistas militavam também dentro da questão operária, por acreditarem que esse campo era frutífero para o início da guerra social. Assim, buscando demonstrar a força do operariado e a insuficiência das medidas repressivas, tomadas pelo Estado ao fechar os sindicatos e a FORJ, Oiticica, em carta aberta ao Dr. Aurelino Leal, já citada anteriormente, afirma que, “a Federação Operária era apenas uma associação fraca e titubeante com uns cinco mil associados, enquanto que a União Geral dos Trabalhadores, sua sucessora, reunia 30 mil inscritos. O ato arbitrário de V. Exa., fechando-a, foi um laço forte para a união dos trabalhadores”.²⁶⁴

Oiticica, atuando nas duas entidades, continua a propagação da causa operária e da necessidade da emancipação do homem em relação ao capital. Trabalhando tanto na organização sindical quanto na propaganda libertária, ajuda a promover regularmente conferências, palestras, peças teatrais e até um curso de sociologia.²⁶⁵

Em 14 de julho de 1918 ocorreu um festival no Centro Galego, em homenagem à data comemorativa da tomada da Bastilha. Esse festival foi promovido pelo Grupo de

²⁶³ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**, op. cit, p.102-103.

²⁶⁴ OITICICA, José. “A questão operária. Carta aberta de José Oiticica ao Sr.Dr. Aurelino Leal”. **O Cosmopolita**. Ano II, N°30, abr. 1918.

²⁶⁵ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**,op. cit, p.106.

Teatro Cultura Social, e teve como um de seus conferencistas José Oiticica.²⁶⁶ Essas palestras, possivelmente, visavam, além de instruir o operariado, também empolgá-lo com exemplos vitoriosos de levantes realizados pelo povo. Portanto, temas como a queda da Bastilha e mais correntemente a Revolução Russa, pelo fato de ser contemporânea a eles, era usado como exemplo e incentivo.

No início de 1918, durante o período de formação da Aliança Anarquista e da UGT, Oiticica, em uma possível tentativa de demonstrar que o sucesso da luta dos povos oprimidos era iminente, afirmou:

Hão de mover todas as vontades para a supressão definitiva dos exploradores de homens, e o destino humano não sairá das conferências de chanceleres, nem das ofensivas colossais, nem das fórmulas mais ou menos fraudulentas de juristas e chefes da nação; a de irromper dos *soviets*, dos sindicatos libertários, das agremiações dos proletários, porque agora a dor humana, avolumada com os morticínios gigantescos, as tragédias formidáveis destes três anos tem para dirigir-lhe os ímpetos de reivindicação essa consciência que o século XIX nos legou, e vai ser, no século XX, a luz guiadora da humanidade em marcha.²⁶⁷

Nesse período, os *soviets* já haviam conseguido derrubar a autocracia russa. Ao citá-los, certamente Oiticica buscava incentivar os sindicatos libertários e as agremiações dos proletários brasileiros a se levantarem também contra os “exploradores de homens”, tendo como guia a consciência nascida no século XIX, por meio da qual, possivelmente, ele se referia à teoria anarquista. Pode-se notar também a ênfase dada ao impacto causado pela Grande Guerra, este seria crucial para insurreição dos povos oprimidos contra os responsáveis por seus males.

No artigo intitulado *O Motivo*, ele volta a falar que a Guerra Mundial seria o estopim para deflagração da guerra social no Rio de Janeiro, assim escreve, “os trabalhadores cariocas vão compreendendo o alcance extraordinário da tragédia mundial e se preparam aqui para cooperar com os trabalhadores do orbe inteiro nessa redenção. Eis o motivo principal do movimento e a agitação marulhosa e alviçareira de uma consciência que desperta.”²⁶⁸

Além de incentivo e afirmação do movimento operário, estes artigos almejavam

²⁶⁶ ADDOR, Carlos Augusto, op. cit, p.111.

²⁶⁷ OITICICA, José. “Sem título”. **O Cosmopolita**. Ano II, N°27, fev. 1918.

²⁶⁸ OITICICA, José. “O Motivo”. **Liberdade**. Ano II, N°23, Set. 1918.

criar entre os operários uma identidade política. Schmidt, biografando dois importantes socialistas gaúchos, afirma que,

esses chamamentos que, aos olhos de hoje, podem parecer ingênuos ou meros exercícios de retórica, tinham muito sentido no contexto gaúcho e brasileiro como um todo, do final do século XIX e início do XX, quando o movimento operário ensaiava seus primeiros passos e contava com poucos participantes, a afirmação da identidade do operariado em oposição à burguesia parecia ser o primeiro passo de uma efetiva ação reivindicadora.²⁶⁹

Acredito que esta análise pode ser aplicada também ao contexto em que foram escritos os artigos de Oiticica, citados a cima. Isso porque a organização sindical sofreu um arrefecimento no ano de 1917. Assim, no ano seguinte, os intelectuais e militantes da causa operária almejavam, também, reorganizar a luta proletária e, portanto, visavam a reafirmação da classe e também de sua consciência política. Nesse sentido, utilizavam-se do contexto a eles contemporâneo, a Guerra, a Revolução Russa, a carestia, como motivos existentes para a revolta operária e, conseqüentemente, para a derrubada do Estado.

Segundo Bartz, o movimento operário no final de 1918 dava mostras de ter retomado suas forças:

No Rio de Janeiro a Aliança Anarquista, [...], onde militavam importantes figuras como Astrojildo Pereira e José Oiticica, decidiu preparar uma insurreição para derrubar o governo e instalar uma República Soviética de Operários. O plano era deflagrar uma greve revolucionária, invadir o Palácio Presidencial e tomar a Intendência de Guerra, para armar os trabalhadores e controlar o Rio de Janeiro. O plano foi descoberto por traição do tenente Elias Ajus.²⁷⁰

A deflagração desta insurreição se deu no dia 18 de novembro de 1918, sendo preparada por, como já foi dito, José Oiticica e Astrojildo Pereira, mas também contou com a importante participação de Manuel Campos, Agripino Nazaré, Ricardo Correia Perpétua e Elias Ajus, que era um agente da polícia, infiltrado no movimento.

²⁶⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o Tribuno: Caminhos, encruzilhadas e ponte de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187? -1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**. Tese de Doutorado em História. UNICAMP, Ano 2002, p. 278.

²⁷⁰ BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 2008, p.41.

A tomada da Rússia pelos soviets, blocos compostos por soldados e trabalhadores, inspirava os anarquistas brasileiros, e por isso a presença de um tenente do Exército, o qual afirmava que também compartilhava das ideias que visavam a derrubada do governo, agradava muito aos organizadores deste movimento. Nos jornais operários eram correntes os textos que tentavam arregimentar as forças militares para a causa operária.

Ainda em 1917 o periódico *O Debate*, que tinha como um de seus diretores Astrogildo Pereira, lançou um artigo intitulado “Operários e Soldados”, o qual, usando do exemplo russo, fala da necessidade de se criar aqui também um bloco composto por trabalhadores e militares, assim enfatizava o artigo:

Que os trabalhadores se mirem neste espelho e se instruem eficazmente com esta lição. O centro libertário cumprindo seu dever, aplaude e saúda o proletariado russo e protesta contra o jogo dos governos da “Entente” que em nome da pretensa “liberdade” que dizem defender nesta guerra preparam a reação contra o povo, contra os operários e camponeses da Rússia, que souberam conquistar pela força dos próprios músculos a verdadeira “Liberdade”.

[...]

A República, com suas leis, seus exércitos, seus crimes e sua canalha [ilegível], é um obstáculo capital à felicidade do povo trabalhador. É preciso [ilegível] uma espécie de Comitê de Operários e Soldados que exerça revolucionariamente uma força inovadora até todo o povo adquirir uma certa independência e ação que lhe permita dirigir-se por si mesmo. É o que urge fazer.²⁷¹

O exemplo russo trazia a certeza da necessidade da união destas classes. Isso talvez fizesse não parecer ingênuo a crença de que era possível levar as ideias revolucionárias para dentro dos quartéis. Então, possivelmente inspirados nos soviets e tendo como exemplo também as greve da Cantareira, Oiticica e seus camaradas aceitaram o Tenente Elias Ajus em seus planos.

A greve da Companhia Cantareira e da Viação Fluminense eclodiu em agosto do mesmo ano da insurreição, e paralisou barcas entre Rio e Niterói. Bandeira afirma que Niterói parou completamente e as autoridades novamente apelaram para a repressão.²⁷² Mas, quando a força militar apareceu para sufocar o movimento grevista, parte dos

²⁷¹ “Operários e Soldados”. *O Debate*. Ano: I, N° 6, Ago.1917.

²⁷² BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil*, op. cit, p.116.

soldados passaram para o lado dos trabalhadores e lutaram contra seus colegas de farda. Como saldo deste combate, dois soldados perderam a vida defendendo a classe operária. Esses acontecimentos certamente influenciaram os organizadores do movimento que se deflagraria na segunda quinzena do mês de novembro de 1918.

As palavras de Everardo Dias, um importante militante da causa operária naquele contexto, pode nos esclarecer melhor quais eram os fatos que instigavam os desejos revolucionários e davam certeza de que a batalha contra o Estado seria vitoriosa. Assim escreve ele,

Nós sabíamos, e os acontecimentos o haviam comprovado na Europa, que a possibilidade de implantação de um governo de estrutura socialista em um só país, após ter quebrado a resistência do capitalismo monopolista, não se daria forçosamente num país de maior florescimento industrial, mas naquele em que o proletariado contasse com forças ou aliados poderosos entre a massa popular descontente, [...]. Seria o agravamento das condições em que viviam os trabalhadores que provocaria a insurreição de maneira catastrófica. No Brasil, principalmente a situação tornara-se muito séria e vinha agravando-se de dia para dia. [...]. As forças armadas estavam também exacerbadas por lutas intestinas. Ainda era recente a “questão dos sargentos”, que por um triz não deu com o governo no chão [...]. Na Marinha continuava viva como uma chaga a lembrança do massacre cruel do Satélite e da Ilha das Cobras, [...]. Ora, quase todos os marinheiros expulsos dos quadros da Armada haviam-se proletarizado, [...] Tinha sido elaborado e discutido um programa pronunciadamente socialista e que seria o manifesto com que se apresentaria ao povo, visando à eliminação de toda a especulação, castigo exemplar aos exploradores da miséria do povo, além da nova estrutura política que a situação do momento exigia.²⁷³

Novamente notamos a Rússia como exemplo a ser seguido. Utilizando-se do contexto da época, Everardo explica o porquê deles acreditarem que aquele era o momento ideal para iniciar a derrubada do Estado. A Revolução Russa teria provado que tal feito não seria impossível, o proletariado brasileiro sofria com as condições de vida e, por isso mesmo, se movimentava; as organizações militares estavam abaladas, como prova disto havia ocorrido a recente revolta dos sargentos²⁷⁴ e, anos antes, em 1910, a

²⁷³ DIAS, Everardo. APUD. BANDEIRA, Moniz. Idem, p.119-120.

²⁷⁴ Entre o final de 1914 e o início de 1915 verificou-se a Revolta dos Sargentos, que gerou uma divisão entre a base e a cúpula do Exército, embrião do Movimento Tenentista, de grande importância na derrubada das oligarquias, em 1930. O atrativo para levar os sargentos no Rio à revolta contra o governo foi o chamado Projeto Melhoria, visando melhorar a situação dos sargentos do Exército. E, segundo o General Abílio Noronha, que mais tarde realizou o inquérito: Circunstância aproveitada pelos deputados federais Maurício Lacerda, Vicente Pirajibe, Pedro Moacyr, Rafael Cabeda e outros para manipular politicamente os sargentos e usá-los com braço

Revolta da Chibata.²⁷⁵ Sendo assim, a crença na vitória de um movimento insurrecional e na união de trabalhadores e soldados era esperado na mente dos militantes sindicais. É bem provável que Oiticica e seus camaradas não tivessem uma visão muito diferente do contexto da época, organizando assim um levante que visaria, segundo a versão oficial apresentada no inquérito policial, a derrubada do Estado e seus representantes.

Grande parte da narrativa sobre a organização do movimento que será feita aqui se baseia nos depoimentos encontrados nos autos do inquérito instaurado pela polícia depois de debelada a tentativa insurrecional de 1918. Os depoimentos estão também disponíveis no livro de Bandeira, *O ano vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*.

Segundo o chefe da Seção de Segurança Pública e Ordem Social, da Inspetoria de Investigações e Capturas, foi por fins do mês de outubro que se iniciaram as reuniões noturnas na casa do professor Oiticica. Nelas estavam sempre presentes Manuel Campos, João da Costa Pimenta, Astrojildo Pereira, Álvaro Palmeira, Carlos Dias, José Romero, José Elias e mais alguns.²⁷⁶ Ao falar da organização da insurreição, Dulles afirma que o grupo do “conselho diretor” do levante era formado por José Oiticica, Agripino Nazaré e Astrogildo Pereira. Este conselho ficaria incumbido de orientar os trabalhadores prestes a declararem greve pelas condições de trabalho.²⁷⁷ O intuito era fazer com que os operários, ao iniciar uma greve, partissem também para a luta em prol da derrubada do governo.

armado, inclusive o deputado e coronel reformado do Exército Barbosa Lima. A revolta fora marcada para se desencadear às 24 horas, de 24 dezembro de 1915, véspera do Natal ,pelos autores intelectuais da projetada revolta, com apoio do braço armado de sargentos do Exército, Brigada Policial, Corpo de Bombeiros, sargentos da Armada em menor número, pessoal da Light , estivadores e operários previamente comprometidos. Texto disponível em: <http://www.militar.com.br/blog1363-%5C>. Acessado em 20/05/2011.

²⁷⁵ **A Revolta da Chibata** foi um movimento de militares da Marinha do Brasil, planejado por cerca de dois anos e que culminou com um motim que se estendeu de 22 até 27 de novembro de 1910 na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, à época a capital do país, sob a liderança do marinheiro João Cândido Felisberto. Na ocasião rebelaram-se cerca de 2400 marinheiros contra a aplicação de castigos físicos a eles impostos (as faltas graves eram punidas com 25 chibatadas), ameaçando bombardear a cidade. Durante o primeiro dia do motim foram mortos marinheiros infiéis ao movimento e cinco oficiais que se recusaram a sair de bordo, entre eles o comandante do Encouraçado Minas Gerais, João Batista das Neves. Sobre a Revolta da Chibata ver: MAESTRI, Mário. **1910: a revolta dos Marinheiros. Uma saga negra**. 3 ed. São Paulo: Global, 1982. E a tese de Doutorado de José Miguel Arias Neto, intitulada: **Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional, 1867-1910**, USP, 2001.

²⁷⁶ BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 2º Ed, 1980, p.305.

²⁷⁷ DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1933**, op. cit, p.67.

Oiticica e seus camaradas também contavam com o apoio dos líderes dos trabalhadores das fábricas de tecidos, Manuel Castro e Joaquim Morais²⁷⁸. A adesão da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT) era crucial aos anseios dos militantes devido a sua extrema organização; como afirma Addor, “o proletariado fabril – e em particular, os operários têxteis – vai constituir a espinha dorsal do ascenso operário ao longo de toda a conjuntura de 1917 a 1920, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.”²⁷⁹ Os representantes da UOFT ficaram responsáveis por arregimentar os operários da indústria têxtil, promovendo reuniões em sua sede, juntamente com os representantes do conselho insurrecional. Outra entidade que também estava ciente do levante, e mantinha reuniões em sua sede, era a União da Construção Civil (UCC). A cargo de levar a ideia revolucionária às forças militares ficou Ricardo Corrêa Perpétua. Assim, ele deveria levar os panfletos à Vila Militar.²⁸⁰

O Tenente Ajus era vizinho de Ricardo Corrêa Perpétua e estava presente no momento em que ele recebeu os panfletos. Aproveitando de sua desatenção, retirou um deles e, ao ver o teor do assunto, foi logo ao Quartel General, sendo incumbido de acompanhar de perto a movimentação daqueles “agitadores”.²⁸¹ Segundo a matéria publicada no jornal *Correio da Manhã*, do dia 19 de novembro, um dia após a tentativa de levante, este panfletos traziam escritos, “o soldado é filho do povo: O soldado e o marinheiro são filhos do povo. Logo, o soldado e o marinheiro são irmãos do operário e com o operário se devem unir.”²⁸²

Segundo o Tenente Ajus, logo que foi incumbido de se infiltrar entre os organizadores do possível movimento insurrecional, voltou para casa e fingiu sua insatisfação com a forma de governo vigente, em uma conversa com Ricardo. Assim, o anarquista, ao saber da vontade de Ajus de substituir o governo por um semelhante ao da Rússia, convidou o Tenente a comparecer a uma reunião que trataria deste tema. Mas advertiu que antes deveria pedir autorização ao professor José Oiticica.

²⁷⁸ DULLES, John W. Foster, op. cit, loc, cit.

²⁷⁹ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**, op. cit, p.99.

²⁸⁰ BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil**, op. cit, p.306.

²⁸¹ BANDEIRA, Moniz, op. cit, p.307.

²⁸² “Dinamite em ação”, **Correio da Manhã**. Ano: XVIII, N° 7.206, Nov.1918.

Na mesma noite, Ricardo informou a Ajus que já havia conversado com Oiticica e que esse concordou com sua participação. Então, no dia seguinte, os dois foram à casa do professor para uma das reuniões. Após esta, ocorreram mais algumas, a maioria na casa de Oiticica. Seguindo o depoimento de Elias Ajus, nestas reuniões foram tratados primeiramente assuntos que informavam sobre o porquê e como se daria o levante. Assim declara:

O Prof. Oiticica começou expondo [...] que o governo atual não satisfazia mais as aspirações nacionais e que se tornava mister criar-se um governo genuinamente popular, como se fizera na Rússia, de representantes de operários e soldados; que entre os operários o movimento já estava completamente organizado, dispondo ele e seus companheiros de todos os tecelões e metalúrgicos dispostos a tudo, já armados com grandes quantidades de bombas e dinamites, de explosão por contato, aguardando apenas que fosse feita a designação do dia para a greve geral descendo os operários de Botafogo que se aproximariam do palácio do Catete e em momento dado matariam a sentinela e invadiriam o palácio, aprisionando o presidente e içando uma bandeira vermelha enquanto no mesmo momento, outros operários se reuniriam no Campo de São Cristóvão onde seria fácil o ataque a Intendência da Guerra a fim de se apossarem de armas, munições e equipamentos, enquanto que os operários de Bangu em número de dois mil saltariam em Realengo, se apoderariam das armas e munições existente na fábrica de cartuchos, que incendiariam partindo para esta cidade [...]; que lembrava ainda o Prof. Oiticica que o ataque devia ser combinado para a hora em que estivessem funcionando a Câmara e o Senado, como às duas horas da tarde, para serem presos todos os seus membros e finalizou por dizer ao declarante (Ajus) que contava com ele para remover dificuldades com elementos do Exército, ficando os dois, isto é, o professor e o declarante como chefes do movimento²⁸³

Aproveitando então da posição destacada no grupo de insurrectos, Ajus diz que seria mais conveniente se todos se encontrassem no Campo de São Cristóvão e de lá partissem para a tomada da Intendência da Guerra, assim dando sequência ao plano. Esta sugestão foi aprovada na reunião seguinte, realizada na Rua do Carmo, em uma sala onde Oiticica ministrava cursos. Neste mesmo encontro acertaram a data em que se realizaria o levante, dia 18 de novembro, às dezesseis horas, no Campo de São Cristóvão, e marcaram uma última reunião, na residência do professor, na noite que antecederia a ação para repassar o plano. Nesta reunião, realizada na casa de Oiticica, ficou combinado que ele se encontraria, do meio-dia até as quatorze horas, no segundo andar do prédio da Rua da Atlântica, para realizar os últimos exames do movimento.

²⁸³ BANDEIRA, Moniz, op. cit, p.309.

Na madrugada, após a última reunião, Ajus encontrou-se com a alta cúpula do Exército e denunciou todo o plano. Assim, as forças militares prenderam, por volta das duas horas da tarde, do dia 18 de novembro, no lugar em que estava marcado para ser realizado o exame do levante, Oiticica e “os cabeças” do movimento. Entre estes estavam, Astrojildo Pereira, Manuel Campos, Carlos Dias, Álvaro Palmeira, José Elias da Silva, João Pimenta e Agripino Nazaré.²⁸⁴ Ricardo fora preso nas imediações do lugar marcado. Sem a organização e direcionamento dos principais representantes do levante, os trabalhadores que entraram em greve iniciaram o conflito com as Forças Armadas no Campo de São Cristóvão, mas a peleja se deu de forma desorganizada, sendo facilmente vencida pelos militares. As greves continuaram, mas já no fim de novembro os trabalhadores, em sua maioria metalúrgicos e tecelões, retornaram às fábricas.²⁸⁵

A análise de autos criminais requer alguns cuidados, pois certamente em seu depoimento o Tenente Ajus (valorizando sua importância nos acontecimentos) buscava demonstrar que a vontade real de Oiticica e seus camaradas era a de implantar no Brasil o mesmo governo que havia sido implantado na Rússia em final de 1917. Mas é bem provável que o intuito desse levante grevista realmente ultrapassasse as barreiras das causas econômicas e operárias. Visto que, como já foi mencionado, havia grande admiração, por partes dos militantes envolvidos, pelo novo sistema implantado pelos soviets. Jornais dos quais eram diretores, ou artigos que publicavam em outros periódicos, sempre mostravam a admiração e a necessidade de se derrubar o sistema capitalista. Como também já vimos, havia uma crença de que aquele contexto era propício para a implantação de um novo sistema, que não sobrevivesse da exploração do homem. Astrojildo Pereira, em suas *Crônicas Subversivas*, já havia afirmado que a única solução para os problemas sociais seria “a solução anárquica”²⁸⁶, ou seja, a implantação das teorias anarquistas, e estas, como é sabido, prezam pela destruição do governo. O próprio José Oiticica, após voltar de seu desterro em Alagoas, ao ser entrevistado pela reportagem da revista *Gil Blas* e perguntado se a solução para os problemas sociais seria resolvido com uma Revolução Russa, afirma:

A Revolução Russa não será a solução de todos os problemas; será no

²⁸⁴ ADDOR, Carlos Augusto, op. cit, p.126.

²⁸⁵ DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1933**, op. cit, p.71.

²⁸⁶ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**, op. cit, p.108.

entanto, o “caminho” para a solução definitiva. [...] A Revolução Russa não é, bem certo, o anarquismo, nem o seu regime é a anarquia. Seus decretos, entretanto, são de natureza anárquica e acharam o terreno para o advento do comunismo puro. [...] Mas a felicidade tão sonhada, só virá com a definitiva organização anárquica.²⁸⁷

Além das ambições ácratas, reveladas pelos personagens do movimento de 18 de novembro de 1918, a descrição do combate realizado neste dia também pode nos fazer crer que a motivação daquele grupo não era apenas a da melhoria econômica da classe operária. Ao ser interrogado, José Oiticica afirmou que não tinha conhecimento de nenhuma dinamite, movimento armado ou derrubada do governo. Que seu anarquismo sempre foi revelado publicamente, mas que também era contra qualquer tipo de violência e que se encontrava no prédio da Rua Atlântica para ministrar aulas de grego a uma aluna. Mas o jornal *O Correio da Manhã*, ao publicar as informações sobre o conflito entre operários e forças militares no Campo São Cristovão e imediações, escreve que duas torres da *Ligth* foram dinamitadas, que o 10º Distrito Policial fora assaltado, e outras várias bananas de dinamite foram arremessadas contra as Forças Armadas, “neste conflito tombaram operários e policiais”.²⁸⁸ Outro fator que pode corroborar a análise de que aquele teria sido de fato um levante Insurrecional, é o depoimento de Ricardo Correa Perpétua, no qual afirma que os assuntos tratados por Oiticica nas reuniões eram sempre visando a explicação da necessidade de implantar aqui no Brasil um governo de operários e soldados, semelhante à Rússia.²⁸⁹

Na historiografia operária brasileira o levante é considerado como uma Insurreição anarquista, assim como nos inquéritos policiais, mas como sabemos, o movimento operário do início do século XX era composto por várias correntes ideológicas, não só a anarquista. Portanto, ao fazer esta análise, pretendi demonstrar o porquê dele ser visto desta forma ou denominado com tal, sem pretender encerrar a discussão sobre este acontecimento que, com certeza, marcou a disputa entre capital e trabalho no Rio de Janeiro.

Após ser detido na Rua Atlântica, Oiticica foi levado para a Brigada Policial, ficando então incomunicável. Somente em março de 1919 foi encerrado o processo criminal e José

²⁸⁷ OITICICA, José. “O momento Social”. *Gil Blas*, 05/ junh/ 1919.

²⁸⁸ “Dinamite em ação”, *Correio da Manhã*. Ano: XVIII, N° 7.206, Nov.1918.

²⁸⁹ BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil*, op. cit, p.318.

Oiticica acusado e condenado pelo crime de atentado, sendo considerado a liderança máxima do movimento. Agripino Nazaré, Álvaro Pimenta, Ricardo Carrêa Perpétua, Astrojildo Pereira, Carlos Dias, Manuel Campos, João da Costa Pimenta, Gaspar Gigante, Manuel Castro, Joaquim Moraes, Manuel Domingues, Oscar Silva e Adolfo Buste foram acusados como co-autores²⁹⁰. Somou-se o total de 78 prisões, os condenados brasileiros seriam desterrados para o extremo Norte do país ou Fernando de Noronha, os estrangeiros seriam deportados²⁹¹. José Oiticica seguiu, juntamente com sua esposa e filhos, para Alagoas, terra natal de seu pai.

Antes de falarmos da deportação de José Oiticica, acho necessário observarmos a relação mantida entre sua militância e sua família, pois esta havia lhe acompanhado no desterro. Trataremos então das possíveis visões dele sobre o espaço de militância e espaço familiar. Ou seja, como Oiticica via estes dois lugares? A função de pai de família seria para ele totalmente diferente da função de militante? Suas teorias ácratas influenciavam na educação de seus filhos? No próximo tópico pretendo abordar tais questões.

3.2 – Um pai de família anarquista: possíveis análises sobre educação dos filhos, espaço de militância e espaço familiar

Em entrevista já citada à revista *O Cruzeiro*, no ano de 1953, ao comentar a importância da arte na formação do homem, José Oiticica afirmou que o maior orgulho de sua vida eram seus filhos. Ao falar sobre suas formações, diz que,

José, o zoologista que ano passado foi classificado como o 10º fotógrafo-amador do mundo, Wanda, que é cantora, Vera e Selma, que se desenvolveram muito bem no bailado, Dulce que toca piano, e Sônia, estrela de teatro. Só Laura não se realizou artisticamente. Mas, acima de meus filhos, há minha mulher: há 64 anos que ela me atura. É uma santa.²⁹²

A arte para Oiticica sempre foi considerada de grande valor para formação

²⁹⁰ ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**, op. cit, p.129.

²⁹¹ “O Destino que vão ter os anarquistas”, **Correio da Manhã**. Ano: XVIII, N° 7.209, Nov.1918.

²⁹² CAMARINA, Mario. **Confissões de um anarquista Emérito**. *Revista O Cruzeiro*, 23/05/1953, Ano XXV, N.32.

intelectual e social do homem, visto que, logo ao iniciar sua militância no anarquismo, tornou-se um dos principais palestrantes de um grupo de teatro libertário. Possivelmente, a convivência de seus filhos desde cedo com o mundo das artes, também por intermédio da militância de seu pai, os influenciou nas escolhas de suas carreiras ou *hobbies*.

Oiticica possivelmente conheceu sua esposa ainda quando criança, aos 7 anos de idade, pois esta entrevista foi realizada quando ele estava por completar 71. Francisca Bulhões era sua prima e, talvez por isso mesmo, seu amor tenha sido, em um primeiro momento, censurado por seu pai. Oiticica contou com o apoio de seu irmão, Chiquinho, para que o casamento se realizasse com o consentimento de sua família.²⁹³

Ao revelar que, acima de seus filhos, estava somente sua esposa, Oiticica demonstra grande carinho e admiração pela companheira, carinho este que me parece recíproco ao observar o trecho de uma carta enviado por Francisca à Oiticica, no período em que ele esteve preso, entre os anos de 1924 a 1925. Assim escreveu ela ao marido:

Oiticica: Aqui esperarei que os grandes pensem e vejam a injustiça que estão praticando, embora sujeita a toda sorte de trabalhos e sacrifícios! Daqui não me arredo por consideração alguma, não há conforto capaz de me fazer deixar-te preso e longe de qualquer comunicação! Bem sabes que por tí sou capaz de vencer aos maiores obstáculos! Quando souber que ainda terás um ano ou mais de prisão, procurarei me manter aqui mesmo, e sem nos endividarmos. Para isso conto com minha coragem e resignação. (Rio, 21-11-1924)²⁹⁴

Mesmo o marido sendo preso por defender suas causas políticas, Francisca afirma a injustiça que o Estado estava cometendo ao mantê-lo em cárcere, assim podemos acreditar que se sua esposa não militava na causa, ao menos era tolerante com o marido em sua defesa das teorias anarquistas. Em outra carta escrita por ela, fica mais clara a demonstração do orgulho que tinha em relação às posições políticas de seu marido, pois ele havia negado recebê-la em uma visita por ter sido conseguida por meio de relações políticas, então recusou este benefício cedido. Mesmo querendo ver seu marido, Francisca afirma em carta que, apesar de não poder tê-lo visto, estava de acordo com suas idéias. Assim escreve,

²⁹³ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit p.38.

²⁹⁴ Em: Rodrigues, E. **Os libertários**. Rio de Janeiro: VJR, 1993, p.162 APUD LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op, cit, p.42.

Não fiquei zangada por não teres querido ver-me domingo, fiquei triste, mas desde que soube da razão senti-me ainda mais orgulhosa de ti. Estou de acordo contigo e se antes tivesse sabido, não teria aceiteado o oferecimento do dr. Soares Brandão que foi quem falou ao Ministro. (Rio, 12-8-1924)²⁹⁵

As profissões seguidas pelos seus filhos, as cartas trocadas com sua esposa no período em que estava preso, podem demonstrar que Oiticica não demarcava um espaço de militância, onde trataria de suas teorias anarquistas, e um espaço familiar, onde sua postura seria apenas de pai e arrimo de família. A não demarcação pode ser melhor entendida ao lembrarmos que sua própria residência foi local de reuniões para a organização da tentativa do levante de novembro de 1918. Sua casa era ainda o local onde recebia vários militantes, entre eles Maria Lacerda de Moura, feminista libertária; o romeno Eugen Relgis; o alemão Augustin Souchy, os uruguaio Carlos Rama, Luiz Aldão e Ricardo Romero, o sueco Helmut Ruder, entre outros, além do militantes anarquistas que viviam no Rio de Janeiro, como Antonia Bernardo Canellas, que, após ser acolhido por Oiticica em seu sítio na cidade de Caramujo, desejou casar-se com uma das filhas do professor²⁹⁶. Sônia Oiticica, lembrando as memórias do tempo em que vivia com os pais, relatou:

[...] ora refugiados políticos, ora parentes que chegavam de Alagoas, [...] A hora do almoço ou do jantar era maravilhosa, com o pessoal tudo em volta da mesa, em longas conversas, que nem sempre entendíamos bem, enfim era casa de brincar e morar.²⁹⁷

Assim, é possível notar que relação da militância com a vida familiar acabava sendo construída em espaços comuns, sem delimitações de onde iniciava uma ou terminava outra. Esta prática de espaço comum na relação entre militância e família parece-me não ser singular à Oiticica, visto que, ao escrever sobre o anarquismo e a família de Zenon de Almeida, Bilhão afirma que:

A transmissão da ideologia não ocorre apenas de maneira formal, durante greves e agitações, tampouco ocorre apenas nos espaços sindicais ou nas federações. A organização operária encontra espaço fértil também em volta das mesas de bares, dos cafés, no interior das casas e das pensões, da mesma maneira que a educação dos filhos, o convencimento dos novos participantes, transborda de afetividade. [...]. A organização de estratégias e de agitações, e mesmo dos textos que serão publicados nos jornais

²⁹⁵ Em: Rodrigues, E. Os libertários. Rio de Janeiro: VJR, 1993, p.60.

²⁹⁶ Entrevista de Sônia Oiticica concedida a Maria Thereza Vargas. Conferir em: LAURIS JUNIOR, Renato Luis, Idem p.38.

²⁹⁷ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.39.

anarquistas, muitas vezes ocorrem em conversas informais, entre familiares e amigos. O movimento operário convive, portanto, com a solidariedade e o afeto.²⁹⁸

Uma última análise que aqui proponho é sobre a educação direta de seus filhos. Como pai, Oiticica ensinaria os filhos a seguir as teorias anarquistas? No depoimento de Sônia, apresentado na dissertação de Lauris Junior, em que ela fala sobre a sua relação com o pai, lê-se que,

Olha meu pai ficava muito pouco tempo em casa. Quanto conversar conosco, não dava muito tempo, quem queria ia ler o que ele tinha escrito, quem queria, mas a gente admirava ele, todos nós, e minhas irmãs chamavam meu pai: -- Os camaradas já vem aí. Os camaradas era uma coisa assim meio misteriosa, que sempre tínhamos os bolinhos dos camaradas, que minha mãe fazia sempre que eles vinham.²⁹⁹

Sendo assim, parece-me que, se os filhos de José Oiticica tiveram influência das teorias anarquistas, estas vieram por meio da convivência que eles tinham com militantes ácratas em seu lar e também pela leitura dos textos de seu pai. O conhecimento do anarquismo e a admiração pela teoria viria então de uma forma mais espontânea e não imposta pela criação paterna.

Talvez Oiticica pensasse da mesma forma que Luigi Fabbri, pai de Luce Fabbri. Rago, ao falar sobre a influência do anarquismo paterno em Luce Fabbri, afirma que, “atento e zeloso quanto à formação dos filhos, Luigi se recusava a impor-lhes suas idéias e, sobretudo, negava-se a proibir, procurando aconselhar, sugerir, orientar. Acreditava que o anarquismo deveria se realizar no seio da família, como uma primeira criação”.³⁰⁰ Possivelmente, nosso personagem, ao deixar suas ideias serem conhecidas pelos seus filhos somente por meio de seus escritos, poderia também pensar que o anarquismo deve primeiro nascer em cada um e, após as reflexões feitas, eles deveriam decidir por quais caminhos e teorias seguiriam.

O carinho e orgulho pelos filhos e a importância que é dada à presença da esposa em entrevista cedida a *O Cruzeiro*, denota todo o amor que Oiticica sentia pela sua família,

²⁹⁸ BILHÃO, Isabel. “Família e o movimento operário: A anarquia dentro de casa”. In: *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, Revista de História da PUCRS, v.XXII, n.2, dez, 1996, p.209.

²⁹⁹ LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.38.

³⁰⁰ RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**, op. cit, p.39.

amor este que nos parece recíproco ao lermos os trechos citados nas cartas que sua esposa lhe enviava e nas lembranças de Sônia. Sendo assim, visto que não existia uma separação entre vida militante e vida familiar, sua família possivelmente representou papel de destaque também em sua existência libertária, apoiando-o, admirando-o e sofrendo com ele em suas escolhas.

Assim, seguiram juntamente com Oiticica para seu exílio em Alagoas. O próximo e último tópico tratará desta passagem por aquele Estado, observando Oiticica após sua prisão e deportação, ou seja, refletindo sobre como ele deu continuidade às suas idéias anárquicas.

3.3- Oiticica segue para Alagoas: análises de um desterro e seus efeitos sobre as “Idéias subversivas”

No início do ano de 1919, José Oiticica foi desterrado para Alagoas, como pena por ter “encabeçado” o “movimento grevista insurrecional do ano anterior”. As medidas repressivas tomadas pelo Estado, como desterrar as pessoas que causavam incomodo à ordem nacional, certamente visavam conseguir impedi-los de propagar as idéias subversivas, as quais poderiam colocar em risco a supremacia do capitalismo e também da estabilidade estatal, da mesmo forma que a prisão, com o seu tratamento sub-humano, os castigos e o trabalho forçado, tentavam intimidar os “subversores” e fazer com que não mais cometessem crimes contra o governo. Portanto, teoricamente, ao aprisionar ou deportar esses homens que tentavam subverter a ordem social, o Estado buscava resolver ou ao menos minorar o problema dos conflitos sociais, medida essa que, na maioria dos casos, não surtia efeito. Como foi o caso de José Oiticica.

Ao comentar sobre suas prisões, Oiticica, tentando demonstrar a inutilidade das leis repressivas como forma de resolução da causa social, escreveu que,

Não posso me queixar de minhas prisões. Sempre acabaram sendo úteis. Dessa vez aproveitei os meses de férias forçadas para uma revisão séria de meus estudos de fonética. [...]. Das autoridades só não tenho queixa pelo tempo que me deram em prisão. Em 1937, como lhe disse, pude voltar a estudar fonética depois de mais de 15 anos sem tempo para isso. Em 1925 valeu também: mandaram-me para a Ilha Rasa, depois para Ilha das Flores e mais tarde para a do Bom Jesus, senti não ter ido para Trindade

porque assim completava logo meu conhecimento das prisões de Bernardes.³⁰¹

Ao falar ironicamente das formas repressivas do Estado, Oiticica possivelmente tentava mostrar que sua teoria e suas ideias eram maiores do que as instituições mantidas pelo Estado e pela sociedade capitalista e, como já vimos no Segundo Capítulo, as leis e a força militar faziam parte delas. A construção do homem que não se abala mesmo tendo sofrido as injustas penalidades do Estado acaba por lembrar as imagens de heróis que nunca desistem de lutar pela justiça. Logo, o militante que luta e resiste, mesmo com todas as adversidades impostas pelo governo, passa a ser visto também como um herói. Tal mitificação da figura do militante serve de inspiração para que a luta contra o capital sempre permaneça.

Adhemar Lourenço da Silva Junior, citando Raoul Girardet, ao falar da criação de “Heróis Operários”, afirma que “a mitificação das condutas de determinados personagens tende a dissociá-los do tempo cronológico, de forma a produzir relatos que tem, ou deveriam ter, sempre força presente”.³⁰² Assim, os sofrimentos causados pelas leis do Estado passam a ser usados como um incentivo à continuação da luta, portanto revigoram o inconformismo contra o capitalismo, ao contrário de o arrefecer. Oiticica apresenta este sentimento em seu poema intitulado *A Prisão*:

As grandes provações tornam as causas grandes!
Nada sofro! Meu sonho há de ser sempre o que é.
Do alto do meu Sinai fito areias e landes
E prossigo a buscar Canaan, como Josué

Tenho orgulho, alma sã, das espadas que brandes!
Vieram todas de heróis que morreram de pé;
E hoje, em prol do teu povo, entre o Atlântico e os Andes.
Melhor refulgirão, núncias da tua fé.

Bendita esta prisão que anima eu surto,
Faz desta Via-Sacra o caminho mais curto
E enfeita a minha cruz ao toque dos clarins!

Bendita a provação que me ergue aos superiores,
Justifica o meu ato, unge os meus dissabores,

³⁰¹ CAMARINA, Mario. **Confissões de um anarquista Emérito**. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXV, N.32, 23/05/1953.

³⁰² SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço da. O herói no movimento operário. In OTERO, Loiva; ELMIR, Claudio. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1998, p.116.

E afirma, em toda a Terra, a glória dos meus fins³⁰³

Desta forma, José Oiticica afirma que continuará sua luta, que nem a mais dura das prisões conseguirá interromper sua “Via-Sacra” para a emancipação do homem e nem as mais duras medidas repressivas conseguirão suplantar suas teorias anarquistas. É possível notar novamente aqui a construção do herói operário que, segundo Bilhão, tem como requisito indispensável a defesa e manutenção de sua honra, logo “a exposição pública de seus atributos de honradez: sua coragem, desprendimento material, honestidade e combatividade, tornam-no digno de ser um modelo a ser seguido por todos os trabalhadores”.³⁰⁴ Esta exposição pública de atributos pode ser notada mais uma vez em um poema sem título de Oiticica, escrito durante o período em que esteve preso no Rio de Janeiro, esperando seu julgamento pela tentativa de levante, em 1918:

Irmãos, eu vos saúdo! [ilegível] presos,
Ameaçados, malditos, seu futuro,
Temos, em nossos braços indefesos
Azas de anjos e tendões de palinuro

Estes focos azuis em nós acesos,
__Luz da grande Cidade que procuro
Hão de arder ante os sátrapas [ilegível]surprêsos
Criando pôr Lei o que hoje é sonho puro

__Guerreiros da Anarquia_ os sofrimentos
São, para nós, auréola e honra sublime,
E mais nos honram quanto mais violentos

Tenhamos por bemvindas nossas dores;
Que a dor aos homens justos não oprime
E torna os mais, superiores.

(José Oiticica, 1918)³⁰⁵

As palavras de Oiticica incentivando a continuação da luta vêm mais uma vez enquadrar-se na analogia de criação da imagem de herói, pois, como afirma Silva Júnior, “O herói operário não é o que faz uma única coisa, mas que, a cada dia, coloca uma pedra a mais na construção de um status para sua pessoa [...]. Isso parece constituir o que há de

³⁰³ OITICICA, José. “A Hora”. **Sonetos (1911-1918)**, op. cit., p.181.

³⁰⁴ BILHÃO, Isabel. “Herói nacional e herói operário: análise comparativa de suas construções históricas”. In: *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, Revista de História da Universidade de Caxias do Sul, v.1, n.2, jul-dez, 2002, p.283.

³⁰⁵ Arquivo Astrojildo Pereira 1890-1965, ASMOB-Milano- Archivo Del Movimento Operário Brasileiro.

comum entre todos os modelos de herói operário: demonstrar o compromisso ao longo de toda uma vida, inclusive velhice.”³⁰⁶ No poema, ele tenta incentivar a continuação da batalha contra o capital logo após ter sofrido uma derrota para o Estado, e durante toda sua vida, ele continua afirmando sua luta em prol da anarquia, sendo diretor do jornal *Ação Direta* até o ano de sua morte, em 1957.

Parece-me mesmo que Oiticica não se deu por vencido com sua primeira condenação, pois residindo em Alagoas ele conheceu e estreitou relações de amizade com Otávio Brandão que, com a profunda admiração já existente, devido a leituras de artigos de nosso personagem, conheceu-o pessoalmente em palestras que José Oiticica teria realizado aos pescadores da região.³⁰⁷ Então pediu que o anarquista escrevesse a introdução de seu livro denominado *Canais e Lagoas*. Nesta obra, após pesquisa pelo Estado de Alagoas, Brandão buscou indicar as riquezas naturais daquele Estado.³⁰⁸

José Oiticica seguiu trabalhando ao lado de Brandão, que, influenciado pelo professor, também se declarou anarquista, durante o período em que aquele esteve em Alagoas, divulgando a idéia anarquista entre os ribeirinhos que lá residiam. O desterro de Oiticica acabou tornando-se, dessa forma, mais um período de divulgação de suas teorias ácratas, ou seja, à medida que certamente visava “calar” Oiticica e assim exterminar com a “sedição” promovida pelo anarquista, acabou por se tornar frutífero à teoria ácrata, parafraseando Petersen, cruzando assim as fronteiras estaduais. Escreve a autora:

Circunstâncias, tais como as perseguições e deportações ou a própria dinâmica da vida daqueles personagens que eram um misto de agitadores-pedagogos-animadores culturais ou ainda as características profissionais de algumas categorias, determinam uma intensa mobilidade destes sujeitos sociais através de diferentes locais do país.³⁰⁹

Dessa forma, divulgavam, propagavam e também absorviam novas idéias.

A parceria com Brandão renderia a volta de Oiticica ao Rio de Janeiro. Após a polícia local descobrir uma tentativa de “complô maximalista” achou por bem recomendar

³⁰⁶ SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço da. “O herói no movimento operário”. In OTERO, Loiva; ELMIR, Claudio. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1998, p.132.

³⁰⁷ Rodrigues, E. **Os libertários**. Rio de Janeiro: VJR, 1993, p.42.

³⁰⁸ DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1933**, op. cit, p.71.

³⁰⁹ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “Cruzando Fronteiras: As Pesquisas Regionais e a História Operária Brasileira”. Porto Alegre, **Anos 90**, N.3, junho 1995 p. 135.

que José Oiticica fosse aceito novamente à Capital Federal, mesmo ele ainda não tendo participado efetivamente de nenhuma reunião do “complô”, como afirma o periódico paulistano *A Plebe*,

O camarada José Oiticica não tinha tomado até então parte em nenhuma reunião dos anarquistas alagoanos, mas nem por isso deixou de aparecer nos noticiários dos jornais da terra. No bolso de um operário a polícia encontrou uma carta firmada por ele e dirigida a Octavio Brandão, recomendando a este que prosseguisse na campanha em prol do ideal anarquista.³¹⁰

Sua amizade, entretanto, teria fim quando o alagoano passou a defender os ideias socialistas e entrou para o Partido Comunista, após os anarquistas terem se desiludido com a Revolução Russa.

Em maio de 1919, José Oiticica desembarcou no porto da Guarda Costeira do Rio de Janeiro, juntamente com sua família, e dessa cidade só se ausentaria nos períodos de novas prisões e quando ministrou um curso na Alemanha. Oiticica continuou militando, atuando, divulgando as idéias ácratas até a data de sua morte no ano de 1957, mesmo após a corrente ter perdido sua grande influência dentro do movimento operário. Segundo Maran, José Oiticica no Rio e Leuenroth em São Paulo ajudaram a sustentar por muitos anos um pequeno grupo de anarquistas brasileiros.³¹¹

³¹⁰ A Plebe. Em: LAURIS JUNIOR, Renato Luis, op. cit, p.12.

³¹¹ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920**, op. cit, p.86.

Considerações Finais

Acredito que, ao iniciar um estudo, o historiador possivelmente parte de um fato concreto ou conhecido para, assim, efetuar análises de como se construiu tal acontecimento, dessa forma, ele já imagina o final e, portanto, a conclusão de sua pesquisa não seguiria por um viés surpreendente, ou inédito. São análises abordadas e/ou os aspectos que ele elegeu como dignos de análises em tal fato que se tornam relevantes em seu trabalho.

No caso do historiador biógrafo, quase sempre seu objeto de pesquisa já é conhecido, já se sabe a história de vida do personagem a ser biografado, mesmo que a este ainda não tenha sido reservado algum lugar de destaque dentro da historiografia. O que quero dizer é que, geralmente, tanto o historiador quanto o biógrafo já têm alguma noção do ponto final de sua pesquisa, ou do objeto pesquisado. Assim, a novidade em seu trabalho seria a possibilidade de novas análises, elaboradas por ele, e/ou o desenvolvimento de um novo ponto de vista sobre determinadas questões ou fontes.

Os feitos de José Oiticica já são conhecidos na historiografia operária brasileira. Outros autores já lhe reservaram algumas linhas ou obras, analisando principalmente sua participação no movimento operário carioca. Entretanto, neste trabalho procurei observar os percursos, os itinerários, que foram construindo a “caminhada” de Oiticica dentro deste movimento e também dentro do anarquismo no Brasil. Para tanto, me amparei nas novas discussões sobre análises biográficas, por pensar que, seguindo seus preceitos, seria possível concluir tal empreitada, visto que a trajetória de um homem não é composta por um percurso linear, direcionado, mas sim por relações, situações, possibilidades, que vão construindo sua trajetória e sua história.

Sendo assim, ao início deste trabalho, me era conhecido que José Oiticica foi um anarquista brasileiro, que atuou no movimento operário carioca, no início do século XX e defendeu a idéia ácrata até a data de sua morte, no ano de 1957. Foi a partir destas informações que elaborei inicialmente meu trabalho, levantando pontos de interrogação como: como ele se tornou anarquista? Qual era o seu anarquismo? Porque este personagem teve papel de destaque no movimento operário carioca?

Motivado por tais interrogações e amparado em algumas premissas das discussões biográficas, as quais podem permitir uma compreensão mais complexa e plural do personagem, visto que entre suas análises, para estudá-lo, devemos observar seus conflitos, suas alianças, sua interação mais geral, pois a existência dos indivíduos se relaciona às múltiplas realidades nas quais coexiste, procurei elaborar análises que poderiam permitir observar as relações de José Oiticica que lhe possibilitaram construir seu anarquismo e sua liderança no movimento operário carioca.

Busquei recuperar, como já disse na Introdução, os conflitos, as realidades, as decepções, os meios de atuação, as experiências sociais e também o ambiente sociocultural e político em que José Oiticica viveu. Estas análises ou observações, acredito, possibilitaram reconhecer alguns dos fatos singulares que foram levando o personagem a construir sua história, permitindo vislumbrar as formas como Oiticica foi compondo seu anarquismo, suas teorias sociais e exercitando sua liberdade possível dentro dos sistemas normativos. Estas análises nos permitem reconhecer, também, as relações que possibilitaram a edificação de sua história, assim nos dão a conhecer tanto as relações que ele mantinha no espaço político quanto familiar, visto que, como já foi dito, a vida do personagem ocorre na interação com o meio social em que ele vive.

As análises efetuadas neste trabalho, certamente, não são as únicas possíveis sobre o personagem José Oiticica, visto que, ao escolher determinadas fontes de pesquisa, tanto primárias quanto bibliográficas, deixo de realizar outras possibilidades interpretativas, deve-se considerar ainda que as análises das mesmas fontes poderão levar à abordagens diferentes. As interpretações que aqui realizei sobre a forma como foi se construindo o Oiticica anarquista, foram amparadas nas fontes que escolhi e, portanto, permitiram-me observar partes, aspectos dessa trajetória, deixando muitos outros na escuridão. Essa é, aliás, uma importante característica dos estudos históricos, estar em permanente construção e reconstrução.

Gostaria de retomar alguns dos aspectos dessa abordagem: Oiticica se “descobre” anarquista em uma conversa com seu primo Idelfonso, o qual, ao ouvir os clamores e as soluções do primo, afirma que aquelas ideias eram “anarquismo” puro; a partir de então, curioso para saber do que realmente se tratavam tais ideias, Oiticica passa a ter contato

com as leituras ácratas convencendo-se da legitimidade ou importância de tais teorias e se declarando militante em 1912.

Toda sua formação intelectual, a qual iniciou logo cedo, tendo frequentado importantes centros educacionais, vieram ajudá-lo na construção de sua militância, na medida em que passou a escrever artigos, palestrar, visando teorizar e divulgar suas novas idéias. Estas atividades, segundo alguns de seus admiradores, sempre eram executadas com maestria. Adjetivos como “grande mestre da oratória” e “exímio escritor e divulgador da grande teoria” eram comuns em artigos de jornais que visavam anunciar ou comentar alguma produção de José Oiticica.

Oiticica se declara anarquista, publicamente, em um artigo em homenagem à morte de Francisco Ferrer, pedagogo anarquista. Como já vimos o primeiro, entra no anarquismo pela porta do ensino, profissão que escolheu após abandonar a carreira jurídica, destoando assim do que era comum a jovens advindos das classes oligárquicas, como era seu caso. Acreditava que o ensino era a chave para a solução dos problemas sociais, mesmo antes de conhecer as teorias anarquistas. Tendo formulado as diretrizes do colégio do qual foi dono nestas bases, procurou assim matricular alunos que não tinham condições de pagar pelos estudos, sendo este um dos prováveis motivos de sua falência.

A necessidade do ensino era muito discutida entre os militantes das teorias sociais, inspirados pelas ideias iluministas, acreditavam na importância da instrução escolar para o sucesso da emancipação do homem do capital. Oiticica une sua crença no ensino com suas novas teorias e passa a atuar no meio operário, divulgando, ensinando, ministrando cursos, escrevendo, visando instruir os trabalhadores da necessidade de se implantar a anarquia. Suas teorias anárquicas não ficavam restritas ao mundo do trabalho, logo tratou de divulgá-las também entre os muros de uma instituição governamental, o Colégio Pedro II, no qual lecionou até ser aposentado, aos 70 anos de idade, no ano de 1952.

Sua entrada em tal instituição nos fez elaborar certas análises. Um anarquista trabalhando para o governo? Sem voltar a tais análises, lembro que estas podem nos levar à humanização de nosso personagem, às situações que o levaram assumir este emprego. Pensamos, então, na necessidade de sustentar sua família e também nos ideais

anarquistas, os quais afirmavam que a teoria não deveria ser pensada e divulgada apenas em uma classe, mas sim por todas as classes, sem distinção.

Oiticica seguiu então divulgando e debatendo sobre a teoria anarquista nos vários locais onde atuava, em centros de militância como a FORJ, em locais de trabalho como o Colégio Pedro II e também em sua própria residência. Visto que grande parte das reuniões que visavam organizar o levante de novembro de 1918, o qual recebeu grande influência da Revolução Russa e contou, como um de seus principais incitadores, com o nosso biografado, foram realizadas em sua casa, lugar que também era bastante frequentado por militantes anarquistas, como vimos no Terceiro Capítulo, sendo, portanto, impossível pensar que ali não se exercitava a prática das discussões da teoria ácrata.

Como apontado, parecia não existir uma separação entre lugar de militância e lugar familiar para Oiticica; em todos os lugares vivia ele suas teorias, mesmo que não se desse na prática, podemos pensar que ao menos o anarquismo sempre permeava seus passos, fosse divulgando, atuando em um sindicato ou levando seus camaradas para seu lar. E seu lar, sua família também o seguia, ou pelo menos o acompanhava no seu estilo de vida, ou sofria as consequências deste seu estilo de vida. Pois, ao ser desterrado para Alagoas, após ser preso e condenado por “encabeçar” o movimento grevista, que eclodiu no Rio em 1918, sua família o acompanhou. As cartas apresentadas, os depoimentos de Sônia, sua filha, os depoimentos do próprio Oiticica, podem revelar que suas teorias anarquistas eram conhecidas e discutidas no interior de sua casa. Assim, podemos acreditar que seu anarquismo não foi vivenciado apenas no espaço de militância, mas também no espaço familiar.

Estas trajetórias, estas relações foram, construindo os caminhos traçados por Oiticica no movimento operário carioca; seus estudos possibilitaram um amplo conhecimento que, certamente, o auxiliou na formulação de suas teorias; as decepções que foi tendo com o Estado, especialmente via concursos, pelo quais, mesmo sendo aprovado, não conseguia ser empossado, a corrupção latente no sistema político nacional, os males observados no capitalismo, o apoio da família perante suas idéias e sua forma de conduzi-las, possivelmente criaram as condições e os espaços necessários para que ele pudesse exercitar sua militância.

Acredito que as análises propostas contribuem para o conhecimento dos itinerários de Oiticica, ao menos do Oiticica anarquista. Como mencionado, não são as únicas possíveis, mas as que foram eleitas como necessárias para a realização desta dissertação. No entanto, não é a intenção deste trabalho sua exploração no sentido de esgotamento do tema. Há ainda diversas possibilidades de análises sobre a construção do anarquismo de José Oiticica e sua atuação no movimento operário carioca. Esta dissertação não busca, portanto, revelar “todo” o personagem, mas almeja, por outro lado, a partir das discussões propostas pelos estudos biográficos, propor novas hipóteses de análises, abrindo um leque de outros possíveis estudos e futuras abordagens sobre a militância de José Rodrigues Leite e Oiticica.

Estas análises futuras podem, por exemplo, nos levar a observar a construção de suas idéias, os caminhos que levaram às suas formulações, as incoerências existentes em algumas de suas “passagens”, os sofrimentos, as decisões que ele tomou ora inspirado em sua militância, ora movido pelas responsabilidades de pai. Decisões que nem sempre podiam satisfazer essas diferentes esferas de sua vida, mas que, conjuntamente, vão norteando seus caminhos. Logo, poderemos ter como resultado final, personagens diferentes dos já observados na historiografia, poderemos encontrar, homens e movimentos formados por eles, sendo assim permeados de incoerências e coerências, de vontades pessoais e desejos plurais, de discordâncias e concordâncias de idéias e não apenas homens que sempre foram revolucionários ou movimentos cristalizados que seguiram de uma forma “reta” seus princípios norteadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias:

“A Conflagração européia: O móvel das guerras de conquista”. **A Vida**, Ano 1, nº2, dez. 1914.

“Congresso Anarquista Sul-Americano”. **Na Barricada**, Ano 1, nº19, out. 1915.

“Congresso Internacional da Paz”. **Na Barricada**, Ano 1, nº17, set. 1915.

“Dinamite em ação”, **Correio da Manhã**. Ano: XVIII, Nº 7.206, Nov.1918.

“Federação Operária do Rio de Janeiro, as classes laboriosas agitam-se contra a carestia de vida”. **O Clarim**, Ano 5, Nº 76, Março de 1917.

“O Destino que vão ter os anarquistas”. **Correio da Manhã**. Ano: XVIII, Nº 7.209, Nov.1918.

“O nosso Anticlericalismo”. **A lanterna**, ano XII ,Nº191, ano XII, mar. 1913.

“O que é a Anarquia”. **Boletim da Aliança anarquista do Rio de Janeiro**, Nº 1, Fev. 1918.

“Operários e Soldados”. **O Debate**. Ano: I, Nº 6, Ago.1917.

“Série de Conferências mensais”. **A Guerra Social**. Ano: II, Nº22, ago. 1912.

A Vida, Ano 1, nº5, mar 1915.

A Vida, Ano 1, nº7, mar 1915.

ANDRADE, Teófilo de. “Oiticica e os Aglossói”. **O Jornal** (RJ), 2-3 nov. 1957.

CAMARINA, Mario. **Confissões de um anarquista Emérito**. *Revista O Cruzeiro*, 23/05/1953, Ano XXV, N.32.

“Documentos do Movimento Operário: resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro”. In: **Estudos Sociais**, nº 16, março/1963, p. 387-398.

OITICICA, José. “A questão operária. Carta aberta de José Oiticica ao Sr.Dr. Aurelino Leal”. **O Cosmopolita**. Ano II, Nº30, abr. 1918.

_____ é. “A questão social (mais alto)”. **O Rebelde**, mai. 1919.

_____. “Ainda o padre França”. **Correio da Manhã**. Nov.1926.

- _____. “As causas do crime”. **Na Barricada**, Ano 1, nº13, set. 1915.
- _____. “Culto á forma”. **Correio da Manhã**, dez. 1921.
- _____. “Eloquente”. **Spartacus**, Nº24, Jan. 1920.
- _____. “Francisco Ferrer e a humanidade nova”. **A Lanterna**, out.1912.
- _____. “Imposível”. **Liberdade**, Nº 31, jun. 1919.
- _____. “Movimento anarquista: atuação anarquistas nos sindicatos”. **Ação Direta**, Ano 1, Nº4, 07/05/1946.
- _____. “O desperdício da energia feminina”. **A Vida**, Ano 1, nº1, nov. 1914.
- _____. “O Momento Social”. **Gil Blas**, 16/ maio/1919.
- _____. “O Motivo”. **Liberdade**. Nov. 1918.
- _____. “O que são”. **Spartacus**. N. 19, Dez. 1919.
- _____. “Quarta carta ao Dr. Silva Marques”. **Na Barricada**. N. 18, Out. 1915.
- _____. “Segunda Carta ao Dr. Silva Marques”. **Na Barricada**, Ano 1, nº15, set. 1915.
- _____. “Sem título”. **O Cosmopolita**. Ano II, Nº27, fev. 1918.
- _____. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo, Econômica, 2º Ed, 1983.
- _____. **Estatutos do Colégio Latino Americano**. Rio de Janeiro: Thipographia da Gazeta de Notícias, 1905.
- _____. Poema sem título escrito no período em que se encontrava preso no Rio de Janeiro em novembro de 1918, o qual pode ser encontrado no Arquivo Astrojildo Pereira 1890-1965, ASMOB-Milano- Archivo Del Movimento Operário Brasileiro. UNESP, São Paulo.
- _____. **Sonetos (1911-1918)**. Maceió, Linotypia da Casa Ramalho, 1919.
- REZENDE, Lírio. “José Oiticica”. **Liberdade**. Ano: III, Nº 33, ago. 1919.
- ROMERO, José, “José Oiticica: recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário”, **Ação Direta**. Ano 11, nº120, ago-set. 1957.
- VITAL, Eduardo, “A Guerra”. **A Lanterna** Ano XII, nº262, set. 1914.

Bibliografia Geral

ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2º Ed. 2002.

ALVES, Paulo. **A verdade da repressão: Práticas Penais e outras estratégias na Ordem Republicana (1890-1921)**. São Paulo : Editora Arte & Ciências/ UNIP, 1997.

_____. **Anarquismo e Anarcossindicalismo: Teoria e prática no movimento operário brasileiro 1906-1922**. Curitiba : Aos quatro ventos, 2002.

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. **Colégio Pedro II: Um Lugar de Memória**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) em História. Rio de Janeiro, 1999.

ARAÚJO, Angela M. C. (org). **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo, Scritta, 1997.

ARIAS NETO, José Miguel. **Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional, 1867-1910**, São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 2001.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. “Biografia e Gênero”. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed UFRS, 2000.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Ano Vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BARRANCOS, Dora. **A escena iluminada. Ciências para trabajadores (1890-1930)**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1996.

BARTZ, Frederico Duarte. **O Horizonte Vermelho: O impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920**. Porto Alegre, UFRGS, Dissertação de Mestrado, 2008.

BATALHA, Claudio. “A difusão do Marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX”. In MORAES, João Quartim de. **História do Marxismo no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

_____. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2000.

_____. “Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva”. In: FERREIRA, Jorge / DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **Brasil Republicano: O Tempo do Liberalismo Excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BILHÃO, Isabel. “Família e o movimento operário: A anarquia dentro de casa”. In: **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, Revista de História da PUCRS, v. XXII, n.2, dez, 1996.

_____. “Herói nacional e herói operário: análise comparativa de suas construções históricas”. In: **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, Revista de História da Universidade de Caxias do Sul, v.1, n.2, jul-dez, 2002.

_____. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre, 1906-1911)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. **Identidade e Trabalho: Uma História do Operariado Porto Alegrense (1898-1920)**. Londrina: EDUEL, 2008.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar Libertário: Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921**. Campinas, Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

CARONE, Edgar. **A Republica Velha, instituições e classes sociais**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 2001.

_____. **A construção da ordem, a elite política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed. 2006.

CHRISTOFARO, Maria Auxiliadora, **A organização do sistema educacional**. Texto de apoio elaborado especialmente para o Curso de Especialização em Desenvolvimento de Recursos Humanos de Saúde – CADRHU.

CORRÊA, Viriato. “Discurso de homenagem na Academia”. **Jornal do Comércio** (RJ), 7 jul. 1957.

DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs). **História do Anarquismo no Brasil, vol. I**. Niterói: EDUFF, 2006.

DIAS, Everardo, **Historia das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Edições L. B., 1962.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1933**. Trad. César Parreiras, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. (org) SCHOROTER, Michael, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. 3ed. São Paulo: DIFEL, 1977.

FRENCH, John. **O ABC dos Operários: 1900-1950**. São Caetano: Hucitz, 1995.

GÓES, Maria Conceição Pinto. **A Formação da Classe Trabalhadora: Movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888-1911**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GUINSBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão, São Paulo: Cia das Letras, 2007.

HAIKE, Roselane Kleber da Silva. "Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs?" IN: **Métis: história e cultura**. Caxias do Sul: EDUSC, v.2,n.3, jan-jun/2003.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão: Memória Operária, Cultura e Literatura no Brasil**. 3º Ed, São Paulo: UNESP, 2002.

JOANILHO, André Luiz. **O corpo de quem trabalha: estratégias para a construção do trabalhador**. Londrina: EDUEL, 1996.

KHOURY, Yara Aun. "Edgard Leuenroth: Uma Vida e um arquivo libertários". São Paulo: **Rev. Bras. de História**, v.17, N°33, 1997.

LAURIS JUNIOR, Renato Luis. **José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista**. Dissertação de Mestrado em História. UNESP-Assis, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campina: Ed. UNICAMP, 1990.

LEMOS Renato, **Benjamin Constant: Vida e História**. Rio de Janeiro: Ed. Art Line Produções Gráficas Ltda, 1999.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história". In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. "Usos da Biografia". IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

LOPES, Milton. **A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro**. In: BORGES, Rafael e FILHO, Daniel Aarão Reis (org). **História do Anarquismo no Brasil (volume I)**. Niterói, EdUFF, 2006.

LOPREATO, Christina Roquete. **O espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000.

LORIGA, Sabina. "A Biografia como problema". In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996.

MAESTRI, Mário. **1910: a revolta dos Marinheiros. Uma saga negra**. 3 ed. São Paulo: Global, 1982.

MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920**. Trad: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARÇAL, João Batista. **Os Anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha**. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**, EPU-MEC, 1976.

NAVA, Pedro, **Balão cativo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 3ª ed., 1977.

NEVES, Roberto das (org) **Ação Direta**. Rio de Janeiro: Germinal, 1972.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativa da relação entre o Estado e o Movimento Operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX**. Dissertação de Mestrado, PPG-História, UFRGS, 2003.

OMENA, Maria Aparecida Munhoz de. **Anarquia nos sonetos de José Oiticica? Revista Litteris**. ISSN: 1983 7429, n° 3, 2009.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Cruzando Fronteiras: As Pesquisas Regionais e a História Operária Brasileira**. Porto Alegre: Anos 90, N.3, junho 1995.

PRADO, Antonio Arnoni. **Elucubrações dramáticas do professor Oiticica**. Estud. av. online. Sept./Dec. 2000, vol.14, no.40 cited 31 May 2006, p.267-297.

RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade. Luce Fabbrì e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Livraria Martins, 6° Ed. 1967.

REVEL, Jaques. **Jogos e Escalas, a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FUG. 1998.

RICCI, Magda. "Como se faz um vulto na história do Brasil". In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et all. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed UFRS, 2000.

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil: 1675-1913**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

_____. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

_____. **Os Libertários**. Rio de Janeiro: VRJ, 1993.

ROSENTAL, Paul-André. “Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Frederick Barth e a ‘microhistória’”. IN: REVEL, Jacques (org). **Jogos de Escalas: A experiência da microanálise**. Trad: Dora Rocha, Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RUDY, Cleber. “Utopias anarquistas no frenesi da Revolução Russa: experiência e anseios do movimento libertário brasileiro”. In: **O Olho da História**, N° 11, dez. 2008.

SAFÓN, Ramón. **O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Y Guardia**. São Paulo: Imaginário, 2003.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. “Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos”. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Arão. **A Formação das Tradições 1889-1945**, (col. As esquerdas no Brasil), vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O Biógrafo: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

_____. “A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de contexto”. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et all. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed UFRS, 2000.

_____. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. “O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, n° 41, 2001.

_____. **O patriarca e o Tribuno: Caminhos, encruzilhadas e ponte de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**, Tese de Doutorado em História. UNICAMP, 2002.

_____. “Entrevista com Sabina Loriga: A história biográfica”. **Métis. História & Cultura**, Caxias do Sul, p. 11-23, jun. 2003.

_____. “A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907”. *História em Revista*. Pelotas, UFPel, (6), dezembro de 2000.

SEIGISMUNDO, Fernando, **Colégio Pedro II: Tradição e Modernidade**. Rio de Janeiro: Unigraf, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ªed. CIA das Letras, São Paulo, 2003.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço da. O herói no movimento operário. In OTERO, Loiva; ELMIR, Claudio. **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

TELES, Jover. **O movimento sindical no Brasil**. Rio de Janeiro, Vitória, 1962.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 2004.

_____. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Arão. **As Formações das Tradições 1889-1945**, (col. As esquerdas no Brasil), vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e Anticlericalismo**. São Paulo: Imaginário, 2000.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WOODCOCK, George. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**. Trad: Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.

XAVIER, Regina Célia Lima. “O desafio do trabalho biográfico”. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et all. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed UFRS, 2000.

Sites Pesquisados.

LOPES, Milton, **Memória anarquista do Centro Galego do Rio de Janeiro**. Disponível em:

<http://marquesdacosta.wordpress.com/textos/memoria-anarquista-do-centro-galego-do-rio-de-janeiro-milton-lobes/> acesso em: 24 jul. de 2010.